



PÁGINAS DA REVOLUÇÃO

UMA VISÃO
DO MUNDO SOCIALISTA E
DA IMPRENSA CUBANA PÓS-FIDEL







PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA
CURSO DE JORNALISMO INTERNACIONAL

Projeto de Pesquisa

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO

UMA VISÃO
DO MUNDO SOCIALISTA E
DA IMPRENSA CUBANA PÓS-FIDEL

Carolina Adensohn de Souza

São Paulo 2011







CAROLINA ADENSOHN DE SOUZA

Projeto de Pesquisa

PÁGINAS DA REVOLUÇÃO:

UMA VISÃO DO MUNDO SOCIALISTA E DA IMPRENSA CUBANA PÓS-FIDEL

Apresentação de livro-reportagem como projeto de conclusão de curso de Especialização em Comunicação Jornalística, exigência parcial para a obtenção de grau de Especialização em Jornalismo Internacional, sob orientação do professor Reginaldo Mattar Nasser.

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo 2011



Copyright “©” 2010 da Autora
Todos os direitos desta edição reservados

Capa
Otávio Falcão

Diagramação e projeto gráfico
Carolina Adensohn

Revisão
Carolina Adensohn

SOUZA, Carolina Adensohn.

Páginas da Revolução: Uma visão do mundo socialista e da imprensa cubana pós-Fidel/ Carolina Adensohn de Souza. –

São Paulo: 2011.

147 f.; 30 cm.

Coordenação Reginaldo Mattar Nasser; Orientação Reginaldo Mattar Nasser.

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação - Especialização em Comunicação Jornalística, com ênfase em jornalismo internacional, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

Inclui anexo e bibliografia.

1. Imprensa. 2. Cuba. 3. Fidel Castro. 4. Censura. 5. Revolução Cubana. I. Título.

CDU 027.7

2011



Dedico este livro a todos aqueles que de alguma forma contribuíram com a sua elaboração, pois sem cada um de vocês ele não se tornaria parte da minha história.

Aos familiares e amigos que sempre acreditaram que este dia se tornaria realidade, dando-me forças, mesmo que inconscientemente para continuar.

*Aos grandes escritores de outrora, que me inspiram até hoje e me fazem acreditar, a cada dia, que vale a pena sonhar.
Ao povo cubano, que tão bem me recebeu e contribuiu com todas essas páginas de revolução.*

*Todos os que contribuíram saibam que fazem parte de um sonho possível e que, por isso, sou e serei eternamente grata.
A todos vocês, obrigada!*







“É necessário abrir os olhos e perceber que as coisas boas estão dentro de nós, onde os sentimentos não precisam de motivos nem os desejos de razão. O importante é aproveitar o momento e aprender sua duração, pois a vida está nos olhos de quem saber ver.”, Gabriel García Marquez

“Fale a verdade, seja ela qual for, clara e objetivamente, usando um toque de voz tranquilo e agradável, liberto de qualquer preconceito ou hostilidade.”, Dalai-Lama





Sumário

A História me absolverá	12
PARTE I - CAPITULANDO	
A-kuba, a-kúba e u-kuba - Solo, Campo e Terreno	14
A Geologia Cubana	18
La revolucion del pueblo, para el pueblo y por el pueblo	20
El Caimán Barbudo ou o surgimento de um líder	22
La Coubre ou A Revolução dentro da Revolução	26
O surgimento do Estado-Nacional Cubano	29
¡ No Passarán! USA	31
A Contribuição Norte-Americana	33
Identidade Nacional e o Nacionalismo	35
O início de uma nova concepção ideológica – Hay que saber tirar y tirar bien	36
Sejamos como “Che” ou simplesmente Guevarismo	38
O Governo de Cuba	43
La Libreta	44
Generación de las dudas	46
PARTE II – EXTRA, EXTRA	
Condicionamento e Dominação ideológica em Cuba	49
O papel da imprensa cubana	50
Impressões das páginas revolucionárias	53
“Granma” – à deriva no governo	56
Outras formas de comunicação do regime	59
A imprensa e o governo Socialista	62
A imprensa cubana e a expressão de opinião	64
O papel do jornalista na imprensa cubana	66
A imprensa a serviço da sociedade	68
A imprensa e o debate democrático	70
Cuba e a imprensa mundial	72
A cobertura internacional cubana	76
A formação de opinião em Cuba	77
Influência da imprensa na população	79
Expectativa da população quanto à imprensa local	80
A Questão Y – Blog	81
Impressões Finais	84
Relato de um Naufrago	91
APÊNDICE A - Informações Adicionais	92
ANEXOS	
ANEXO A - Constitución de la Republica de Cuba (Imprensa)	93
ANEXO B - Abdala de José Martí	94
ANEXO C - El diablo cojuelo de José Martí	103
ANEXO D - El Siboney de José Martí	108
ANEXO E - La historia me absolverá de Fidel Castro Ruz	109
Referências Bibliográficas	143



A História me absolverá

“A vitória das ideias é a vitória dos portadores materiais das ideias”, Bertold Brecht

Uma ideia que se transforma em ação. É isso que move o mundo. Ideias! A história está cheia delas, aliás, se não fossem as ideias, não haveria história. É impressionante como a simples concepção de algo, possa tornar-se tão grandioso, a ponto de permanecer nas páginas intermináveis da História. Essa, que se escreve com maiúscula e testemunha a ação do homem no tempo e no espaço, permeando a vida de cada ser-humano.

Alguns pensam em escrevê-la, outros a escrevem sem esforço e sem pensar, mas as consequências destas ações permanecem, independentemente de como foram escritas. Agora, para contá-las não basta transcrever os feitos em narrativa e prosa, mas detalhá-las de forma tão significativa, para que o leitor possa revivê-las e, quem sabe até, senti-las.

Foi assim em 1959, quando um grupo de, aproximadamente, 80 homens, liderados por Fidel Castro Ruz, Camilo Cienfuegos e Ernesto “Che” Guevara, mudou o rumo e a trajetória de uma ilha, localizada ao norte do Mar do Caribe, varrendo e sacudindo 104.945 km² de superfície, sobretudo sua capital, Havana.





Mapa elaborado por Juan de la Cosa, navegador, explorador e conquistador espanhol, que navegou com Cristóvão Colombo, em 1500. A primeira representação do Novo Mundo





PARTE I - CAPITULANDO

A-kuba, a-kúba e u-kuba - Solo, Campo e Terreno

“Ali soube, da boca de seus moradores, os chamados índios lucayos (de luku- ‘ser humano, gente’ + cayo ‘ilha’: ‘habitantes dos cayos’), que mais ao sul existia outra ilha grande, que acredito que deve ser Cipango, segundo as informações que me dão estes índios que eu trago (anotação de 21 de outubro de 1492).”, Cristóvão Colombo

Para tratar da relevância da imprensa cubana para a estruturação e edificação da Cuba que vemos hoje, é necessário compreender a história dessa nação única. Se fossemos definir os valores do povo cubano em uma só palavra, definitivamente, esta seria: Luta!

Esse “pequeno” país em termos territoriais mostrou-se maior do que muitos outros no que se refere à defesa de seus ideais e de busca por melhorias para a sua população. A eterna luta por justiça e pela não exploração de seu povo, se reflete em diversos episódios de sua trajetória, visando ter o direito de se manter unificado e respeitado no cenário mundial.

Desde sua descoberta por Cristóvão Colombo, em 27 de outubro de 1492, Cuba já se mostrava peculiar. Não é à toa que a “terra mais formosa que olhos humanos viram”, segundo relatos do próprio descobridor, carrega em seu nome um “resumo” de sua trajetória.

Terra. Tudo que permeia Cuba, está relacionado a terra. À primeira vista, ela encantou, devido aos seus atrativos naturais, os descobridores e navegantes que por ela passaram. Com o passar dos anos, permaneceu atraindo olhares, contudo o conceito de terra havia mudado. Esse é um dos fatores que comprova que Cuba nasceu para fazer História!

Desde o começo, a revolução pela terra fez parte de Cuba. Logo a primeira guerra tinha a terra como pano de fundo, mas dessa vez trata-se de uma diferente definição. A primeira revolução cubana foi pelo direito de se chamar Cuba e não La Isla Fernandina de Cuba, em homenagem aos Reis Católicos (Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, que unificaram os reinos ibéricos no país que se tornou Espanha). “Nessa luta pelo autóctone, por nossas raízes, numa sociedade mestiça onde cubano já significava mais que ser branco, mais que ser negro, ao dizer de José Martí, somente tinha cabimento o nome nativo da ilha”¹.

Apesar de descoberta em 1492, sua colonização teve início somente a partir de 1509. A própria cidade de Havana, capital do país, só foi fundada em 1514, por Diego Velázquez de Cuéllar (conquistador espanhol e governador de Cuba de 1511 até sua morte em 1524).

Cuba foi, durante quatro séculos, uma colônia explorada pela Espanha. Com o esgotamento dos metais preciosos no país, a base de sua economia, a partir do século XVIII, tornou-se a produção açucareira. No século XIX, os EUA se tornam o principal comprador do açúcar cubano.

“O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! - esse é o lema do Iluminismo.”, Immanuel Kant

A segunda insurreição cubana deu-se por uma mais tradicional definição de terra, o chamado território. Em 10 de outubro de 1868, houve a sublevação que iniciou a “Guerra dos Dez Anos”.

A luta pela independência de Cuba teve origem nos pensamentos liberais iluministas de Carlos Manuel

¹ Citação retirada do site: <http://www.vitruvio.com.br/revistas/read/drops/08.021/1742>





Céspedes del Castillo, que redigiu a declaração de independência de Cuba, em 1868, que deu início à Guerra dos Dez Anos, também conhecida como Grande Guerra, que durou de 1868 a 1878. Carlos Manuel de Céspedes del Castillo foi um latifundiário e advogado do Leste de Cuba, com educação europeia. Ele se levantou contra o governo espanhol e deu o Grito de Yara, declarando a independência do país e entrando em guerra contra o governo espanhol em Cuba. Essa também foi a primeira tentativa de libertação dos escravos em Cuba. Hugh Thomas, historiador britânico, resumiu desta forma: “A guerra foi um conflito entre crioulos (nascidos em Cuba) e peninsulares (imigrantes espanhóis)”. Céspedes acabou deposto em 1873, pelas tropas espanholas, em um golpe de liderança. Contudo, a insurreição só terminou em 1878, com o Pacto de Zanjón ou Paz de Zanjón, que marcou a rendição das tropas revolucionárias ante o exército espanhol.

Entre as estipulações do documento estavam as seguintes condições:

- Rendição incondicional das forças cubanas ao exército espanhol;
- Aceitação do enfraquecimento e desmoralização das tropas cubanas;
- Reconhecimento do governo espanhol como a maior autoridade em Cuba;
- Formação de partidos políticos que lutaram contra os espanhóis;
- Libertação somente dos escravos que serviram nas fileiras;
- Liberdade de imprensa e de reunião, enquanto não utilizados para atacar a Espanha.
- Carlos Manuel Céspedes del Castillo acabou conhecido como Padre de la Patria (Pai da Pátria).

Logo após a Guerra dos Dez anos, Cuba se viu em mais uma batalha pela terra. Desta vez, o conceito de terra era outro. A luta foi pela propriedade. A guerra pela independência cubana continua em 1892, com o grande mártir da independência do país em relação à Espanha, o poeta, escritor, orador e jornalista José Martí. O início da batalha se deu, entre outros fatores, pelo não cumprimento do Pacto de Zanjón.

José Martí iniciou sua participação política escrevendo e distribuindo jornais com conteúdo separatista no início da Guerra dos Dez Anos. Durante esse período, Martí publicou a folha impressa separatista “El Diablo Cojuelo²” e a única edição da revista “La Patria Libre”. Também foi nesse período que produziu e divulgou o periódico manuscrito “El Siboney³”. Devido à produção destes materiais, considerados revolucionários pelo governo espanhol, Martí foi preso e, logo após, deportado para a Espanha.

Seu retorno a Cuba foi marcado pela vigilância constante por parte das forças de segurança espanholas, o que fez com que Martí viajasse para outros países americanos, como Guatemala, Venezuela, México e Estados Unidos. E foi neste último que fundou o Partido Revolucionário Cubano, articulando uma nova revolução para conquistar a liberdade do país, perante o domínio Espanhol.

Ao voltar à Cuba pela segunda vez, Martí lidera a guerra pela independência cubana contra o domínio espanhol. O carismático líder uniu várias figuras e conseguiu representar a unidade e os interesses populares. Contudo, em 1895, um mês após o início do conflito, acabou morrendo em combate, sendo mutilado pelos soldados espanhóis e exibido à população.

Mesmo após a morte de José Martí, a guerra pela independência de Cuba continuou, só acabando após a intervenção do EUA. Em 1898, após a explosão do navio norte-americano USS Maine, ancorado em

² Anexo C, página 103.

³ Anexo D página 108.





Havana, os ianques declaram guerra à Espanha, a quem atribuem o ataque. Os Estados Unidos passam a atacar e invadir os territórios espanhóis no Caribe e no Pacífico. A superioridade militar norte-americana obriga os espanhóis à rendição. Com a derrota, os espanhóis se retiram e Cuba assina com os EUA o Tratado de Paris, encerrando a dominação espanhola na ilha, que se tornou protetorado estadunidense. Sendo assim, acaba a luta pela independência com a Espanha, se tornando, Cuba, colônia dos Estados Unidos.

“O povo de Cuba é e por direito deve ser livre e independente. Os Estados Unidos por intermédio da presente declaram não tem vontade nem intenção de exercer soberania, jurisdição ou domínio sobre esta Ilha, exceto para sua pacificação, e assevera sua determinação, quando a mesma seja atingida, de entregar o governo e o domínio da Ilha a seu povo.”, William McKinley⁴

Os EUA acabam se instalando na ilha, mas o descontentamento cubano faz com que saiam, em 1902. Mas não sem antes inserirem um dispositivo legal, na Carta Constitucional de Cuba, a chamada Emenda Platt, que autorizava os Estados Unidos da América a intervir no país a qualquer momento em que os interesses recíprocos de ambas as nações fossem ameaçados. Isso fez com que o protetorado norte-americano durasse até 1933, ano em que o sargento afro-descendente, Fulgêncio Batista, derruba, em um golpe militar, a ditadura de Geraldo Machado (presidente do país, que subiu ao poder em 1925).

Dessa forma, enfim, é criada a república de Cuba, em 20 de maio de 1902. E assim formou-se esse arquipélago de 104.945 km² e uma extensão territorial de 1.200 km, formado por, aproximadamente, 4.195 restingas, ilhotas e ilhas, sendo as maiores a Ilha de Cuba, na qual está localizada a capital do país, Havana (La Habana), e a Ilha da Juventude. É considerada a 16a maior ilha do mundo. A população de Cuba gira em torno de 11.477.459⁵ milhões de habitantes.

É exatamente após essa transformação em Cuba, que se dá a última batalha pela terra no país. Agora, a luta é por esse território geograficamente delimitado e habitado por uma coletividade com história própria, uma história de LUTA.



José Martí, fundador do Partido Revolucionário Cubano

⁴ Resolução Conjunta, assinada em 20 de abril de 1898 pelo presidente dos EUA à época.

⁵ Dados tirados do site da CIA (EUA): <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cu.html>





Mapa de CUBA





A Geologia Cubana

“Comparando o Estado com um ser vivo, Kjellén multiplicou –se numa série de analogias: o território seria o corpo, a capital representaria o coração e os pulmões, as vias de transporte corresponderiam às artérias e às veias, os centros de produção seriam as mãos e os pés. Segundo ele, o verdadeiro poderio do Estado resulta da existência de três condições essenciais: a) grande espaço; b) ampla liberdade de movimentos; c) perfeita coesão interna.”, Aroldo de Azevedo.

Segundo o Instituto de Geociência da USP, “geologia é a ciência natural que, através das ciências exatas e básicas (Matemática, Física e Química) e de todas as suas ferramentas, investiga o meio natural do planeta, interagindo inclusive com a Biologia em vários aspectos”. Essa ciência auxilia a “conhecer o nosso habitat e, por consequência, agir de modo responsável nas atividades humanas de ocupar, utilizar e controlar os materiais e os fenômenos naturais”. Os dados obtidos pela geologia também podem ser utilizados para compreender a formação do Estado-Nacional e também da identidade nacional e, até mesmo, pode auxiliar na forma política de condução do Estado.

O conceito de geopolítica nasce na Alemanha, espaço vital (em alemão, Lebensraum). O espaço vital seria o espaço necessário para a expansão territorial de um povo, onde as necessidades, relativas à dominação territorial, recursos minerais etc., desse povo seriam realizadas.

Este é um tema fundamental a se tratar para compreender a revolução cubana. Pois sua geologia e geopolítica interferiram diretamente na formação do Estado-Nacional cubano, tal como é hoje.

A República de Cuba é um país insular americano, localizado no norte do Mar do Caribe. Os territórios mais próximos são as Bahamas, a nordeste; o Haiti, a sudeste; os Estados Unidos da América, ao norte; as Ilhas Caymans (colônia britânica), ao sul; a Jamaica também ao sul; e o território norte-americano de Navassa, ainda ao sul.

A República compreende toda a ilha, incluindo as ilhas próximas, com exceção da Baía de Guantánamo, - base naval pertencente aos Estados Unidos desde 1903. Havana é a maior cidade e a capital do país, e Santiago de Cuba e Camagüey são outras importantes cidades.

O clima de Cuba é tropical, embora temperado pelos ventos Alísios. As estações climáticas variam de seca, de novembro a abril, e mais chuvosa, de maio a outubro. Dados Geológicos apontam sérias dificuldades provocadas por desastres naturais, como os furacões, que diversas vezes atingem a ilha, devastando a agricultura e salinas, e destruindo casas e escolas.

Essas características enfraquecem a nação do ponto de vista geopolítico, visto que seus próprios limites territoriais são um problema, sobretudo para o comércio – que hoje é o que define e estipula o “poder” de um país. Segundo o sueco Rudolf Kjellen, que inspirou os teóricos do Instituto Geopolítico de Munique, a geopolítica deve se basear, sobretudo, no fato de que toda potência precisa controlar um espaço geográfico suficientemente grande para garantir sua segurança e possibilitar uma lucrativa exploração econômica, o que não é o caso de Cuba.

Por ser uma potência insular, na avaliação de Nicholas J. Spykman, embora goze de uma posição geográfica privilegiada, a tridimensionalidade dos conflitos armados (devido ao desenvolvimento dos poderes terrestre, naval e aéreo) ameaça inevitavelmente a segurança da nação.

Esses dados foram de extrema relevância para a decisão dos EUA em ter Cuba como local estratégico e tentar mantê-la sob seu protetorado, assim como para os rebeldes cubanos que iniciaram a mais importante revolução do país, a Revolução Cubana.

Foi exatamente devido à sua geologia e geopolítica, que foi possível aos insurgentes, sob o comando de





Fidel Castro, a não só entrar em Cuba, mas recuperar o controle do país, por meio da guerra de guerrilha, criada por Che Guevara.





La revolucion del pueblo, para el pueblo y por el pueblo

“Nós demonstramos que um grupo pequeno de homens que determinados, apoiados pelo povo e sem medo de morrer, pode superar um exército normal... Trouxemos outra lição para nossos irmãos na América [Latina], economicamente na mesma situação agrária que nós, onde se deve fazer revoluções agrárias, lutar nos campos, nas montanhas, e daqui levar a revolução para as cidades, e não tentar fazê-la mais tarde...”, Che Guevara.

Após a saída dos EUA do território cubano, a ilha passa por um período turbulento. Os primeiros 40 anos do século XX foram marcados por governos militares e civis corruptos, que deterioraram a política de Cuba. Após o regime repressivo do general Machado (1925 – 1936), de Miguel Mariano Gómez (1936 – 1940), do coronel Fulgêncio Batista (eleito em 1940 – 1944 - seu governo mantinha uma “orientação socialista”, o que se opunha aos interesses dos EUA), Dr. Ramón Grau San Martín (1944 – 1948) e de Carlos Prío Socarrás (1948 – 1952), Fulgêncio Batista volta ao poder depondo Socarrás em um golpe de Estado, apoiado por diversos partidos políticos cubanos, sob pretexto da corrupção e violência praticadas.

Assim instala-se a ditadura em Cuba. O grande desequilíbrio econômico-social e a política de Batista geram o descontentamento das classes média e baixa, que deram início a inúmeros protestos e mobilizações que tinham como base as ideias revolucionárias descendentes do bloco soviético.

O mais importante movimento revolucionário foi o Movimento 26 de Julho, criado e encabeçado por Fidel Alejandro Castro Ruz (Fidel Castro) e Ernesto Guevara Lynch de la Serna (Che Guevara), que marcharam para Havana, visando depor o governo de Fulgêncio Batista.

O Movimento 26 de Julho preocupava-se em defender uma economia baseada na planificação democrática, que fosse compatível com as liberdades individuais e rechaçar qualquer poder ditatorial que surgisse com a centralização da economia. Foi responsável pela aglutinação de classes sociais com setores muitas vezes antagônicos entre si. No entanto, todas essas correntes queriam o fim da ditadura e a libertação nacional das mãos de Batista.

O Movimento tinha total autonomia em relação ao Partido Socialista Popular - PSP e só aderiu ao exército rebelde nos últimos meses de 1958. Dividia-se em duas tendências: a guerrilha rural, favorável a uma revolução social e antiimperialista, e a guerrilha urbana, que defendia que o governo fosse conduzido pelos civis. Também havia o Diretório Revolucionário, formado por estudantes e militantes de classe média, que não aspiravam muitas mudanças econômicas e sociais e o PSP, que apoiava o governo de Fidel Castro.





Foto tirada do livro: Cien Imagenes de la Revolucion Cubana – Edgar “Gaio”





El Caimán Barbudo⁶ ou o surgimento de um líder

Trecho do livro de Miguel de Cervantes, Dom Quixote de La Mancha (herói favorito de Fidel Castro, na literatura):

“Numa pequena aldeia de Mancha, província espanhola, vivia um fidalgo. Homem de costumes rigorosos e decante uma fortuna. Dom Quesada ou Queixano, ninguém nunca soube ao certo, vivia da exploração de suas propriedades, que mal lhe rendiam para manter uma simples aparência de abundância. Homem forte, altivo e nervoso, cultivava a caça como esporte e forma de abastecer sua mesa.

Aos cinquenta anos, magro, alto, de gestos imponentes e certa altivez forçada, era mais conhecido por sua enorme biblioteca, onde empenhava toda moeda conseguida nas colheitas ou pela venda sucessiva de partes de suas terras, do que propriamente por sua esquisita maneira de viver. Entre um povo de raras leituras, como era o de sua aldeia, causava espanto e admiração aquela voracidade com que comprava e consumia livros e mais livros. E o mais intrigante era que toda sua biblioteca só abrigava livros sobre aventuras de cavalaria andante, na época coisa do passado.

Perambulando por sua propriedade ou visitando amigos da aldeia, o imaginoso fidalgo ia recompondo as aventuras que lia, incluindo-se no enredo principal herói e conduzindo a história a seu bel-prazer.

À força de tanto ler e imaginar, foi-se distanciando da realidade a ponto de já não poder distinguir em que dimensão vivia. Varando noites e noites à luz de um candeeiro, lia, relia e reconstruía, à sua maneira, desenrolar de todas as aventuras. Aqueles livros, ultrapassados pelo tempo e cheios de citações absurdas, contribuíram para confundir ainda mais a mente do fidalgo. [...]

De tanto imaginar, um dia rompeu o elo que o prendia a realidade. Num estado febril e agitado, iniciou uma existência onde só existiam personagens de cavalaria andante. Eram gigantes para derrotar, castelos que deviam ser assaltados, donzelas prisioneiras de algum tirano para salvar e legiões de bandidos para combater.

Foi assim que, completamente transtornado, resolveu que seria cavaleiro andante e partiria com suas armas e seu cavalo em busca de aventuras e perseguindo justa fama.

Imaginando-se um predestinado pelo valor de seu braço e de seus nobres propósitos, apressou-se a iniciar a incomparável jornada.

Rebuscando o sótão de sua casa, encontrou uma velha e enferrujada armadura que havia pertencido a seu bisavô há muito desaparecido. Depois de paciente trabalho, raspando a ferrugem, limpando o mofo e remendando alguns pedaços perdidos a tempo, conseguiu uma armadura.

Vencida essa etapa, foi em busca de seu cavalo, mesmo para um espírito perturbado, era impossível existir um nobre cavaleiro sem montaria.

Ele possuía um pangaré que era usado nos serviços do sítio. O animal, apesar de magro e feio, pareceu um belo garanhão aos do fidalgo. Depois de muito pensar, deu-lhe o nome de Rocinante. Esse nome lhe pareceu sonoro e adequado. Se antes havia sido um simples rocim, nada mais justo que agora fosse um Rocinante.

Batizado o cavalo, faltou-lhe um nome para si mesmo. Os nobres cavaleiros, personagens de seus livros, sempre trocavam os nomes. Ele deveria fazer o mesmo. Depois de oito dias remoendo o cérebro, encontrou o que lhe serviu como armadura da alma até o final de suas aventuras. Não seria mais simplesmente Quesada ou Quixano, e sim Dom Quixote. E, como faziam cavaleiros andantes, juntou ao seu o nome do lugar de origem: Dom Quixote de La Mancha.

Tudo preparado para a partida, percebeu que lhe faltava apenas encontrar uma nobre dama para apaixonar-se. Um cavaleiro andante sem amores era uma árvore sem frutos, um corpo sem alma. Se por azar ou sorte, derrotasse um gigante, teria que enviá-lo à sua amada para que servisse de escravo. Esse era o procedimento da nobre cavalaria andante e Dom Quixote queria seguir, fielmente, seus costumes. Por isso, resolveu eleger uma dama que seria guardiã de todas as suas conquistas. Num passado distante havia amado, em discreto silêncio, uma robusta camponesa que, por morar num povoado vizinho e ter outros interesses, jamais se dera conta daquela secreta paixão. Chamava-se Aldonça Lourenço, mas ao fidalgo pareceu melhor dar-lhe outro nome. Era uma princesa e deveria chamar-se Dulcinéia. Como morava na aldeia Toboso, completou o apelido: Dulcinéia de Toboso. Esse nome lhe pareceu musical e digno de tão nobre senhora. Como, aliás, todos os outros que haviam escolhido.

Estava pronto para buscar a glória das batalhas e o gosto da aventura. Completamente armado, montado no altivo corcel, lançou-se ao mundo.”

6 A ideia do título vem do suplemento com mesmo nome, dirigido pelo escritor Jesús Díaz, entre 1966 e 1967. O nome da publicação manifestava seu apoio à revolução, pois caimán é um jacaré, a cuja forma a ilha de Cuba se assemelha e os barbudos eram os revolucionários. Este era o suplemento do jornal Juventud Rebelde – juventude do Partido Comunista.





Antes de iniciar a imersão dentro da revolução cubana é necessário contextualizá-la. O século XX foi marcado por inúmeras revoluções, entre elas a revolução russa, a mexicana, a chinesa etc., todas com base em relevantes movimentos sociais. Uma das mais complexas e controversas é a Revolução Cubana, não só por ter sido feita por, relativamente – se comparada às demais revoluções, poucos homens, mas, sobretudo, por ter estabelecido o primeiro regime socialista em um país do continente americano, que completou 51 anos, e por seu líder, até pouco tempo, comandante em chefe, Fidel Castro, com sua ideologia dominante, o Castrismo.

“A história me absolverá” – frase com que Fidel Castro conclui sua autodefesa após o Assalto a unidade do exército sediada em Moncada.

Não há como definir o Castrismo sem entender a trajetória de seu criador. Nascido em Mayarí Arriba, Cuba, em 13 de agosto de 1927, filho de imigrantes espanhóis, donos de terra e plantadores de cana, Fidel Castro estudou em colégio jesuíta, onde foi influenciado por padres espanhóis que apoiaram o fascismo de Franco. “Nasci numa fazenda. No centro-norte da antiga província do Oriente, não longe da baía de Nipe e perto da central açucareira de Marcané. Não era um povoado, nem uma pequena aldeia; apenas casas isoladas. A fazenda se chamava Birán. A casa da minha família ficava ali, à beira do antigo Camino Real, como era chamada a estrada de terra e barro que ia da capital do município para o sul. Os caminhos eram grandes lamaçais. Ia-se a cavalo ou em carro de bois. Não havia ainda veículos motorizados. Nem sequer luz elétrica.

Quando eu era pequeno, usávamos velas de cera e lâmpadas a óleo como iluminação”, é assim que o próprio Fidel Castro descreve sua infância⁷.

No final de 1947, se afilia ao Partido do Povo Cubano, também conhecido como Partido Ortodoxo (um partido burguês), criado em resposta a corrupção do governo e pela necessidade de reforma no país.

“Tive várias razões para sê-lo [rebelde]. Diante do autoritarismo espanhol, e ainda mais o do espanhol que mandava, e era a autoridade, o respeito generalizado. Eu não gostava da autoridade, porque naquela época havia também os pequenos castigos corporais, algum cascudo ou alguma surra de cinta; corríamos o risco, mas já íamos aprendendo a nos defender”, revelou o líder cubano⁸.

Em meados da década de 50, na mesma época em que se forma em Direito pela Universidade de Havana, realizou ações junto a grupos armados estudantis, que defendiam ideologias nacionalistas e anticomunistas. Nesse mesmo período, passa a organizar um pequeno grupo de seguidores da ação armada, o grupo Movimiento, uma facção clandestina antigovernamental, do qual se torna líder. É preso, assumindo sua própria defesa, e condenado a 15 anos de prisão. “O Moncada poderia ter sido tomado, e se tivéssemos tomado o Moncada, teríamos derrubado Batista, sem dúvida alguma. Teríamos nos apoderado de alguns milhares de armas. Surpresa total, logro do inimigo. Fomos todos vestidos de sargentos, simulando o anterior golpe de Estado dos sargentos, dirigido precisamente por Batista, em 1933... Eles levariam horas até se recuperar do caos e da confusão que se instalaria em suas alas, dando-nos tempo para os passos seguintes... Se fosse organizar de novo um plano para tomar Moncada, eu o faria exatamente igual, não modificaria nada. O que falhou foi o fato de não possuímos experiência suficiente. Depois fomos aprendendo”, revelou o ex-comandante em chefe, em sua biografia a duas vozes, Fidel Castro.

“Se perco, recomeço. Se Batista perde, perde para sempre”, Fidel Castro em entrevista concedida à Oliver Stone, para criação do documentário “O Comandante”⁹.

Logo após a prisão cumprida na Ilha de Pinos, de outubro de 1953 a maio de 1955, Castro exila-se nos Estados Unidos e no México, onde funda o Movimiento 26 de Julio, junto a seu irmão Raúl Castro e a

7 Trecho do livro: Fidel Castro: Biografia a duas vozes (pág. 43).

8 Trecho do livro: Fidel Castro: Biografia a duas vozes (pá. 46.).

9 As entrevistas para a produção do documentário, “O Comandante”, de Oliver Stone, foram feitas em fevereiro de 2002. Foram 30 horas de conversação em três dias e noites.





Ernesto “Che” Guevara.

*“O homem não foi feito para a derrota. Um homem pode ser destruído, não derrotado”,
Ernest Hemingway¹⁰*

No final de 1956, mais precisamente no dia 2 de dezembro, organiza a navegação e desembarque, na Playa Colorada, de 82 homens armados, ação que deixa somente 12 sobreviventes. Estes se exilam na Sierra Maestra, onde passam a captar adeptos e a travar sangrentas batalhas contra oficiais militares, avançando em direção à Havana. Em 8 de janeiro de 1959, Fidel Castro entra na capital cubana, onde, em 16 de janeiro, assume o cargo de Primeiro Ministro, no qual permanece até 1976, quando é eleito presidente do Conselho de Estado, que, com a reforma constitucional, o elege Chefe de Estado e de Governo.

“Cheguei no dia 8 de janeiro a Havana, depois de realizar atos em todo o caminho; fui a Cienfuegos, onde estivera preso também na minha época de estudante. E, claro, Camilo e Che me esperavam aqui. Em Havana, o Movimento 26 de Julho havia tomado todas as delegacias de polícia”, disse Castro, em sua Biografia a duas Vozes.

Em reflexões, décadas depois, Fidel Castro reinterpreto seu passado político, se autodeclarando “marxista-leninista” muito antes do golpe que derrubou Batista, e “não muito” comunista. Fidel afirmou que todas as suas ações políticas, desde os grupos armados anticomunistas, até a campanha como candidato ao Congresso por um partido burguês, foram meras táticas iniciais, com intuito de preparar as condições para uma revolução socialista, o que foi também pretexto para conseguir o apoio de Moscou, após ofensiva ianque.

Vale ressaltar, que Fidel Castro conhecia o marxismo-leninismo, que aprendeu com os stalinistas, como sendo uma política que acarretaria no uso do Estado para realizar as mudanças desejadas na ordem social.





Fidel Alejandro Castro Ruz (Fidel Castro)





La Coubre ou A Revolução dentro da Revolução

“Aqui só é possível ser revolucionário ou contrarrevolucionário”, Yoani Sánchez¹¹

O Movimento 26 de Julho, encabeçado por Fidel Castro em 1959, teve suas raízes em acontecimentos históricos precedentes. Essas raízes históricas são fundamentais para melhor entender o significado político e conteúdo do Castrismo, assim como para compreender como se deu o desenrolar da Revolução Cubana.

Os movimentos sociais e políticos que prevaleceram em Cuba estavam diretamente relacionados ao caráter inacabado de sua luta pela liberdade nacional. Após a independência do país, surgiram outras reivindicações, advindas das injustiças sociais presentes e cada vez mais gritantes. Uma nova perspectiva surgiu em 1925, quando foi fundado o Partido Comunista Cubano, afiliado a Terceira Internacional, que lutava, sobretudo, pela reforma universitária e procurava levar os estudantes à classe trabalhadora.

“Estados nacionais atrasados não podem mais contar com seu desenvolvimento democrático. Cercados pelo capitalismo decadente e capturados pelas contradições do imperialismo, a independência de um país atrasado será inevitavelmente semi-fictícia e o regime político, sob a influência de contradições de classe internas e pressões externas, inevitavelmente cairá em uma ditadura contra a população”, Quarta Internacional

Depois da criação do Partido Comunista Cubano, os setores populares só retornaram efetivamente à vida política, principalmente, os jovens, com o movimento encabeçado por Fidel Castro, que possuía uma nova estratégia de luta armada contra a ditadura, que culminou na tentativa frustrada de assalto aos quartéis de Moncada, em Santiago de Cuba, e Céspedes, em Bayamo, como mencionado anteriormente. Em seu discurso de defesa, após prisão, resultante do fracasso deste atentado, Castro fundamentou suas ações, pelo direito do povo à rebelião contra a tirania.

A luta de Fidel e seus seguidores era contra a “ditadura” de Fulgêncio Batista. O governo ditatorial anulou a Constituição e outorgou a anistia dos presos políticos, os obrigando ao exílio, como foi o caso de Castro, que embarcou para os Estados Unidos e, posteriormente, ao México.

O país estava em crise e a ditadura imposta enfrentava inúmeras críticas, sobretudo, devido à queda do preço do açúcar (principal fonte de renda de Cuba), provocada pela restrição da produção. Outros motivos para a insatisfação popular foram as enormes quantias de “recursos financeiros”, que foram para os cofres das autoridades do regime, e o crescimento acentuado do desemprego e de subempregos.

Um fator relevante, é que na década de 50, “a presença de aspectos antiimperialistas em diversos movimentos de libertação nacional contribuía para que vários destes assumissem projetos que, de algum modo, se apresentavam como socialistas”¹². A frustração da emancipação cubana devido à intervenção e domínio dos Estados Unidos também foi um dos elementos que contribuiu para criar uma consciência popular de luta pela libertação nacional, atrelada a esse forte sentimento antiimperialista. A união entre os ideais do povo e os objetivos da Revolução foram peças fundamentais para seu êxito.

“Em uma pequena ilha, uma grande revolução”, Fidel Castro em entrevista à Oliver Stone no documentário “O Comandante”

Foi nesse contexto, que Fidel e Raúl Castro, e Ernesto “Che” Guevara adentraram novamente no país para por fim ao regime ditatorial imposto por Fulgêncio. A especificidade da revolução era buscar uma via original, própria e humanista e tinha como objetivo a independência econômica e defesa da soberania nacional.

A luta contra a ditadura de Fulgêncio Batista em Cuba abrangeu diversos setores da sociedade, como

¹¹ Trecho retirado do livro “De Cuba Com Carinho”.

¹² Lúcio Flávio de Almeida – Lutas Sociais na nova (des)ordem.





trabalhadores rurais e urbanos, estudantes, intelectuais, segmentos da classe média e da burguesia descontentes com o regime.

“A ideologia da nossa revolução é bem clara; não só oferecemos aos homens liberdades, mas lhe oferecemos pão. É uma revolução própria, com uma ideologia própria, e tem razões cubanas.”, Castro apud Bandeira

Castro e 82 homens, em seu barco, chamado “El Granma”, rumam à Cuba. Devido às más condições atmosféricas e ao desvio de sua rota, desembarcaram na costa cubana somente dia 02 de dezembro. Dia 05 de dezembro o exército de Batista surpreendeu os revolucionários, matando vários homens de Castro. Só se salvaram poucos rebeldes, que foram obrigados a se separar para escapar dos militares.

Neste meio tempo, o governo de Batista se convenceu de que havia acabado com a insurreição e acreditava que entre os mortos no assalto estava Fidel Castro. Os jornais mexicanos divulgaram que Guevara também estava morto.

No entanto, uma entrevista concedida ao correspondente do jornal norte-americano New York Times, Herbert Matthews, em fevereiro de 1957, revelou à opinião pública cubana e internacional que “o comandante em chefe”, Fidel Castro, não só estava vivo, como estava reorganizando seu movimento em uma autêntica guerrilha na Sierra Maestra. Batista tentou acabar com a insurreição, enviando tropas, que foram derrotadas.

Foi na guerrilha que cresceu a amizade entre Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos. Foram eles que, nos últimos dias de dezembro de 1958, conduziram a ofensiva decisiva na região de Las Villas. Na província, Guevara e Cienfuegos operaram diversos grupos de combatentes, entre os quais estavam o Diretório Revolucionário e o Partido Socialista Popular (Comunista).

Após a conquista da região, com a rendição do exército de Batista logo nos primeiros enfrentamentos, Guevara e Cienfuegos receberam a ordem de Fidel de marchar para Havana. Nessa mesma noite, madrugada de 1º de janeiro de 1959, ocorre a fuga de Batista e o triunfo da Revolução.

Che e Camilo foram para a capital cubana, encontrando Castro somente em 08 de janeiro de 1959 – após ter atravessado toda a ilha, partindo desde Santiago de Cuba. Fidel Castro, dessa forma, tornou-se não só o “Comandante em Chefe” de Cuba e do exército rebelde, mas seu nome se tornou famoso em todos os arredores da ilha¹³.

Nas entrevistas e declarações concedidas na Sierra Maestra, Castro se limitou a falar sobre liberdade e justiça social, rechaçando inúmeras vezes o rótulo de “comunista” e limitando suas relações com o PSP à unidade alcançada na fase final da guerrilha. No momento da vitória, se limitou a pedir o fim de qualquer interferência na vida política da ilha.

“Ser um revolucionário parece ser um estágio mais evoluído do desenvolvimento humano”, Yoani Sánchez

A vitória dos revolucionários representou a consolidação do poder popular e a construção do socialismo, uma vez que a revolução era um modelo de defesa pela justiça social, com princípios democráticos e humanos. Contudo, no início, a revolução não tinha uma ideologia definida e, segundo Sartre¹⁴, a revolução só recorreria ao socialismo, para resistir ao bloqueio e à economia de guerra. Já um dos mais relevantes jornais do país à época, Lunes de la Revolución, definiu a revolução como: democrática, popular e originalmente cubana.

“Para que este sistema funcione - isto é, para o líder para ficar acima das classes, não atuando como um representante direto de qualquer classe - ele também tem de agir como

13 O governo imposto por Fidel Castro permanece até hoje, apesar deste ter renunciado em nome de seu irmão, Raúl Castro.

14 Trecho do livro: Furacão Sobre Cuba, Jean-Paul Sartre - (1960c, p.16-17).





representante de uma classe especial: da classe que, precisamente , não é suficientemente constituída para atuar como um agente unido exigindo representação ativa.”, Slavoj Žižek, no livro “Contra os direitos humanos”

A transição da revolução democrática para o socialismo ocorreu com a ruptura com o capitalismo entre 1960 e 1961. Até então, a revolução tinha a particularidade de buscar uma via original, própria e humanista, mas com o objetivo de alcançar independência econômica e a defender a soberania nacional.

Em 1961, Fidel declarou o caráter socialista do processo cubano: “esta revolução é socialista dos humildes, pelos humildes e para os humildes”, em sua proclamação em 16 de abril de 1961.





O surgimento do Estado-Nacional Cubano

É complexo entender o que é um Estado-Nacional. Primeiramente, é necessário definir o que é um Estado. A origem dos primeiros Estados se deu a partir da delegação do poder social, em uma estrutura política que garantia o direito de propriedade frente aos inimigos internos e externos. Também eram definidos como as organizações nas quais era possível a realização dos trabalhos coletivos destinados à comunidade. Estes Estados exerciam poder absoluto e teocrático.

Para os filósofos gregos, o conceito de Estado se baseava na ideia de poder e submissão. Para Platão, o modelo de Estado ideal era aquele em que a lei exercia uma função educadora dos cidadãos e do próprio Estado. Já em Roma, a cidade (civitas) era o centro de um território reduzido, no qual todos os cidadãos participavam do governo.

“Uma coisa não é a ventura da cidade [Estado] e outra a do homem, pois toda cidade não passa de homens que vivem unidos”, Santo Agostinho

Segundo Santo Agostinho, a finalidade do Estado está radicada no próprio homem. Para ele, o Estado é uma comunidade de homens unida pela igualdade de direitos e pela comunhão de interesses.

Passando para a definição de Estado moderno, há outras explicações e conceitos. O Estado renascentista partia de princípios, como a existência de um poder independente; base territorial ampla; separação entre estado e sociedade; e, sobretudo, segundo Maquiavel, em O Príncipe, o Estado tendo a sua própria razão, independente da razão e da moral.

A partir do século XVI, surgiram outras formas de Estado: absoluto, liberal, fascista, autoritário, democrático, socialista e comunista.

A ascensão da burguesia, na segunda metade do século XVIII, fez com que fosse necessária a criação de formas políticas que abrangessem as propostas burguesas sobre a elaboração da sociedade e do Estado:

- Igualdade jurídica;
- Liberdades individuais;
- Direito de propriedade;
- Participação.

O século XIX europeu, prolongando-se pelo XX, foi o século do surgimento do Estado-Nação tal como o conhecemos hoje - uma decorrência dos interesses dos Estados.

“Durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. (...) A natureza da guerra não consiste na luta real, mas na conhecida disposição para tal, durante todo o tempo em que não há garantia do contrário. Todo o tempo restante é de paz”, Thomas Hobbes

Para Thomas Hobbes, que introduziu o individualismo radical no pensamento político e estabeleceu as bases teóricas do conceito moderno de contrato social, a soberania garante a conservação da vida dos associados a esse pacto, porém, esses “associados” cedem seus direitos a ele. Segundo ele, através de coerção ou não, quando um Estado já está instituído, não se pode voltar atrás de um poder que já fora consentido pela vontade declarada da maioria. Desta forma, se deve tomar a grande parte pelo todo, e agir de tal modo que agrade a maioria. Já John Locke defendia uma divisão de poderes que combatesse a centralização absolutista.





Com a Revolução Francesa surgiu uma nova forma de Estado, onde a estrutura política devia se adaptar as transformações econômicas que aconteciam nas cidades a partir do desenvolvimento do capitalismo. O chamado Estado Liberal se baseava na proteção dos direitos individuais e na manutenção da ordem jurídica, que permitisse o bom andamento da economia e das forças sociais. Os Estados ofereciam benefícios para aqueles que fizessem parte daquela sociedade (ainda hoje é assim).

As Revoluções Russa, Chinesa e Cubana colocaram em prática um novo modelo de Estado, o socialista ou comunista, baseado no poder absoluto de um partido único, considerado porta-voz dos interesses da classe trabalhadora.

“Mesmo quando tentamos conceber os direitos políticos dos cidadãos sem referência a uma meta-política universal dos direitos humanos, perdemos a própria política. ou seja, nós reduzimos a política a um jogo pós-política de negociação de interesses particulares.”, Slavoj Žižek, no livro “Contra os direitos Humanos”

Após definir o que é Estado – uma forma política -, fica faltando a definição do termo Nação. Para compreender a Nação, é preciso ressaltar que, quando os Estados modernos se formaram, a população que habitava os limites territoriais sob a jurisdição de um poder soberano era mista, composta por grupos sociais que possuíam diferentes línguas, origens, hábitos culturais etc.

O termo Nação surge na Europa e é uma concepção subjetiva, ainda mais que o Estado, criada também a partir de interesses. Nação, segundo Adam Smith, em sua obra A Riqueza das Nações de 1776, era um termo utilizado para designar as várias organizações humanas. Segundo Smith, “a organização social necessária para a organização das relações econômicas entre as sociedades, ou seja, o Estado”.

A Revolução Francesa, em sua Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, traz o termo Nação, como uma forma de identificar a reunião de um povo e legitimar o novo poder e as novas leis, que não mais provinham da monarquia legitimada por uma religião, mas pelo povo reunido por “autodeterminação”. O termo também advém do surgimento dos direitos de cidadania - que modificou as relações entre os governantes e governados por meio da democratização do poder. A partir daí, surgem os Estados-Nação nas Américas e na Europa.

Ao analisar as definições supracitadas é possível concluir que Cuba se tornou um Estado-Nacional contemporâneo, após o golpe militar de Fulgêncio Batista, quando, finalmente, o governo do país passou a ter um governo centralizado, com leis próprias e, antes da transformação para um governo ditatorial, com a reunião do povo cubano, que legitimava o novo poder, visto que Batista foi eleito presidente da República.

Contudo, a nomenclatura – Estado-Nacional, seria mais “aplicável” a Cuba, após a tomada do poder por Fidel Castro, uma vez que no início do governo, principalmente, Castro e os demais responsáveis pela Revolução Cubana e implantação do socialismo no país, sempre afirmaram ir de encontro aos interesses do povo cubano. Estes, após 1961, estabeleceram um Estado socialista, com um governo central, poderes absolutos, um partido único em toda Cuba, que era (e ainda é) porta-voz dos interesses da classe trabalhadora, e com o apoio da maioria da população do país. Assim surge o Estado-Nacional de Cuba.

“Os frouxos sempre se lamentam e choram. Os fracos acham que hoje tudo se acaba. Na verdade é o contrário: é hoje que tudo começa”, Pedro Juan Gutiérrez, no livro “A Trilogia Suja de Havana”





¡ No Passarán! USA

“A expropriação forçada das empresas norte-americanas em Cuba significa, em primeiro lugar, uma medida de defesa contra a agressão do Governo dos Estados Unidos ao privar-nos abruptamente da cota açucareira, com o propósito de destruir a revolução do povo. Mas seu significado mais profundo é outro. A medida põe fim na raiz, corta para sempre a dominação econômica e política de Cuba por um país estrangeiro, neste caso os Estados Unidos; e representa o passo mais enérgico dado por um país subdesenvolvido contra o imperialismo político e econômico.”, Editorial, Lunes

A formação do Estado-Nacional de Cuba deu-se, sobretudo, devido à contribuição norte-americana, uma vez que os EUA não respeitavam os princípios da soberania nacional e da autodeterminação dos povos.

Cuba foi um dos últimos países a se libertar do domínio espanhol e sua independência fez parte dos inúmeros planos e estratégias dos EUA para com a América Latina, sendo que este criou a “Emenda Platt, em 1902, estabelecendo a tutela sobre Cuba e a autorização, em 1903, para a instalação de uma base militar em Guantánamo”. A própria tomada do poder vigente por Fulgêncio Batista, se deu com apoio explícito dos Estados Unidos, apesar, conforme afirma Luis F. Ayerbe, “do discurso de atribuir à democracia um papel de relevo no progresso econômico e social da humanidade, na América Latina, reconhecidamente longe do fantasma do comunismo”.

“Os EUA provaram ser os pilares centrais da manutenção do poder de Castro ao longo dos últimos 40 anos”, Bill Van Auken¹⁵

Com a derrubada de Batista e Fidel no poder, que defendia a realização de uma ampla reforma agrária e o controle governamental das indústrias do país, os EUA se veem ameaçados, visto que, nitidamente, as propostas do novo regime contrariavam diretamente os interesses do governo norte-americano. Dessa forma, suspendem as importações do açúcar cubano, sua principal fonte de sustentação, recusam-se a fornecer petróleo, e ameaçam invadir o país, como forma da população cubana se virar contra o regime Castrista.

O presidente dos EUA à época, John F. Kennedy, não queria comprometer a imagem do país, mas apoiou a operação de invasão a Cuba (Kennedy não queria que se configurasse uma intervenção direta dos EUA). Porém, uma de suas exigências é que a invasão fosse viabilizada pelas organizações anticastristas, que foram treinadas e armadas com o apoio da Agência Central de Inteligência (CIA). As Forças Armadas dos Estados Unidos não tiveram autorização para participar da invasão.

O planejado era que 1.500 homens, muitos exilados cubanos anticastristas, se estabeleceriam na praia de Girón, para a futura tomada da ilha. Nesse ínterin, agentes infiltrados fariam um levante geral, com intuito de derrubar Fidel Castro.

“As razões da vitória cubana, estavam nas motivações morais de um povo em armas, que lutou para defender a Revolução: “Derrotaremos os imperialistas, porque contamos com o povo em armas e cheio do mais ardoroso entusiasmo na defesa de Baía dos Porcos, o governo cubano enviou rapidamente o exército e as milícias, que contiveram a sua revolução socialista”¹⁶

Os ataques aéreos começaram em 15 de abril de 1961, com bombardeios em aeroportos de Havana, Santiago, Cienfuegos e San Antonio de los Baños. No dia 17 de abril, invadem Cuba pela Playa Girón. Em 72 horas, forças do Exército Rebelde e das Milícias Nacionais, comandadas pessoalmente por Fidel Castro, derrotaram a invasão. Foi a primeira grande derrota militar ianque na América Latina.

Dessa forma, ao invés de “disciplinar” Fidel Castro com sua pressão econômica, os EUA fizeram com que a população em sua totalidade passasse a apoiar ainda mais o regime de Castro, que acabou se

¹⁵ Frase proferida em palestra proferida para o curso internacional sobre Marxismo e os Problemas Fundamentais do Século XX.

¹⁶ Trecho retirado do livro “Cultura Ilhada” de Sílvia Cezar Miskulin





aproximando do bloco soviético, em busca de ajuda militar, financeira, econômica e diplomática, para dar sustentação à nova forma de governo instalada.

Três meses depois da Invasão da Baía dos Porcos em 1961 e da Crise dos Mísseis em 1962, o Movimento 26 de Julho se fundiu com o antigo partido comunista, num gesto simbólico que também significou o alinhamento do regime castrista às estratégias de Moscou.

Cuba respondeu aos EUA com nacionalizações, das propriedades norte-americanas e dos proprietários cubanos, e com cada vez mais assistência soviética. Segundo Sartre em sua obra *Furacão sobre Cuba*, uma característica da revolução era sempre ter que esboçar um contragolpe aos Estados Unidos.

Sendo assim, é possível concluir que os EUA tiveram papel fundamental não só na criação do Movimento 26 de Julho e na tomada do poder por Fidel, mas, principalmente, na manutenção e consolidação do regime Castrista. O que ocorre ainda hoje.





A Contribuição Norte-Americana

Além de contribuir com a mudança significativa no regime de governo cubano, os EUA, mesmo rompendo relações com Cuba esteve e está presente em diversos momentos da história do país pós-revolução.

Entre os fatos mais relevantes estão:

- Suspensão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), em janeiro de 1962, e ruptura completa do comércio com os Estados Unidos;
- O “Êxodo de Mariel” - quando 125 mil cubanos partiram pelo porto de Mariel (a oeste de Havana) rumo aos EUA, autorizado por Fidel Castro entre abril e outubro de 1980. As pessoas atravessaram o estreito da Flórida em barcos precários. O êxodo em massa encerrou-se com um acordo de emigração limitada, firmado entre Havana e Washington;
- Os EUA são o país com o maior número de residentes de origem cubana: cerca de 1,6 milhão (dados de 2007);
- Ausência de consulado norte-americano em Cuba. O país possui somente a Seção de Interesses dos Estados Unidos (United States Interests Section), que trata somente de assuntos de imigração. A Seção está “escondida” por um bosque de bandeiras, 138 no total, que tampam o painel luminoso transmitindo mensagens políticas, notícias e artigos da Declaração dos Direitos Humanos, sendo um símbolo visível do confronto entre os dois governos.
- Ainda nos dias de hoje, Fidel continua a acusar os EUA, como em entrevista concedida a um Programa de TV de Cuba, em 12 de julho de 2010, onde afirmou com uma voz fraca e pausada: “os Estados Unidos mantém uma política militar expansionista, mesmo depois da posse do presidente Barack Obama”. Isso mesmo após as propostas feitas pelo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, visando “um novo começo com Cuba”.





United States Interests Section – Havana, Cuba





Identidade Nacional e o Nacionalismo

“A revolução é uma práxis que forja suas ideias na nação”, Jean-Paul Sartre

A construção de uma consciência nacional é um processo gradual, obtida a partir de uma profunda mudança no pensamento da população que habita um Estado-Nacional. Cuba é um ótimo exemplo de como a propaganda nacionalista mobilizou a população com a ideia de pertença a um povo ou nação.

O processo, em geral, mobiliza, primeiramente, as elites dominantes, depois as classes médias e, logo após, as camadas populares. No caso de Cuba, o processo foi inverso. Primeiro, as camadas populares foram atingidas e depois a classe média.

O nacionalismo serve como o início da formação de uma identidade coletiva, que constitui a base política e ideológica da integração e unificação dos agrupamentos humanos. Pode-se dizer que a formação da nação e do nacionalismo é obra de intelectuais e acadêmicos. Todavia, conforme afirma José Murilo de Carvalho, há a demasiada importância do Estado na criação e consolidação do sentimento de nação no interior de seu território.

Segundo Luis Fernando Cerri, a identidade nacional só pode ser pensada a partir da criação das nações modernas, às quais se refere. Cerri afirma que “as nações em mudança interligam-se com as variadas formas que assume a identidade nacional a elas respectiva. Evidentemente, esta não é a perspectiva dos nacionalismos, ideologias que produzem e reproduzem a identidade nacional. Para o nacionalista, a identidade nacional não é dotada de historicidade, mas é um espírito que integra a nação desde tempos imemoriais até um futuro indistinto, imune à ação do tempo e da história. É desta perspectiva que é possível falar em identidade nacional como característica inerente aos povos”. Isso significa que o fato das pessoas se apegarem a valores e crenças que as ajudam a definirem suas vidas, ajuda na formação da identidade nacional, uma vez que as simbologias de cada povo, que são vinculadas a determinadas situações, unificam esses mesmos povos.

Vale ressaltar que, após 1789, o nacionalismo também veio junto com a demarcação de fronteiras territoriais, criando a ideia de benefícios aos que pertencessem àqueles limites.

Segundo o especialista em relações internacionais, Yossi Shain, hoje, sabe-se que as fronteiras e o próprio conceito de pertença a uma nação estão tendo que ser repensados e vários Estados estão redefinindo sua concepção de “pertença à nação”, visando incluir os que estão fora de seu território (fenômeno proveniente da globalização e mundialização) – mesmo que jamais tenham residido ou querido residir nele, ou que tenham cidadania de outro país”.

“Para conquistar um país era necessário o apoio dos cidadãos do país”, San Martín

No caso de Cuba, um fator preponderante para o fortalecimento (talvez até o início) do sentimento nacionalista e da formação da identidade nacional do povo cubano foi o repúdio do governo de Fidel Castro pelos EUA. “Você inventa uma etnia, quando você é desprezado”. Mesmo não se tratando de etnia a abordagem aqui feita, a frase também cabe à formação de uma identidade nacional e, até mesmo do nacionalismo.

“A liberdade custa muito caro e temos ou de nos resignarmos a viver sem ela ou de nos decidirmos a pagar o seu preço”, José Julián Martí

É sabido que o povo cubano passou a apoiar em massa ao governo de Fidel Castro, após o repúdio e tentativa de invasão do governo norte-americano à Cuba, como citado anteriormente. Esse ato uniu ainda mais o povo cubano, fortalecendo a ideia de nação e de nacionalismo. As lutas armadas deram uma consciência de nação (os rebeldes eram chamados e considerados patriotas).





O início de uma nova concepção ideológica - Hay que saber tirar y tirar bien

“O movimento não podia existir sem o homem, mas nem por isso pode ser reduzido ao homem”, Theodore Draper.

Para abordar a ideologia cubana é necessária antes, a definição sucinta do que é ideologia. No pensamento Marxista (materialismo dialético), ideologia é um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. A manutenção da ordem social requer dessa maneira menor uso da violência através de força explícita. Assim a ideologia torna-se um dos instrumentos da reprodução do status quo e da própria sociedade.

O método precípua da ideologia é a utilização do discurso lacunar (Althusser). Nesse, uma série de proposições, nunca falsas, sugere uma série de outras, que o são. Desse modo, a essência do discurso lacunar é o não dito (porém sugerido).

Durante os primeiros anos que seguiram a vitória da Revolução Cubana o que se percebeu foi a surpreendente falta de ideologia no país. “Essa falta de ideologia e dogmatismo prévio fez da revolução cubana algo único e original” (Antón Arrufat, 1960a, p.33).

“A proporção que se lê a série de declarações feitas por Fidel do período de 1956 a 1958, o que mais impressiona é a “moderação” e o constitucionalismo crescentes”, Theodore Draper

No entanto, uma nova realidade se deu após a ruptura com os EUA e o discurso de Castro dando caráter socialista à revolução. A partir daí houve o surgimento de uma concepção ideológica, o Castrismo, ramo da teoria política relacionado ao sistema político e econômico, com bases “socialistas”, implementado no país por Fidel. Castro projetou um novo governo fortemente nacionalista e disposto a combater a corrupção. Seu discurso era a expressão do Movimento 26 de Julho: antiimperialista, anticapitalista, de tendência populista e continuador do partido ortodoxo.

“Pode-se dizer que o castrismo, como movimento, foi criado em três etapas. Recebeu seu primeiro impulso e sua razão de ser do ataque contra o quartel de Moncada em 26 de julho de 1953. Sua concepção amadureceu durante a pena de Fidel da Ilha de Pinos, de outubro de 1953 a maio de 1955. Foi oficialmente lançado no México a 19 de julho de 1955. E cortou seus últimos vínculos com qualquer outro movimento, para surgir inteiramente independente em março de 1956¹⁷”.

Logo após houve uma grande reforma urbana e agrária, o aumento da construção de escolas e hospitais, a distribuição mais igualitária da renda, as massivas campanhas de alfabetização, a nacionalização das empresas e a elevação dos níveis salariais.

O governo e forma de regime propostos por Fidel não eram socialistas-marxistas, sobretudo, devido à ditadura presente (apesar de grande aceitação popular, essa não é uma unanimidade, portanto, a autora atreve-se em chamar o regime, ditatorial). Contudo, também não é uma ditadura característica da América do Sul e Central, com governos impopulares e extremamente opressores. Mas a palavra final é sempre de Fidel (mesmo com Raúl Castro sendo o novo comandante em chefe de Cuba, muitos especialistas acreditam que a palavra final, ainda é de Fidel).

Toda a forma de governo de Castro vai de encontro com os objetivos do socialismo de Marx, apesar de descaracterizá-lo, visto que possui uma enorme influência pessoal do próprio Fidel, que criou uma organização social própria de Cuba. Essa é a base do Castrismo, ideologia que completou mais de 50 anos.

¹⁷ Trecho do livro Castrismo – Teoria e Prática de Theodore Draper.



“La Revolución Cubana estableció el primer país socialista en América y ha hecho la primera revolución marxista-leninista en lengua española. Y esto es para siempre”, Blas Roca

O Castrismo é uma ideologia política de caráter revolucionário, que tem como preceito, a rejeição a democracia parlamentar como método para satisfazer as reivindicações das massas trabalhadoras e a aceitação da tomada do poder por meio da revolução armada, a partir das lutas de guerrilhas, como a única forma concreta de responder de forma eficaz às reivindicações populares.

A base e inspiração do Castrismo é o próprio Fidel Castro, com sua forma peculiar de governar e seus partidários independentes dentro do próprio país. O ex-comandante em chefe de Cuba possuía uma liberdade de ação cada vez maior frente aos comunistas dos demais Estados e partidos comunistas. Castro só necessitou do comunismo mundial, porque precisava de um direcionamento e de ajuda econômica. Já o comunismo mundial carecia dele, por acreditar que Cuba era a chave para a expansão do comunismo em toda a América do Sul e Central.

“O Castrismo tem oscilado entre dois extremos: transformar toda a América Latina numa Cuba, ou transformar toda Cuba numa Sierra Maestra”, revelou Theodore Draper em sua obra Castrismo – Teoria e Prática.

“Pão com liberdade e liberdade sem terror”, Fidel Castro

Outra característica fundamental do Castrismo, que o tornou uma peça fora do esquema tradicional do comunismo, foi a questão do idioma, sendo a primeira revolução marxista-leninista de língua espanhola, o que aumentava ainda mais a esfera de influência do Castrismo.

Um aspecto importante é a questão da utilização da força e da violência revolucionária que, segundo a visão ortodoxa do comunismo, deve ser a última e não a primeira etapa da luta revolucionária, pois as condições objetivas criavam as bases para uma luta armada e não o contrário. Essa premissa, definitivamente, foi quebrada pela Revolução Cubana e pelo Castrismo, que ainda hoje se mantém.

“Ao se refletir sobre a distância que o castrismo percorreu em seus primeiros seis anos no poder, seu futuro reserva o mais grave prognóstico para o povo cubano, para a América Latina e para o mundo de modo geral. Sua maior característica tem sido uma violência imanente que se volta para o interior tão prontamente quanto para o exterior. E é bem possível que esse excesso de violência venha a ser sua perdição”, Theodore Draper

Fidel Castro, em 13 de agosto de 2010, completou 84 anos de idade. Ele liderou o Poder Executivo em Cuba durante 49 anos e 55 dias e ainda é o primeiro-secretário do Partido Comunista, a única força política legal na ilha.



Sejamos como “Che” ou simplesmente Guevarismo

“Se queremos expressar como aspiramos que sejam os homens das futuras gerações, devemos dizer: que sejam como Che! Se queremos dizer como desejamos que nossos filhos sejam educados, devemos dizer sem hesitar: queremos que se eduquem no espírito de Che! Se queremos um modelo de homem do futuro, de coração digo que esse modelo, sem uma só mancha em sua conduta, sem uma só mancha em suas atitudes, sem uma só mancha em sua atuação, esse modelo é Che! Se queremos expressar como desejamos que sejam nossos filhos, devemos dizer com todo o coração de veementes revolucionários: queremos que sejam como Che! SEJAMOS COMO CHE”, Fidel Castro

“Se o famoso guerrilheiro revolucionário, houvesse realmente nascido em 14 de junho de 1928, como constava em sua certidão de nascimento, seria do signo de gêmeos – e, além disso, sem nada de extraordinário. A astróloga, uma amiga da mãe de Che, refez seus cálculos em busca de algum erro, mas chegou aos mesmos resultados. O “Che” que aparecia em suas análises era uma personalidade sem brilho, dependente, que levava uma vida que nada tivera de especial. Só havia duas possibilidades: ou bem ela estava certa a respeito de Che ou, como astróloga, não valia nada.... Na verdade, seu filho nascera um mês antes, no dia 14 de maio. Ele não era de gêmeos coisa nenhuma, mas sim um taurino teimoso e decidido¹⁸”.

Ernesto Guevara de la Serna, mais conhecido como “Che” Guevara, se tornou “celebridade” no século XX. Nascido na pequena cidade de Rosário, na província de Santa Fé, a exatos 306 km a sudeste da cidade de Buenos Aires, capital Argentina, no ano de 1928. Sua imagem se tornou mercadoria e pouco se assemelha ao guerrilheiro de reputação radical que tomou o poder em Cuba e abandonou seu posto no país (embaixador, presidente do Banco Nacional e ministro da Indústria e Comércio) para propagar os ideais da revolução cubana pelo mundo e lutar contra o imperialismo.

Pode se dizer que a ideologia de Guevara, o Guevarismo, foi mais “radical” que a de Castro. Tem como base um conjunto de conceitos e critérios políticos de origem marxista, comunista e antiimperialista, que se caracterizam por um enfoque radicalizado de transformação social, por meio da luta armada, mas não se alinhava com a política soviética. Tinha reflexões próprias de como realizar uma revolução e criar uma sociedade socialista.

“Talvez muito mais do que o próprio Fidel, Che rapidamente tornava-se o inimigo número um de Washington, na América Latina. Em 4 de maio, J. L. Topping, funcionário encarregado de assuntos políticos na Embaixada dos Estados Unidos em Havana, expediu um comunicado para Washington, no qual datalhava a conversa que tivera, em 29 de abril, com o Dr. Napoleón Padilla, um especialista cubano na indústria de fumo... Padilla disse que Guevara é um “comunista internacional vulgar” – nem mesmo inteligente. Acredita que Raúl Castro seja ainda pior. Disse que Guevara é anti-norte-americano de um modo violento e irracional, opondo-se taxativamente à venda de produtos norte-americanos, mesmo que sejam fabricados em Cuba... Ele acha que Guevara e Raúl Castro querem implantar um sistema “soviético” em Cuba, e que muito em breve mostrarão as unhas. Guevara fala com frequência sobre como controla Fidel Castro¹⁹”.

“Che se baseava na utilização da violência, buscando obrigar a ditadura a recorrer à violência para desmascarar, assim, sua verdadeira natureza como ditadura das classes sociais reacionárias”, Bill Van Auken

Uma das principais diferenças entre o Castrismo e o Guevarismo era a relevância que Guevara dava a luta armada. A partir de experiências próprias, Guevara desenvolveu uma teoria sobre a guerrilha, que foi chamada de foquismo²⁰, - criação de “condições subjetivas”, através de focos de guerrilha, para

18 Trecho do livro Che Guevara – Uma Biografia.

19 Trecho do livro Che Guevara – Uma Biografia, págs 488 e 489.

20 Teoria que partia do princípio de que, quando as condições subjetivas não são suficientes para que as massas se mobilizem e levem adiante a revolução socialista, é necessário criar um pequeno FOCO, que realizará ações típicas de “guerra de guerrilha”. Dessa forma, é possível expandir a revolução com relativa rapidez, garantindo o levantamento das massas e a derrubada do regime.



desencadear a revolta geral da população.

“Pioneiros pelo comunismo, seremos como Che”, Yoani Sánchez

Guevara criou o conceito de “novo homem socialista”, que era o indivíduo fortemente movido por uma ética pessoal, que o impulsionava à solidariedade e ao bem comum, sem necessidade de incentivos materiais para isso. Dava uma importância sem precedentes à ética individual, tanto do guerrilheiro durante a revolução, como do cidadão na sociedade socialista, tendo como ação mais valorizada, o trabalho voluntário.

“A tendência de Che a ser severo demais muitas vezes tinha que ser temperada por um companheiro ou amigo mais diplomático. Ele parecia ter pouca noção do efeito intimidador que suas palavras podiam ter sobre outras pessoas²¹”.

Um dos motivos de maior aceitação de Guevara nos dias atuais são as qualidades a ele atribuídas, como bravura física, autosacrifício, devoção e capacidade de entregar sua vida a uma causa. Che Guevara renunciou ao seu cargo no governo cubano em março de 1965 para emergir no Congo como guerrilheiro e depois na Bolívia. Em 3 de outubro, do mesmo ano, “Ano da Agricultura”, Fidel lê a carta de despedida e renúncia de Che, ao povo cubano:



Ministério del Interior – La Habana - Cuba

21 Trecho do livro Che Guevara – Uma Biografia, pág. 648.

[Havana, 1 de Abril de 1965,

Recordo nesta hora de muitas coisas, de quando o conheci na casa de Maria Antonia, de quando você me propôs que viesse, de toda a tensão dos preparativos. Um dia perguntaram a quem se devia avisar em caso de morte e a possibilidade real do fato chocou a todos. Depois soubemos que estava correto, que em uma revolução se vence ou se morre (se é verdadeira). Muitos companheiros ficaram ao longo do caminho até a vitória.

Hoje tudo tem um tom menos dramático porque estamos mais maduros, mas o fato se repete. Sinto que cumpri a parte de meu dever que me ligava à Revolução Cubana em seu território e me despeço de você, dos companheiros, de seu povo que já é meu.

Renuncio formalmente a meus cargos na direção do partido, a meu cargo de ministro, a meu grau de comandante, a minha condição de cubano. Nada legal me liga a Cuba, apenas laços de outro tipo, que não podem ser rompidos como as nomeações.

Fazendo um balanço de minha vida passada, creio ter trabalhado com suficiente honradez e dedicação para consolidar o triunfo revolucionário.

Minha única falha de alguma gravidade foi não ter confiado mais em você, desde os primeiros momentos de Sierra Maestra, e não ter compreendido com suficiente rapidez suas qualidades de guia e de revolucionário.

Vivi dias magníficos e senti ao seu lado o orgulho de pertencer a nosso povo nos dias luminosos e tristes da Crise do Caribe.

Poucas vezes brilhou mais alto um estadista que naqueles dias; me orgulho também de tê-lo seguido sem vacilações, identificado com sua maneira de pensar; bem como de ver e avaliar os perigos e os princípios.

Outras terras do mundo reclamam o concurso de meus modestos esforços. Posso fazer o que lhe é negado por sua responsabilidade à frente de Cuba e chegou a hora de nos separarmos.

Saiba que o faço com um misto de alegria e dor; aqui deixo a mais pura de minhas esperanças de guia e o mais querido entre meus seres queridos... e deixo um povo que me recebeu como um filho; isso lacera uma parte de meu espírito. Nos novos campos de batalha, levarei a fé que você me inculcou, o espírito revolucionário de meu povo; a sensação de cumprir com o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo onde quer que esteja; isso reconforta e cura qualquer ferida.

Digo uma vez mais que libero Cuba de qualquer responsabilidade, salvo a que emane de seu exemplo. Se chegar minha hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para você. Agradeço todos os seus ensinamentos e o seu exemplo, a que tratarei de ser fiel até as últimas consequências de meus atos. Quero dizer que sempre estive identificado com a política externa de nossa revolução e assim continuo. Onde quer que vá, sentirei a responsabilidade de ser revolucionário cubano e como tal atuarei. Não deixo para meus filhos e minha mulher nada material e não lamento: alegro-me que assim seja. Não peço nada para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e se educarem.

Teria muitas coisas a dizer a você e ao nosso povo, mas sinto que são desnecessárias; as palavras não podem expressar o que eu gostaria e não valeria a pena rabiscar apressado qualquer coisa em um bloco.

Até a vitória sempre.

Pátria ou morte!

Um abraço com todo fervor revolucionário.

“Che”]



Morreu em outubro de 1967, em La Higuera, na savana oriental boliviana. “Na cidadezinha de Vallegrande, na Bolívia, onde prosseguem os esforços para encontrar e exumar o corpo de Che, na parede de barro da central telefônica há uma frase pichada em espanhol: Che – Vivo como Jamás quisieron que estuvieras²²”.

Na viagem da autora à Cuba, esta notou como a presença de Che ainda se faz presente em todos os quatro cantos da capital, Havana. O sentimento que se tem é de que Che ainda rege a ilha, com seu uniforme militar e sua boina. A seus olhos, nada passa despercebido. A presença do mártir é mais forte do que a de Fidel Castro, que dirá do atual comandante em chefe Raúl.

Até hoje em Cuba, “Ser como Che” é o chamado do regime às crianças e jovens e significa viver pela e para a revolução. Ser como Che significa viver da luta. Ouvem-se artesãos nas feiras populares falando sobre a revolução e relembrando os dizeres de Guevara. Até mesmo um gari, ao varrer a rua exclama: prefiro lutar e sobreviver, do que nunca lutar!

Sua imagem, 44 anos após sua morte é ainda mais forte do que sua popularidade em todo o mundo. A comparação da imagem de Che com essa pequena ilha socialista se faz necessária, pois ambas se mantêm mais vivas do que nunca dentro do coração de cada cubano, mesmo estando aparentemente “mortas” para milhares ao redor do globo.





Ernesto Guevara Lynch de la Serna (Che Guevara)





O Governo de Cuba

“As revoluções não duram meio século, advirto aos que me perguntam. Elas terminam por devorar a si mesmas e por se excretar em autoritarismo, controle e imobilidade. Expiram sempre que tentam se tornar eternas. Falecem por querer se manter sem mudanças”, Yoani Sánchez

De acordo com a Constituição de Cuba, adotada em 1976, o país é um Estado socialista e uma República, tendo o Partido Comunista como “o mais alto poder do Estado e da sociedade”. O partido é liderado por Fidel Castro e tem cerca de 200 mil membros.

O Governo de Cuba tem dois objetivos principais:

- O desenvolvimento econômico da nação;
- A igualdade econômica social entre o povo.

O Comandante em Chefe de Cuba, atualmente cargo ocupado pelo irmão de Fidel, Raúl Castro, exerce a função de soberano, descrita por Hobbes, como aquele que assegura que todos respeitem o contrato social e, dessa forma, garante a vontade de todos que é a paz e a segurança individual.

“O Partido é a força dirigente suprema da sociedade e do Estado”, Artigo 5 da Constituição Cubana

Para desempenhar bem esta função, o soberano deve exercer um poder absoluto, sem estar subordinado a ninguém, que é o que ocorre no Estado cubano. O poder soberano absoluto, segundo Hobbes, poderia expulsar da sociedade aqueles que se esforçassem por guardar coisas que para eles fossem supérfluas, enquanto outros sofressem da sua carência e privação. O soberano é que deveria ficar encarregado de distribuir as terras do país em nome da equidade e do bem comum.

Segundo Hobbes, o poder absoluto seria necessário, enfim para impedir os abusos e a violência cometida pelos mais fortes contra os mais fracos, pois isso poderia desagregar a sociedade e destruir a paz civil.

“A principal limitação da experiência cubana foi a estrutura autoritária do poder revolucionário, a ausência de pluralismo político, de liberdades de expressão e de formas de controle democrático da população sobre as instâncias políticas”, segundo o filósofo e sociólogo Michael Löwy.

“Nossa filosofia política é a democracia representativa e justiça social em uma economia bem estruturada”, Fidel Castro no documentário de Oliver Stone, “O Comandante”

O componente antidemocrático e autoritário consolidado no governo fez com que Cuba convertesse os ideais revolucionários de expansão da revolução em uma forte tendência burocrática e repressiva.





La Libreta

A economia cubana também é um aspecto fundamental na história do país. Com o embargo norte-americano e o fim da União Soviética, Cuba entrou em uma forte recessão, que gerou graves problemas de abastecimento e rígidos racionamentos, entre 1989 e 1993, o chamado “Período Especial”.

“Quase da noite para o dia o Produto Interno Bruto (o PIB, que é a soma de todas as riquezas produzidas por um país) caiu de 23 bilhões para 11 bilhões de dólares, o comércio exterior desabou para 25% do volume anterior, dois terços das empresas estatais revelaram-se deficitárias – dado particularmente grave se considerarmos que naquela época todas as empresas instaladas no país eram estatais”, afirmou à época Fernando Moraes, em seu livro “A Ilha”.

Foi nesse período que surgiu o uso de moedas conversíveis, incluindo o dólar, e o racionamento sobre os alimentos, com a “caderneta de produtos racionados” (libreta). Os salários dos trabalhadores permaneceram em níveis extremamente baixos, totalmente separados do preço e das necessidades das famílias cubanas, o que acontece ainda hoje. Também houve a abertura do país ao turismo, o aumento da prostituição em Cuba e do tráfico. Cuba ficou dependendo exclusivamente do turismo, da exportação de charutos e de níquel para sobreviver.

“Eles acreditavam que abrir o país indiscriminadamente para o turismo era permitir a contaminação da juventude cubana pelo que consideravam “vícios típicos do capitalismo””, Fernando Moraes, no livro “A Ilha”

Moraes revela em seu livro “A Ilha”, que “Cuba era visitada anualmente por cerca de 100 mil turistas estrangeiros. Só metade desse contingente, porém (os originários de países capitalistas, como Canadá e Espanha), deixava dinheiro forte nos caixas dos hotéis. Os outros 50 mil eram trabalhadores vindos dos blocos socialistas por meio de convênios entre sindicatos, e cujas despesas eram permutadas por diárias de hotéis em países da Europa Ocidental.... [Porém] No final de 1995, 740 mil turistas estrangeiros tinham visitado o país. No ano seguinte esse número subiu para 930 mil, até chegar no ano 2000 a quase 2 milhões de visitas”.

“O socialismo não é apenas bom em si mesmo. Ele é bom, sobretudo se confrontado com seu antípoda, o capitalismo”, Fidel Castro em entrevista concedida à Fernando Moraes

Por ocasião de sua viagem ao país, a autora pôde perceber que o número de turistas visitando a ilha ainda é alto, mesmo fora de temporada. Grande parte destes é proveniente da Europa, sobretudo da Espanha, ou do país norte-americano, Canadá.

“O racionamento está custando ao país uma cifra que a imprensa não publica”, Yoani Sánchez

Devido ao racionamento, em agosto de 1994, em Havana, ocorreu a mais relevante manifestação popular em Cuba após a revolução, “El maleconazo”, quando centenas de cubanos invadiram o Malecón, protestando contra a falta de energia e comida, e obrigou o governo a adotar certas aberturas econômicas.

Após a abertura econômica, a economia cubana continuou em um longo e lento processo de recuperação, que tem perdurado no século XXI. No entanto, vários fatores negativos surgiram em 2001 e na primeira metade de 2002, como:

- Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001;
- A recessão que começou em março de 2001 e se agravou em setembro;
- A queda dos preços mundiais do níquel;



- O furacão Michelle que atingiu a ilha no dia 4 de novembro de 2011, sendo, possivelmente, a pior tempestade tropical a atingir Cuba em 50 anos;
- O fechamento da base russa de vigilância em Lurdes;
- A queda do investimento estrangeiro direto e a deterioração da situação política na Venezuela em 2002.

Desde 2000, a Venezuela tem garantido a reserva de petróleo do país, a partir de negociações especiais, e, atualmente, abastece Cuba com cerca de 100.000 barris por dia em produtos com base no petróleo.

Apesar do índice de pobreza cubano ser um dos menores dentre os 102 países em desenvolvimento pesquisados pela a Pnud, organismo da ONU, a situação da população cubana é de muita privação. A população, ainda hoje, utiliza a “caderneta de racionamento” e tem dificuldade de adquirir produtos de primeira necessidade.

A economia de Cuba, no século XXI está passando por um período de grande instabilidade, o que fez com que o comandante em chefe, Raúl Castro, realizasse inúmeras mudanças, como a criação do Pluriemprego, uma modificação na lei trabalhista de Cuba que autoriza os cubanos a terem mais de um emprego (28/06/2009), a demissão em massa de mais de 500 mil funcionários públicos, ou cerca de 20% dos trabalhadores estatais do país e a ampliação do número de permissões para se trabalhar por conta própria e abrir pequenas empresas, na maior mudança de mão-de-obra para o setor privado desde a revolução cubana em 1959.

O Produto Interno Bruto atual de Cuba é de, aproximadamente, US\$ 55,43 bilhões.



El Maleconazo – Havana, Cuba



Generación de las dudas

“Los invito a reflexionar sobre el caudal de ideas de José Martí y de todos los próceres y pensadores de nuestras luchas por la independencia, de los que en la década del 20 y del 30 del pasado siglo le dieron continuidad a ese pensamiento y lo ensamblaron con las ideas de Marx Engels y Lenin, y que Fidel y la Generación del Centenario abrazaron y llevaron ante los muros del Moncada, trajeron en el Granma y enarbolaron en la Sierra y el Llano. Esas ideas constituyen el fundamento de la resistencia heroica y de los éxitos de nuestro pueblo. Mantenernos fieles a ellas es un compromiso de honor de todos los cubanos”, Armando Hart Dávalos, La Generación del Centenario y el Socialismo en Cuba

“As gerações se formam em torno de um acontecimento fundador, permitindo a cada geração construir uma memória coletiva fundamental em sua trajetória²³”.

Uma importante questão que permeia a população cubana, ou melhor, a “gente de Fidel” (forma como a autora foi introduzida ao povo cubano na ilha), são as gerações existentes em Cuba. Para os mais velhos, aqueles que viveram e respiraram a revolução em seus dias de glória, talvez seja mais “fácil” compreender a realidade que hoje os cercam. Compreender, não aceitar. Mesmo porque, as promessas de melhores dias, não passaram de discursos proferidos ao vento. Já para as novas gerações, àquelas nascidas após a tomada de Havana e já com os Castros no poder, entender e aceitar a realidade que as cerca, talvez seja mais difícil, pois vivem uma luta diária sem propósito.

“Há uma diferença substancial entre as gerações, pois os mais jovens, devido à sobressaturação política a que são expostos desde que nascem, tornam-se mais descrentes, céticos ou apolíticos, e seu principal objetivo acaba sendo, conseqüentemente, o de emigrar”, revela um blogueiro cubano.

Um documentário lançado em 2010, por Carlos Montaner, filho do jornalista e escritor cubano exilado nos EUA, Carlos Alberto Montaner, “Los nietos de la Revolución Cubana”, feito a partir de imagens gravadas de forma clandestina em Cuba, confirma esse aspecto. Todos os depoimentos colhidos no documentário de, aproximadamente, 1 hora de duração, retratam a frustração atual de uma geração de jovens, que rechaça os dogmas revolucionários e se sente condenada a marginalidade pelo sistema. “Não existe vínculo emocional destes jovens com o processo histórico da revolução”, disse Montaner na estreia do filme em Miami.

“Muitos jovens cubanos nasceram em meio a um conflito cujas motivações eles mal podem identificar²⁴.”

O escritor e jornalista independente afirma que há muita desilusão entre os jovens, mas também entre a geração que viveu a revolução socialista, em todas as aspirações e dizeres dos irmãos Castro. “Após meio século de miséria e falta de liberdades, com o país cada vez mais submerso na crise e com governantes que se negam a fazer sérias reformas, há cada vez mais desencanto e falta de esperança, sobretudo entre os jovens. Entre os mais velhos, alguns se agarram à revolução para não dar o braço a torcer, para não perder aquilo que dá sentido a suas vidas. O que sustenta o regime, fundamentalmente, é o medo da polícia política e a apatia gerada pela impossibilidade de defesa dos cidadãos cubanos”, desafia um jornalista independente residente na ilha.

No X Congreso de la Unión de Jóvenes Comunista (UJC), que aconteceu em abril de 2010, em Havana, vários jovens se encontraram para debater a revolução. “Não há mudanças a olhos vistos e, por isso, a juventude está desencantada e emigra. Há muito tempo nos dizem que haverá mudanças, que haverá uma melhoria, mas não há transformações palpáveis”, disse uma estudante de sociologia da Universidade de Havana.

Já os jovens que acreditam na revolução, como um universitário cubano, afirmam que, a revolução para os universitários, sejam ou não cubanos, “vai além de simples mudanças. O que para o mundo podem

²³ Frase retirada do blog “Geración Y” de Yoani Sanchez.

²⁴ Frase retirada do blog “Geración Y” de Yoani Sanchez.





ser somente transformações, para os nascidos deste lado do bloqueio, a revolução tem um significado diferente”.

*“A crise de um ideal fica demonstrada se poucos fazem referência a ele e a propaganda ideológica se debilita quando ninguém repete seus bordões maniqueístas... Entre as evidências da nossa atual apatia está o paulatino desaparecimento do termo ‘companheiro’”,
Yoani Sánchez*







PRTE II – EXTRA, EXTRA

Condicionamento e Dominação ideológica em Cuba

“Trincheiras de ideias valem mais que trincheiras de pedras”, José Julián Martí

A população cubana sempre foi estimulada constantemente a se sentir parte do Estado cubano, visando à legitimação do poder político. Para isso, foi e é necessário compartilhar uma ideia, uma ideologia, um bem-comum.

O que ocorre, não só em Cuba, mas em praticamente todos os países (para não dizer todos), é a montagem de uma história, a partir da história oficial (moral oficial), para que esse compartilhamento e, conseqüentemente, a legitimação do Estado aconteça. Assim, é criado um mundo de referências, mas um mundo criado. É importante ressaltar que a dominação cria a fantasia da dominação e os dominados criam a fantasia dos dominados.

“Não atirem, não se matam as ideias”, Fidel Castro para Ignácio Ramonet em seu livro Biografia a duas Vozes

Uma das formas de universalização de valores e do compartilhamento dessas ideias, ideologias e bens-comuns se dá por meio da imprensa. Em Cuba, a imprensa tem a capacidade e garantias para o exercício de sua função. Todavia, é “induzida” a publicar opiniões, ideias e fatos que vão de acordo com a convicção do governo e regime vigentes, que não necessariamente divergem da dos jornalistas, editores, pauteiros e redatores do próprio veículo de informação. O que ocorre muitas vezes é que, no caso de Cuba, é publicada somente uma opinião sobre um determinado tema, ignorando qualquer fato ou opinião contrária.

Segundo a primeira correspondente de guerra cubana, Lázara Rodríguez Alemán, em entrevista para o Monitor da Imprensa, “todos os países do mundo, inclusive os chamados mais democráticos, têm um mecanismo de controle que garante a difusão dos interesses dos governantes. O grande problema é que nós temos a particularidade de viver a 144 quilômetros dos Estados Unidos e somos para eles a peste. Para os norte-americanos a revolução deve desaparecer. Mas nós estamos guiados pelo pensamento de que “dentro da revolução tudo, fora da revolução nada”, porque esse é o nosso mecanismo de defesa, é a nossa própria existência”.

Nesse caso, aplica-se também a censura, que é o que não se fala (tem a ver com poder, não com tirania), e é uma forma de dominação.





O papel da imprensa cubana

“O surgimento da imprensa em Cuba está, logicamente, vinculado à introdução da tipografia na Ilha. Segundo pesquisas bibliográficas sobre a época, como a de Antonio Bachiller y Morales, intitulada *Apuntes para la Historia de las Letras y la Instrucción Pública*, essa introdução teria ocorrido em 1723, através do impressor francês Carlos Habré. Toribio Medina descreve uma obra impressa datada com créditos editoriais de Carlos Habré (ROIG DE LEUCHEIERING, 1941) em 1721. No entanto, o folheto mais antigo existente é *Tarifas General de Precios de Medicinas*, editado por Havre em Havana, datando de 1723 (Id.)”²⁵.

O primeiro jornal oficial de Cuba é publicado em maio de 1764, composto por quatro páginas e de periodicidade semanal. O historiador Jacobo de la Pezuela revelou que esta obra apenas anunciava as compras e vendas, chegadas e saídas de embarcações do porto. Bertha Verdura Marino, em seu artigo “Breve histórico da imprensa em Cuba até o século XIX”, descreve a aparição dos primeiros jornais na ilha, com é possível notar no trecho abaixo:

[...]“É apenas em 8 de novembro de 1782 que surge a primeira publicação oficial das autoridades espanholas, o jornal Gazeta de la Havana, que trazia como conteúdo notícias em geral e anúncios comerciais... O papel da imprensa no final do século XVIII foi de fundamental importância para as origens da consciência cubana, que teve na figura do Padre José Agustín Caballero um de seus expoentes máximos. No dia 24 de outubro de 1790 sai o primeiro número do Papel Periódico de la Havana, considerado o primeiro jornal de relevância em Cuba nessa época”.

Em 1848, após várias mudanças de nome, passa a chamar-se La Gaceta de La Habana (Id.). La Gaceta de La Habana, que era entregue nos domicílios, foi muito bem aceita pelo público e, segundo Agustín Caballero, “promoveu as Letras, Ciências e Artes”. Neste jornal, escreviam notáveis intelectuais da época. Um dado curioso era a existência de uma caixa de correio onde eram depositadas poesias, cartas, etc, selecionadas pelo redator. As polêmicas literárias eram um de seus aspectos mais interessantes, bem como a publicação de materiais folclóricos que refletiam a idiossincrasia dos moradores da Havana da época.

Suas páginas traziam dados e notícias sobre história, geografia, agricultura, medicina, comércio, educação e outros temas. Além disso, foram publicados artigos em defesa dos escravos como, por exemplo, os que datam de 5 e 8 de maio de 1791, atribuídos ao presbítero J. Caballero. Os autores de artigos e poesias adotavam pseudônimos para assiná-los.

Segundo o historiador Guiteras, “Este jornal tem o mérito indiscutível de ser o único espaço onde o cubano desejoso de informações locais pode recorrer para conhecer as características e a extensão das idéias de nossos avós, seus costumes e preocupações, suas necessidades e meios de satisfazê-las. Tudo isso, descrito com a variedade de formas e estilos inerente a esse tipo de publicação, e com o comedimento ou veemência, a moderação ou mordacidade próprias à índole dos indivíduos, do tema ou das circunstâncias. Enfim, qualquer artigo deste jornal tem grande valor, na medida em que faz parte do patrimônio documental acerca do surgimento da nação cubana, de sua cultura e vida, até o primeiro terço do século XIX” (Id.)...”]

“Libertad es el derecho que todo hombre tiene a ser honrado, y a pensar y a hablar sin hipocresía”, José Martí

Com o passar do tempo, as transformações na cobertura de imprensa cubana puderam ser vistas a olho nu, em um cenário no qual os jornais tiveram que se adaptar aos regimes vigentes no país. Os veículos de comunicação de Cuba, sempre estiveram à mercê do governo, antes do exército espanhol, do ditatorial general Fulgêncio Batista e, logo após, dos comandantes em chefe Fidel e Raúl Castro. Todavia, essa rendição dos veículos de imprensa não é necessariamente “imposta” pelo governo.

“Se você chama de liberdade de imprensa o direito dos inimigos de Cuba de falar e escrever contra a Revolução Cubana, eu diria que não somos a favor dessa liberdade”, Fidel Castro em entrevista a seu biógrafo, Ignacio Ramonet

Durante o governo de Fulgêncio Batista, não havia liberdade de imprensa em Cuba, sobretudo, em seu segundo mandato. Batista restringia as liberdades através do controle da imprensa, da universidade e do congresso. “No período da ditadura de Batista havia censuras e restrições à liberdade de expressão e criação em Cuba. Muitos intelectuais exilaram-se durante esse período. Antes da revolução quase não

²⁵ Trecho tirado do artigo de Bertha Verdura Marino: “Breve histórico da imprensa em Cuba até o século XIX”.





havia incentivo estatal às manifestações culturais²⁶”.

“Guevara é irrelevante, se controlarmos a imprensa e tivermos a confiança dos camponeses. São a melhor fonte de informação, se alguém vai saber onde os guerrilheiros estão, são eles”, Batista no filme Che 2 – A Guerrilha (Che: Part 2).

Essa, inclusive, foi uma das promessas de Fidel Castro ainda enquanto líder do Movimento 26 de Julho, em manifesto divulgado na própria Sierra Maestra: estabelecer a liberdade de imprensa no país. Contudo, existem algumas contradições em seu discurso e em suas ações.

Os jornais, o rádio e a televisão permaneceram nas mãos de seus donos por dois anos, depois da tomada do poder pelos revolucionários, em 1959. “Os jornais, ainda nas mãos de seus proprietários, faziam campanhas contra a reforma agrária e outras leis revolucionárias, mas eram obrigados a publicar, na mesma página, um artigo assinado pelos gráficos da empresa, contrários aos pontos de vista dos patrões. A proclamação do caráter socialista da Revolução cubana foi o momento de ruptura”, revelou Fernando Moraes em sua obra *A Ilha*.

José Martí, já em 1871, foi o primeiro a articular com outros cubanos que estavam fora da ilha e a levantar o tema da independência na imprensa espanhola

A questão da liberdade de imprensa em Cuba é amplamente debatida em todo o mundo. O que ocorre, na verdade, é que ela está garantida na Constituição²⁷ do país, na qual consta uma série de direitos e garantias individuais, entre elas o direito à expressão e à imprensa. Porém, no artigo 62, presente nesse mesmo documento, há uma restrição a essas liberdades.

Muitos jornalistas cubanos argumentam que a restrição à liberdade imposta por esse artigo nega a própria, visto que impede a discussão e a publicação de temas relevantes, o que é, segundo eles, censura. Entretanto, o conteúdo do referido artigo mostra que a realidade não é bem essa.

“Artigo 62. Nenhuma das liberdades reconhecidas aos cidadãos pode ser exercida contra o que está estabelecido na Constituição e nas leis, ou contra a existência e finalidades do Estado socialista, ou contra a decisão do povo cubano de construir o socialismo e o comunismo. A violação deste princípio é passível de punição”

A partir do conteúdo presente no artigo é possível notar que o que é realmente proibido não é a discussão de determinados assuntos, mas a utilização da liberdade de expressão contra o disposto na legislação, a existência do Estado socialista e a decisão da população do país em manter o regime vigente, ou seja, em outras palavras, é passível de punição aquele que tentar eliminar o regime.

Sendo assim, pode se observar que a discussão de “certos temas” em Cuba não é totalmente restrita. O que de fato ocorre na ilha, é o que acontece de forma semelhante em diversas nações, onde é proibido utilizar a liberdade de expressão com a finalidade de romper a ordem constitucional estabelecida no país. Da mesma forma, algumas constituições estabelecem limites à liberdade individual, visando à proteção do Estado democrático.

Constituição dos EUA – artigo III, seção 3: “A traição contra os Estados Unidos consistirá, unicamente, em levantar armas contra eles, ou coligar-se com seus inimigos, prestando-lhes auxílio e apoio”

Segundo Armando Chaguaceda, politólogo, historiador e ativista social cubano, “A grande imprensa cubana, basicamente, mantém uma função social, baseada na Revolução Cubana e na política de comunicação do Estado e do Partido. Tem como missão informar, a partir da ótica do Estado e do Partido. Todos têm que seguir uma política informativa, que está sob o comando do Partido Comunista que é a força reitora da sociedade, segundo a constituição”.

“Quando perguntei a um influente jornalista cubano se lá existe liberdade de imprensa, ele deu uma

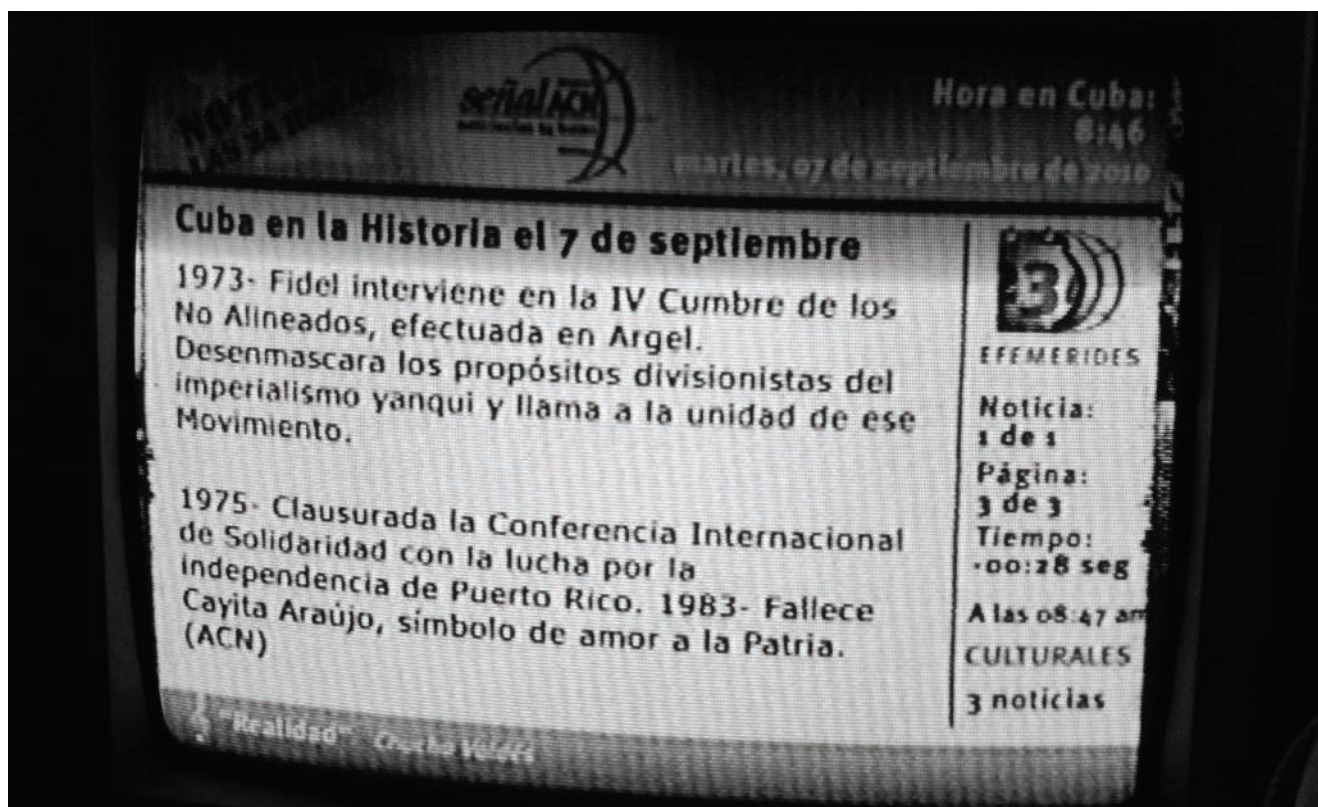
26 Silvia Cesar Miskulin, em entrevista para o jornal Zero Hora por ocasião do lançamento de seu livro “Os intelectuais cubanos e a política cultural da reconstituição”.

27 Anexo A - Constitución de la República de Cuba (Imprensa), página 93.



gargalhada e respondeu: “Claro que não”. E completou, com naturalidade: “liberdade de imprensa é apenas um eufemismo burguês. Só um idiota não é capaz de ver que a imprensa está sempre a serviço de quem detém o poder. E aqui em Cuba quem detém o poder é o proletariado. Estamos todos os jornalistas cubanos, portanto, a serviço do proletariado”²⁸.

O que não se pode negar é que a imprensa em Cuba, talvez mais do que em qualquer outro país, é utilizada como forma de disseminação em massa da ideologia Castrista. Por ser um país em constante pressão política, econômica e midiática, interna e externa, o governo utiliza a imprensa para fazer campanha permanente do regime. Essa é uma estratégia extremamente necessária no país.



Programa de TV – Havana, Cuba – 07 de Setembro de 2010

“Enquanto Cuba for ameaçada pelos EUA, seus inimigos não terão liberdade de expressão para minar a ordem estabelecida”, Fidel Castro

Também existem jornalistas cubanos que defendem a imprensa do país e sua forma. Entre eles, há a primeira correspondente de guerra cubana, Lázara Rodríguez Alemán. Ela acredita que para criticar a imprensa cubana é necessário ter informações e se há informações, há liberdade de imprensa.

Independente do ponto de vista, vale ressaltar que há inúmeros jornalistas presos em Cuba, apenas por terem falado mal do governo, assim como aqueles que foram expulsos do país. A organização “Repórteres Sem Fronteira”, organização não-governamental internacional que visa defender a liberdade de imprensa no mundo, chegou a classificar Cuba como o pior no que se refere à liberdade de imprensa.

Durante a produção do livro *A Ilha* de Fernando Morais, Cuba contava com oito jornais diários, sete estações de televisão, cinquenta estações de rádio, duas revistas semanais e um tablóide semanal humorístico. O diário *Granma*, o mais importante editorial do país, vendia a incrível soma de 500 mil exemplares por dia e possuía seis páginas, “carregadas de noticiário”. O jornal “Juventude Rebelde – órgão dos jovens comunistas – é mais noticioso e menos rígido que o *Granma*, em termos gráficos. Vende 200 mil exemplares diários e circula apenas na capital²⁹”.

Hoje, o *Granma* foi reduzido para o tamanho tablóide, com apenas oito páginas.

28 Trecho do livro “A Ilha” de Fernando Morais.

29 Trecho do livro “A Ilha” de Fernando Morais.



Impressões das páginas revolucionárias

“A imprensa é um espaço no qual o escritor e o intelectual intervenções exigidas pela realidade, fazem política, analisam história, propõem políticas culturais e interveem no debate ideológico e estético. Os acontecimentos políticos encontram-se intimamente relacionados com o desenvolvimento de um periódico, com suas tomadas de posição e até mesmo com sua duração.”, Silvia Cezar Miskulin

Na opinião da maioria dos entrevistados pela autora, a imprensa cubana está a serviço somente do regime castrista. A melhor definição foi de um famoso jornalista do país que afirmou “a imprensa cubana está a serviço de funções que foram definidas e estipuladas pela sociedade socialista dos tempos de Lenin”.

Como citado anteriormente, uma característica muito forte da imprensa cubana é ressaltar a personalização de seus líderes, sobretudo de Fidel Castro. Contudo, “esta mesma imprensa sugere que a crise por que passa o país é um problema nacional, e, como tal, deve ser de responsabilidade coletiva. Com toda certeza, esse mecanismo contribui para defender o processo revolucionário ao mesmo tempo em que o salva dos inevitáveis e indesejáveis questionamentos que brotam no interior da sociedade. Além disso, propicia um possível comprometimento do leitor, que normalmente apenas se envolve com os problemas de ordem governamental”³⁰.

Realmente, não há como negar que a imprensa cubana é partidária, ou seja, vai de encontro aos interesses da chamada classe trabalhadora, uma força dirigente da sociedade que é o Partido Comunista. Isso significa que não é uma imprensa que pode expressar qualquer opinião dos próprios jornalistas ou de grupos determinados. Sendo assim, não tem a certa “liberdade” que poderia ter em um país capitalista, visto que toda a mídia responde a interesses em qualquer sociedade ou época.

A imprensa partidária, a serviço do Partido Comunista, tem a função de defender esses propósitos em qualquer circunstância, como dito anteriormente, da mesma forma que a imprensa nas nações capitalistas o faz, mas de forma mais moderada e subjetiva. Para que isso aconteça, os meios de comunicação são controlados pelo Partido Comunista, que trata da política informativa, a supervisa e orienta.

Essa política pode parecer razoável e coerente dentro de uma sociedade socialista, na qual só existe um partido, uma só ideologia, um conjunto único de ideias. Mas isso traz também uma enorme desvantagem que é a existência de uma imprensa reduzida, pouco ousada, pouco desenvolta e que, muitas vezes, precisa consultar sobre o que pode ou não publicar. E, como é inviável consultar tudo em todo momento, a imprensa termina por se autocontrolar, o que os jornalistas cubanos chamam de autocensura. Todo esse movimento resulta em uma mídia propagandista e, portanto, pouco atrativa e profunda, embora seu objetivo seja “o mesmo que o da mídia no geral”.

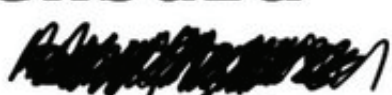
**A Pior
Parte da
Censura
é** 


Imagem retirada do site wikileaksbrasil.org

³⁰ Trecho do artigo de Beatriz Wey, “Imprensa cubana e imaginário nacional”.





Um lado positivo desta imprensa é que essas proibições evitam os males que enfrenta a mídia nos países capitalistas, como o sensacionalismo, irresponsabilidade, as crônicas que recriam e incitam a violência, o incentivo exagerado ao consumo etc. Já um dos principais defeitos da mídia socialista é seu oficialismo. Mesmo tendo diferenças entre si, algumas são mais ou menos oficiais, algumas mais profundas, outras mais analíticas, todas são oficiais.

Um ponto importante a se considerar é que, mesmo sendo oficial, a imprensa cubana não é mentirosa, apesar de não publicar tudo que acontece em Cuba e no mundo, com profundidade e capacidade de análise.

Cuba possui os chamados “jornais nacionais”, que são o Granma, Juventud Rebelde e Trabajadores. O Granma, principal jornal do país, tem uma versão para o exterior, intitulada Granma Internacional, que tem como objetivo mostrar o que ocorre no mundo, mas a “realidade” mundial, nem sempre corresponde ao que é publicado dentro do país. “A imprensa provincial infelizmente não é completamente independente e publica poucas notícias em primeira mão, como é o caso da Tribuna de La Habana, Vanguard, 05 de setembro, Adelante e El Habanero. Mas o interessante na imprensa cubana é que, devido à censura é possível descobrir nos textos mensagens escondidas, enigmas, transgressões etc., que surgem junto às informações oficiais que todos são obrigados a publicar. Sem contar o vocabulário utilizado, as palavras e slogans antigos, que prejudicam a beleza da mensagem”, revela um blogueiro cubano, radicado na Flórida. Também ao analisar os jornais impressos do país, sobretudo “El Granma”, nota-se a presença efetiva do governo vigente e da ideologia marxista-leninista, que rege a sociedade socialista cubana.

“Os obedientes redatores esperam a ligação que dirá qual notícia será privilegiada em detrimento das outras..... O desafio para esses jornalistas não é o de ter uma opinião original, mas sim o de se adiantar e prever qual será o critério do poder”, Yoani Sánchez – mordanças da imprensa oficial

A imprensa oficial cubana é a única permitida no país, isso significa que somente podem veicular em Cuba os jornais que são “propriedade do governo”, o que faz com que seu conteúdo contenha, substancialmente, propaganda oficial. Na ilha todos os meios de comunicação, produção e difusão estão nas mãos do Estado, e se limitam a obedecer as orientações do governo, por meio dos canais estabelecidos.

As opiniões quanto a esse fato se dividem em Cuba, segundo um jornalista do país, “a imprensa cubana, como a de qualquer lugar no mundo corresponde aos interesses da classe dominante. Contudo, em Cuba acontece uma coisa curiosa, uma vez que as principais tendências do jornalismo contemporâneo não podem ser vista na ilha, como ocorre em outros países, mas em Cuba é feito um jornalismo informativo que, muitas vezes, mostra somente as notícias e não se aprofunda no por que das coisas, suas causas e as possíveis conseqüências dos acontecimentos”. Já para outros, como é o caso de um dos editores de uma rádio local, “a imprensa cubana escapa a verdadeira notícia: que é o que acontece dentro de suas fronteiras, além de pecar pelo otimismo”.

“Os anos 90 representam uma tragédia para a imprensa escrita em Cuba, visto que suas argumentações não são suficientes para dirimir a crise vivida pelo país e nem para sustentar um modelo de nação – soberana, independente e autosuficiente – recriada no imaginário do povo cubano, graças também ao poder simbólico gerado pelo jornalismo praticado na ilha. Hoje, a imprensa cubana encontra dificuldades para provocar no leitor o despertar diário de sua ação messiânica para enfrentar os novos problemas emergentes. Ainda assim, é importante registrar que o jornal Granma tem importante significado para a revolução cubana: o de estabelecer uma ponte entre os diversos períodos pela qual a revolução passou, transmitindo uma ideologia oficial que procura sobreviver aos percalços que atingem Cuba neste final de milênio”, Beatriz Wey

“A imprensa de Cuba ajuda o governo vigente a se manter, sim, se como se manter você entende, manter o controle dos meios de comunicação e de expressão, da imprensa, canalizando de maneira muito limitada ou não canalizando o debate público. Sua missão restritiva, sua missão revolucionária, corresponde ao controle, no sentindo marxista da palavra, ou seja, ao controle dos meios de expressão,





controle da opinião pública, no sentido de ganhar a opinião pública e o consenso geral”, revelou o politólogo, historiador e ativista social cubano, Armando Chaguaceda.

Já outros a apoiam, como uma jornalista cubana que afirma que “a imprensa em Cuba está nas mãos do povo, composto por camponeses, trabalhadores, artistas, intelectuais, por pessoas comuns que desejam um mundo melhor e no qual se possa viver em paz”. Ou como afirma um ex-editor do jornal Sierra Maestra e militante do partido comunista, “A imprensa cubana responde única e exclusivamente aos interesses do nosso povo. Não tem um dono e é representada por um integrante do poder popular. Não se pode esquecer que a imprensa é um poder. Atualmente, fala-se muito em liberdade de imprensa, contudo é preciso ressaltar que a imprensa só é livre em um país capitalista, quando seu proprietário permite e quando ela não vai contra seus interesses”.

“La Prensa en Cuba está sustentada en el pensamiento martiano, en la verdad y alejada de todo facilismo, vulgaridad y chabacanería, es por ello que debe ser el examen y la censura, nunca el odio ni la ira que NO dejan espacio a la libre emisión de la ideas”, ex-editor del periódico Sierra Maestra e membro del Partido Comunista

É possível perceber que a mídia cubana pode se dividir em vários segmentos, conforme seu nível de incidência no público, sendo que a visibilidade dos meios de comunicação está diretamente ligada ao nível de controle que sofrem por parte do Partido Comunista de Cuba. Segundo um jovem jornalista e professor universitário de Comunicação Social em Cuba, “no que se refere a muitos assuntos relevantes relacionados aos acontecimentos nacionais, os meios de maior peso (os diários principais de tiragem nacional e regional, TV e rádios nacionais etc.) são usados de forma instrumental, dando visibilidade e ocultando de maneira pouco sofisticada os temas de possível interesse público”. E completa “Em geral, a imprensa mais próxima ao poder é mais controlada, embora o valor e o profissionalismo de vários grupos de jornalistas conseguiram refletir alguns assuntos complicados”.

Desde 1995, a imprensa independente em Cuba, embora quase nenhum de seus escritores seja jornalista ou tenha experiência no ofício, é a única que reporta, com mais ou menos profissionalismo, o que acontece na ilha, com a população e com os dissidentes. Contudo, esses “jornalistas” são censurados pelas autoridades e, muitas vezes, só podem publicar seus trabalhos no exterior. Em 2003, por exemplo, dezenas de jornalistas independentes foram presos pelo governo cubano. Todavia, há cada vez mais jornalistas independentes em Cuba “que trabalham por sua conta, à favor da liberdade de expressão e de opinião, mesmo podendo parar na prisão ou no exílio ou ser deportados, como é possível ver diariamente”, revela a subdiretora da revista Cine Cubano, delegada de Cuba ante a UNESCO em París e na Oficina Cultural da Missão de Cuba en París, e blogueira, Zoé Valdez.





“Granma” – à deriva no governo

“Um dos aspectos que mais chama a atenção refere-se ao conteúdo teórico discutido em diversos espaços do Granma – e presente em quase todos os exemplares desde sua fundação, em 1965. Mencionados de uma forma muito própria, Marx, Engels, Lênin, Che Guevara e tantos outros ícones comunistas são analisados pela imprensa, que ressalta com frequência o papel que cada um exerceu e ainda exerce na formação de um novo país, uma nova economia e um novo homem. A história está tão presente nas páginas do Granma que não raro o leitor não-cubano pergunta-se se está mesmo diante de um produto jornalístico ou de algum outro gênero literário da área das ciências sociais”, Beatriz Wey

O principal jornal do país, o Granma (batizado com o mesmo nome do barco que transportou Fidel Castro e seus companheiros às praias de Cuba em 1956), tem como principal objetivo: disseminar a ideologia dominante, o Castrismo, em toda Cuba.

Esse é o jornal oficial do Comitê Central do Partido Comunista Cubano. Foi fundado em 3 de outubro de 1965, fruto da união de dois jornais: Revolución e Hoy. Sua primeira edição foi publicada em 4 de outubro.

O Granma possui edição impressa e virtual, publicação diária e é o mais lido do país. Além da versão em espanhol, é editado semanalmente em várias outras línguas, como português, inglês, francês, italiano e alemão, os quais são distribuídos para fora da ilha. As publicações regulares saem nos seis dias da semana, exceto aos domingos, com oito páginas, com algum eventual suplemento.

Possui editorias regulares focadas na disseminação da ideologia dominante, o Castrismo. São elas:

- Discursos oficiais do governo de Cuba;
- Anúncios oficiais do governo;
- Análises de acontecimentos da América Latina e da política mundial, sempre de acordo com os interesses governamentais;
- Declarações da classe trabalhadora e dos camponeses de Cuba, defendendo a implantação da revolução;
- Notícias sobre o desenvolvimento industrial, agrícola, científico, das artes e dos esportes de Cuba;
- Ressalta a participação popular na história de Cuba, na implantação da revolução.

O Granma em Cuba funciona como filtro das diversas informações disponíveis. O que não o difere dos demais veículos de informação de todo o mundo, que assim como ele selecionam, hierarquizam e organizam o que consideram mais relevantes para o governo, para o próprio jornal, e porque não dizer, para a população cubana.

O que sim, de fato, diferencia o Granma dos demais jornais da nossa aldeia global são as escolhas diárias, com intuito de prevenir a ebulição de conflitos sociais internos e a explícita disseminação da ideologia dominante, como forma de atrair e manter mais adeptos ao regime e, ao mesmo tempo, contribuir com a manutenção do governo e do socialismo.

“Que Cuba se abra para o mundo e que o mundo se abra para Cuba”, Papa João Paulo II

Uma das táticas utilizadas pelo jornal, que mais uma vez o difere dos demais, é a tentativa de aproximação entre o povo e o poder legislativo. No jornal, a lei aparece sempre como “um dos caminhos plausíveis





para os indivíduos compreenderem o universo a que estão subjugados³¹”. Essa estratégia do jornal é uma forma de fazer com que, mesmo que as leis não sejam convenientes à população cubana, todos as conheçam e, assim, possam questioná-las.

Vale ressaltar, que apesar de atuar em prol da manutenção da ordem instituída, o Granma tem divulgado cada nova lei, analisando-as. O ato de divulgar o que está sendo alterado ou mantido é uma forma de tornar público o que deve ser respeitado e aceito, o que é de direito e o que é de dever.

Também vale expor que, “os problemas enfrentados pelo Granma são infinitamente superiores aos enfrentados pelos semanários existentes no país. Afora as restrições tecnológicas, há entraves para o acompanhamento e divulgação dos acontecimentos internacionais, visto que as informações são colhidas pelos jornalistas cubanos e, quase nunca, pelas agências de notícias. Estes e tantos outros agravantes referentes à produção interna não parecem intimidar os diretores do Granma, que procuram há 34 anos construir um imaginário nacional por intermédio de suas páginas. A possibilidade de avaliar os mecanismos utilizados pela imprensa escrita na construção inalterável de uma ideologia nacional ou oficial é por demais instigante, não apenas por elaborar um processo muito particular de nação, mas por sustentá-lo exaustivamente”³².

A necessidade de cativar a população a qualquer custo a simpatizar com o regime se faz, sobretudo, devido à comprovação no século XXI, “da importância decisiva da participação das massas no enfrentamento de adversários”. E isso é fundamental para a manutenção e sustentabilidade do regime socialista em Cuba.

31 Trecho do artigo A Imprensa Cubana e o Fenômeno Jurídico de Beatriz Wey, mestre em Ciências Sociais e integrante do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC/SP.

32 Trecho do artigo de Beatriz Wey, “Imprensa cubana e imaginário nacional”.



Granma

ORGANO OFICIAL DEL COMITE CENTRAL DEL PARTIDO COMUNISTA DE CUBA



Esta tarde, Mesa Redonda Especial con Fidel

Hoy, a las 6:30 p.m., Cubavisión, Cubavisión Internacional, Radio Rebelde y Radio Habana Cuba transmitirán una Mesa Redonda Especial con el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, para valorar los peligrosos acontecimientos que tienen lugar en el Oriente Medio.

El Canal Educativo retransmitirá este programa al final de sus emisiones del día.

Reflexiones del compañero Fidel

El origen de las guerras

(Tomado de CubaDebate)

Páginas 2 y 3



Foto: Alex Castro

Visitó Fidel el CNIC

Sostuvo un encuentro con el Dr. Carlos Gutiérrez, director general del centro, y otros directivos. Recibió el saludo de los trabajadores

Página 5

Desfavorable el comportamiento de las lluvias en el mes de junio

El acumulado nacional alcanzó el 69 % de la media histórica mensual. Discreto incremento del volumen de agua embalsada

■ Orfilio Peláez

Pese a llover mejor que en mayo, la continuidad del proceso de sequía se mantuvo también en junio al finalizar el mes con un acumulado nacional de 135 milímetros, valor equivalente al 69 % de su media histórica.

Este comportamiento mantiene tensa la situación de los embalses del país, que solo tuvieron una discreta recuperación al almacenar al cierre del 30 de junio alrededor de 3 mil millones 783 mil metros cúbicos, para un 43,1 % de la capacidad total, en comparación con el 41,6 % que tenían cuando terminó mayo.

La baja disponibilidad de agua (hay alrededor de 2 000 millones de metros cúbicos menos que en igual momento del 2009), exige mantener el más estricto control sobre el gasto del preciado recurso, velando por su uso racional y óptimo, además de un estricto seguimiento al estado de las fuentes de abasto, hasta tanto puedan experimentar una mejora evidente.

Situación de los embalses de abasto a la población

Los embalses de abasto a la población se encuentran al 57,6 % de llenado retenible, siendo las provincias de Santiago de Cuba (80,6%), Cienfuegos (73,3%), Holguín (69,1%), Camagüey (67,7%), Guantánamo (67,3%), y Pinar del Río (66,6%), las que presentan el estado más favorable.

En situación muy desfavorable con menos del 25 % de su llenado retenible están La Coca, con 7,3 %, y Zarza, 4,0%, en Ciudad de La Habana; Agabama, 10,1% y Gramal, 18,4%, en Villa Clara; Lebríje, 21,9%, en Sancti Spiritus; Chambas II, 13,7%, en Ciego de Avila; La Jia, 6,2 % y No. 7 Tinima, 18,3%, en Camagüey; Cacuyuguin, 21,4%, y Güirabo, 21,9, en Holguín; y Clotilde, 6,9%, en Guantánamo.

Convocada la Asamblea Nacional

RICARDO ALARCÓN DE QUESADA, Presidente de la Asamblea Nacional del Poder Popular.

En uso de las atribuciones que me están conferidas en la Constitución de la República en su Artículo 81, inciso b),

CONVOCO

Para el día 1ro. de agosto del año en curso, a las 10:00 a.m., en el Palacio de las Convenciones, a los efectos de celebrar el Quinto Pe-



riodo Ordinario de Sesiones de la Séptima Legislatura de la Asamblea Nacional del Poder Popular.

Circúlese a los diputados de la Asamblea Nacional del Poder Popular, así como entre los órganos y organismos estatales, según proceda, y publíquese en la Gaceta Oficial de la República, para general conocimiento.

DADA, en la ciudad de La Habana, 12 de julio del dos mil diez. "Año 52 de la Revolución".



España conquista el Mundo

Con el agónico tanto al minuto 116 de la prórroga, la Furia Roja ingresó en Sudáfrica a un club selecto y se convirtió en el octavo astro del firmamento balompédico. Por lo demás, el uruguayo Diego Forlán fue reconocido con el Balón de Oro al Mejor Jugador, mientras el alemán Thomas Müller mereció los pergaminos al máximo goleador y al futbolista joven más destacado del torneo. (Más información en la página 7)



Outras formas de comunicação do regime

“Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo [seu modelo de cultura], seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”, Adorno e Horkheimer

Além dos jornais, o governo de Fidel também utilizou outros mecanismos da imprensa em seu favor e, conseqüentemente, de seu movimento e, posteriormente, de seu regime.

A primeira manobra nesse sentido foi a publicação de seu manifesto, o qual continha as bases de sua ideologia, conhecida como Castrismo. O “Manifesto ao Povo de Cuba”, foi publicado na revista Bohemia, em 26 de julho de 1957. Escrito por Fidel Castro, Raúl Chibás Rivas e Felipe Pazos, o documento continha os seguintes apontamentos:

- A restauração da Constituição de 1940, derrubada por Batista para governar sem ser eleito;
- Eleições livres e democráticas, com a participação de todos os partidos, após um ano de governo provisório;
- Liberdade de todos os presos políticos;
- Liberdade absoluta de imprensa, para que o povo fosse informado de todas as atividades e sucessos, dentro e fora do território nacional.
- A partir dessas promessas, todas as organizações que estavam combatendo Fulgêncio Batista se puseram ao serviço do Movimento 26 de Julho.

“O “Manifesto de Sierra Maestra”, foi um dos documentos chaves da guerra civil e teve papel destacado em estimular a confiança nas convicções democráticas de Fidel Castro”, afirmou Theodore Draper, em sua obra Castrismo – Teoria e Prática (pág. 28).

A base guerrilheira em Sierra Maestra, que funcionava também como um quartel general, possuía uma pequena imprensa com um mimeógrafo antigo, no qual eram editados os manifestos e até um jornal da floresta.

A revolução também contava com os meios de comunicação de massa para realizar o doutrinação e desenvolver a consciência popular.

“Para sobreviver aqui e para triunfar é preciso viver como se já estivesse morto”, Che Guevara no filme Che 2 – A Guerrilha (Che: Part 2)

“Che” Guevara também utilizou livros para disseminar suas ideias, táticas e estratégias de guerrilha e sua ideologia, sua obra mais famosa “Guerras de Guerrilhas”, era considerada um manual, no qual descreveu as três grandes lições da experiência cubana para a “mecânica dos movimentos revolucionários na América”:

- Forças populares podem vencer uma guerra contra um exército;
- Nas Américas subdesenvolvidas a área da luta armada é primordialmente o campo;
- Não é necessário haver todas as condições para se fazer uma revolução. O foco (foquismo) pode criá-las.





Jornal Revolución

O Jornal Revolución publicado entre março de 1959 e novembro de 1961, era um órgão de imprensa dos guerrilheiros de Sierra Maestra, que passou a ser editado após o triunfo da Revolução Cubana.

O jornal era do Movimento 26 de Julho e surgiu na luta com Batista com um caráter fortemente antiimperialista, defendendo amplas reformas nacionais e democráticas, como a reforma agrária. Seu diretor era Guillermo Cabrera Infante e se propunha a uma (re)fundação da cultura nacional. Tinha como missão a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Lunes de Revolución, suplemento semanal do jornal Revolución, defendia as principais transformações da Revolução, polemizando com diversos intelectuais que possuíam concepções distintas de concepções culturais revolucionárias. Tornou-se um espaço para luta ideológica e as contradições políticas presentes no período inicial do processo revolucionário.

Cabrera Infante (1996, p. 83), “o tablóide, contando com o esmagador poder da Revolução (e do governo) por trás dele, e também com o prestígio político do MR 26 de Julho, foi como um furacão que literalmente arrasou com muitos escritores enraizados, lançando-os no esquecimento. Tínhamos o credo surrealista como catecismo e o trotskismo como estética, misturados como metáforas ruins ou como um coquetel embriagador”

Lunes estava imbuído da ideia de inserir a cultura cubana no panorama cultural mundial. Os editores acreditavam que era necessário criar um ambiente intelectual em Cuba, que estivesse ligado às principais tendências da cultura internacional.



Lunes era aberto a diversas influências, como o marxismo, o anarquismo, o trotskismo, o espartaquismo, a psicanálise e o existencialismo. Mas os editores se declaravam de esquerda e revolucionários. O suplemento sempre defendeu a revolução, mas foi fechado por Fidel Castro.

Carola Saavedra Hurtado, em sua tese “Meios de comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise”, descreve brevemente como a imprensa foi atingida pela revolução e depois pela crise provocada pela dissolução da URSS, causando o fechamento de diversas publicações (Lunes estava entre as fechadas logo após a revolução, mas por motivos ideológicos). Veja no trecho a seguir:

[...]De todas as mídias, foi a imprensa a mais atingida: não havia dinheiro, nem papel, nem tinta suficiente para continuar produzindo dezenove jornais com uma tiragem total de dois milhões de exemplares por dia. [2] Várias medidas foram adotadas: em alguns casos o fechamento da publicação, em outros a redução da tiragem e do número de páginas. Em 1994 a quantidade de jornais publicados por semana era menor que a metade da quantidade em 1989. [3] Granma, o principal jornal cubano, ficou sendo o único com extensão nacional, porém, sua tiragem passou de



dois milhões a 450.000 exemplares por dia. O mesmo ocorreu com as revistas: das 600 revistas existente antes da crise, restaram apenas 100.

Quanto ao conteúdo, também houve muitas mudanças: devido à diminuição do espaço, desapareceram as reportagens mais longas, entrevistas e comentários. Como Granma passou a ser o único jornal diário de Cuba, podia adiar sem problemas em vários dias a publicação de uma notícia importante. Isso teve uma influência importante no estilo do jornalismo cubano daqueles anos: a rapidez da informação e o sentimento do que é “notícia” deixaram de ser aspectos importantes...]

Ainda hoje, o regime vigente em Cuba utiliza diversas formas de comunicação para disseminar sua ideologia e forma de governo. Os outdoors presentes em Havana, por exemplo, possuem diversas propagandas do governo, assim como nos intervalos da programação da TV local, são veiculados comerciais com apologia ao regime.



A imprensa e o governo Socialista

“A literatura pode e deve ser uma trincheira”, Guillermo Cabrera Infante

Em um país socialista, assim como num capitalista, é claro que a imprensa anda lado a lado com o regime vigente, ajudando o governo a se manter no poder na medida em que responde aos interesses do Partido Comunista. Segundo Zoé Valdez, “o jornalismo oficial é a voz do governo, trabalha para o regime, é sua base eficaz e seu maior instrumento de publicidade”.

O jornalismo cubano possui três áreas de atuação bastante claras: uma trata dos fatos e acontecimentos, outra trata de pequenas áreas ou subsistemas (são essas duas primeiras que tem como objetivo legitimar o sistema social) e uma terceira que trata do sistema em si, e pode “questionar” o sistema social. Em Cuba, o que predomina é o jornalismo informativo (pouco crítico e analítico) e voltado às duas primeiras áreas supracitadas. Isso também ocorre, pois quase não há jornalismo investigativo que, nos países capitalistas, explora, sobretudo, a terceira área de exposição: o sistema.

O jornalismo cubano contribui com a vigência do governo cubano, uma vez que é difusor das ideias políticas e sociais do regime. Segundo Perseu Abramo, “o principal efeito dessa manipulação é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade³³”.

“A imprensa cubana apoia e protege o regime vigente: o socialista. O jornalista cubano se mete muito nos “compromissos” sociais e políticos do país. O que acontece, muitas vezes, é que o jornalista cubano busca sempre uma missão para se sentir seguro. E não somente os que estão em Cuba. Jornalistas formados na ilha que residem em Miami lutam por se tornar “ideólogos” de suas empresas, de suas instituições “capitalistas”. Dessa forma, acreditam que ajudam a manter suas empresas, bem como aspiram sustentar o governo vigente”, afirma um blogueiro cubano.

A chamada imprensa castrista é um instrumento do governo e é estritamente controlada. “A mídia transmite uma visão parcial da realidade, são assalariados dóceis que apenas levantam problemas nas instâncias permitidas pela orientação ideológica da sociedade cubana”, revela um jornalista e professor universitário de Comunicação Social de Cuba. Já um blogueiro cubano residente no exterior salienta que a “mídia castrista é um veículo de adoutrinação e propaganda a favor do governo” e afirma que “muitos cubanos consideram risível o jornalismo oficial, mas não são todos que tem a capacidade de pensar com sua própria cabeça”.

Como toda a mídia cubana é oficial, ela é um dos pilares com que conta o governo dos Castro para exercer e manter seu poder dentro do país. Embora exista um mínimo de crítica, a mensagem é sempre de apoiar as mudanças solicitadas pelo regime, que ocorrem na superfície.

A imprensa vale pela inteligência que vende e entrega”, Marcos Troyjo

“A imprensa sim ajuda o governo e o partido em todo o seu trabalho, mas vale ressaltar que também crítica, na medida do possível, as coisas erradas feitas do ponto de vista econômico, cultural e social de âmbito mais abrangente e global”, diz um ex-diretor do jornal Sierra Maestra e militante do partido comunista cubano.

“Além dessa série de elementos que contribuiu para sustentar a ideologia oficial, não se pode deixar de referendar a importância do Granma na elaboração de uma tradição de luta do povo cubano e mesmo do latino-americano, visto que desde sua fundação o jornal levanta bandeiras de convocação à resistência e à manutenção dos ideais revolucionários. Este mecanismo, que busca reforçar a ligação entre o jornal e seus leitores, estabelece vínculos estreitos entre o sacrifício de cada um diante do difícil momento atual

³³ “Significado Político da Manipulação na grande imprensa”, Perseu Abramo, de 1988.





e o compromisso de fidelidade ao sistema e ao partido³⁴”.

34 Trecho da tese de Beatriz Wey, “Imprensa Cubana e Imaginário Nacional”.





A imprensa cubana e a expressão de opinião

“Pronunciar-se é o caminho mais curto para atrair problemas”, Yoani Sánchez

É possível utilizar os dois princípios básicos do jornalismo - neutralidade e equilíbrio, em um regime socialista? Essa é uma pergunta muito feita e por diversas vezes não respondida. Honestamente, a autora acredita que não, visto que, como afirma Leão Serva, “o jornalismo está fadado a mutilar a realidade e a história”. Apesar de a imprensa ter como função, ao menos ao ver da autora, prestar serviço à sociedade e defender o interesse nacional, é humanamente impossível escrever com neutralidade, ainda mais em situações extremas, como as vivenciadas em um regime ditatorial. Um jornalista pode tentar se isentar de sua parcialidade, contudo, suas crenças sempre aparecerão no papel, o mínimo que seja.

Mas a imprensa deve ser imparcial? Só um jornalismo imparcial é bom? A autora acredita que não. Esse princípio, instituído pelo jornalismo norte-americano (não necessariamente aplicado) – segundo Robert Fisk “regras feitas nos anos 40, nas escolas de jornalismo dos Estados Unidos” - e absorvido pelos veículos de imprensa e universidades brasileiras, não é o único “correto”. Na França, por exemplo, os veículos de imprensa são parciais, manifestando diariamente a sua ideologia política, e fazem um bom jornalismo. A realidade é que a opinião pública tende a recompensar os jornais que acertam em suas análises e projeções e que possuem notícias verossímeis e relevantes, ou seja, que suprem as suas necessidades de informação. Para isso, os jornais deveriam – alguns ainda o fazem – analisar a situação a partir dos acontecimentos históricos dos envolvidos.

“Em uma parte do mundo imersa em injustiça, onde milhares são rasgados e destroçados por armas todos os anos, você entra em um novo tipo de mundo. Um mundo no qual os estandartes de neutralidade utilizados em um julgamento de cidade pequena caem por terra, por não serem mais relevantes”, Robert Fisk

No caso da cobertura da mídia, apesar de se proclamar imparcial, é possível enxergar claramente sua parcialidade: no caso de Cuba, os Estados Unidos, ou melhor, contra o regime socialista e o governo dos Castro. A partir do acompanhamento da cobertura da imprensa, a impressão que se tem é de que todos em Cuba são massacrados pelo regime e vivem presos sob os olhos impiedosos de Fidel Castro (mesmo este não sendo mais o comandante em chefe do país, e sim o seu irmão, Raul). O perecer dos civis também é uma tendência do século XX e XXI, que não poderia passar despercebida pela imprensa. Essa tendência é relatada por Hobsbawm no livro Era dos Extremos, segundo ele, “de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa” (pág 51). E completa em outra obra sua – Globalização, democracia e terrorismo, “No transcurso do século, o preço da guerra deslocou-se cada vez mais das forças armadas para a população civil, não só como vítima, mas, de maneira crescente, como objetivo de operações militares ou político militares” (pág 24).

A parcialidade da imprensa pode ser vista durante toda a cobertura feita sobre a ilha, na qual a mídia sempre apresentava o comunismo como o mal e os países que o combatiam, sobretudo, os EUA, como o bem.

Apesar de alguns aspectos serem reais / verídicos, existem outras ocorrências que pouco aparecem nos veículos de informação. A partir disso, percebe-se qual lado a imprensa adotou – ao menos por enquanto. Essa escolha da mídia em “não apoiar” Cuba pode se dever a diversos fatores, como os já citados: fator humano, cidadania, repúdio ao regime etc. Mas a talvez a mídia não esteja ao “lado do povo”. Talvez seja apenas um repúdio às restrições de Cuba no que se refere à entrada da imprensa no país. (Sim, que a imprensa estrangeira não pode estabelecer um contato direto com a “realidade cubana”. Há um controle aos jornalistas que entram no país – locais que podem frequentar, pessoas com que podem falar, tempo de permanência etc.).

Sendo assim, se toda a cobertura feita pela imprensa no que diz respeito à Cuba é parcial, bem como a imprensa em diversas nações, em relação a uma multiplicidade de fatores, por que a imprensa Cubana



deveria ser imparcial?

Antes de entrar nesse mérito é importante ressaltar que uma imprensa privada é inconcebível no socialismo. Com o passar do tempo, algumas coisas mudaram no que se refere à mídia no mundo socialista, contudo essa poderosa forma de controle da opinião pública e de difusão de ideologia pertence somente ao Estado.

Na imprensa socialista há diferentes formas de opinião, critérios diversos e análises distintas. Porém, apesar desta crítica, diversidade de pensamentos e de tendências, há coisas e princípios que não se discutem, como revela o editor de revista, jornalista e escritor, membro do I Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), “não são debatidas coisas tidas como fundamentais da sociedade cubana, como: a defesa da pátria, o antimeritismo, os interesses do povo, entre outras”. Ele acredita que o debate e a contribuição do pensamento muito mais amplo não só devem ser permitidos em qualquer veículo de imprensa, como também facilitados.

No que se trata de expressar opinião, o julgamento dos cubanos não é muito distinto. Todos que inquiridos responderam que os trabalhos jornalísticos sempre devem levar em consideração a opinião do jornalista que elaborou o trabalho informativo, uma vez que “a palavra foi concedida para dizer a verdade e não para encubri-la”, diz o ex-editor do jornal Sierra Maestra.

“La prensa y sus vehículos de opinión deben ser libres, como en cualquier sociedad. La prensa es esencialmente opinión libre, y libre sobre todo de regímenes totalitarios.”, Zoé Valdés em seu blog, o qual fala sobre Cuba³⁵

Como é de comum conhecimento, os meios de comunicação (leia-se jornalista e empresas) expressam sua opinião diariamente, por meio de seus perfis editoriais e em seções específicas, além de seu reflexo estar diretamente em todos os trabalhos que cada meio de comunicação produz e divulga. Muitas vezes, é possível ver uma obra totalmente opinitiva e parcial sobre determinado evento, sendo difícil separar a opinião do meio de comunicação da opinião do jornalista que assina o trabalho. O que acontece em Cuba, com a imprensa Castrista não é diferente.

Segundo alguns cubanos esse jogo de interesses não acontece só na ilha, mas em diversos outros países. “Tomemos o caso da imprensa italiana, se um jornal, no qual o consórcio pertencente a Silvio Berlusconi é acionista, quer emitir um comentário que afete seus interesses, este simplesmente não é publicado”, aponta o chefe de Departamento Informativo de um canal de TV cubano.

Sendo assim, fica claro que os cubanos acreditam que os jornalistas devem expressar sua opinião na imprensa, mas de forma responsável e que represente e canalize o debate social. “A diversidade de opinião é uma característica que deve distinguir a imprensa factual, mas esta não pode se ater a somente um setor, a somente um tema”, expõe o jornalista, professor universitário de comunicação social e editor de web de uma Rádio cubana.

“Acredito que o mais importante é ser sincero. É dizer e reconhecer que há opinião em seus textos. Nisso a imprensa oficial cubana leva vantagem. O Granma, por exemplo, se declara “Órgão Oficial do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba”. Não há trapaça. Não considero “jornalismo”, mas também não é hipocrisia. Isso é melhor, pois às vezes a objetividade é uma opinião com interesse não declarado”, revela um cubano residente na Flórida que possui um Blog sobre a ilha.

³⁵ Estudió en el Instituto Superior Pedagógico, en la Facultad de Filología de la Universidad de La Habana y en la Alianza Francesa de París. Trabajó en la Delegación de Cuba ante la UNESCO en París, y en la Oficina Cultural de la Misión de Cuba en París. Trabajó como Subdirectora de la Revista Cine Cubano y como guionista del Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC).



O papel do jornalista cubano na imprensa

Um debate que sempre fez parte dos cursos universitários de jornalismo é o papel do jornalista na imprensa. O debate se intensificou no século XXI com a presença definitiva e preponderante da internet na vida das pessoas em todo o mundo. O jornalista precisou se reinventar e reinventar sua forma de escrever e de colocar as informações no papel, para não perder seu espaço frente aos antigos e novos leitores.

Em Cuba, o papel do jornalista frente a essas mudanças se deu de forma muito lenta e gradual, visto que a internet no país não é muito disseminada e acessível, sobretudo aos moradores da ilha.

“Até meados dos anos 90[a internet] era praticamente inexistente no país. Desde o início, o acesso a internet em Cuba foi restrito. Para sua utilização é necessária uma autorização especial, que é dada normalmente apenas a estrangeiros, jornalistas, diplomatas e pesquisadores. Mesmo assim, controla-se os sites aos quais é possível ter acesso. Contudo, por muito tempo isso não impediu que muitas pessoas acessassem ilegalmente a internet, existindo, inclusive, um mercado negro bastante desenvolvido. Em 2004 o governo proibiu o acesso à internet através do serviço telefônico estatal (de baixo custo e pago em pesos cubanos) o que tornou impossível a utilização da internet para a maioria da população”, Carola Saavedra Hurtado³⁶

Enquanto em todo o mundo os jornalistas e jornais buscavam desesperadamente uma forma de se adaptar ao novo, tendo que se reciclar, reinventar, enxergar além dos olhos do público e, principalmente, passar a ter uma visão plural e global de suas matérias, em Cuba, o jornalista aprendia com o próprio passado a escrever o presente.

Contudo, nesse ínterim, as acusações contra a imprensa castrista sobre ser parcial permanece. Em 50 anos, em pesquisa feita, foi possível notar que se aborda sempre a questão da parcialidade, censura e apoio ao regime. Deixando-se de lado, outros importantes aspectos.

Como dito anteriormente, o jornalismo nunca é totalmente imparcial. Dessa forma, conclui-se que os jornalistas também não o são. Esta análise não busca entrar em questões de certo e errado ou mesmo de julgamentos (apesar de concordar que a autora também não é imparcial), mas um jornalismo imparcial é um jornalismo utópico.

Nilson Lage, em sua obra *Linguagem Jornalística*, afirmou que o texto jornalístico, como qualquer outro, pressupõe restrições do código lingüístico. “A redução do número de itens léxicos (palavras e expressões) e das regras operacionais postas em jogo não apenas facilita o trabalho, mas também permite o controle de qualidade (p.35)”.

A questão principal cubana, no que se refere à parcialidade dos jornalistas é que: muitas vezes sua parcialidade lhes é imposta. Alguns jornalistas entrevistados mostraram total convicção no que escrevem e realmente não são impelidos a tal, escrevem sobre o regime e demais temas, pois acreditam no sistema em que vivem. Porém, muitos outros não são favoráveis e concordantes com o sistema socialista, o regime e seus governantes, mas mesmo assim, precisam “fabular” que o são e escrever de forma a não ser percebido pelo governo, transcrevendo não a sua opinião, mas aquela que lhes é imposta.

Em relação a expressar suas opiniões por meio da imprensa, muitos dos entrevistados responderam que os jornalistas realmente devem fazê-lo. “Um jornalista pode e deve expressar sua opinião em um veículo de imprensa sempre que tiver conhecimento suficiente sobre o tema em questão, para não correr o risco de emitir um juízo errado e não chegar ao fundo do assunto e não deixar de abordar aspectos fundamentais sobre o tema tratado. O jornalismo com opinião requer um maior domínio sobre o tema”, diz o jornalista e chefe do Departamento Informativo de um canal de TV cubano.

³⁶ Trecho retirado da tese “Meios de comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise”.



“La “noticia objetiva” es una clara “opinión”. Te confieso que en mi gremio el periodismo no es muy bien visto; se le ha llamado ‘enemigo de la promesa’”, cubano exilado nos EUA – Flórida

“Um jornalista coerente e fiel ao que vê e acredita, sempre deve refletir suas opiniões na imprensa (rádio, TV, internet ou impressa), uma vez que não é trabalho dos jornalistas e da imprensa diária transcorrer de forma rápida e leviana sobre os eventos que ocorrem ou mesmo censurá-los por causa de empatia ou adesão”, salienta um militante do Partido Comunista Cubano.

Mesmo partindo do princípio da parcialidade, é claro que para o bom exercício da profissão, o jornalista deve mostrar a realidade, de forma profissional, ou seja, a partir dos recursos reais e factíveis com que conta. Os jornalistas comprometidos com sua profissão e com a sociedade são protagonistas do desenvolvimento social e político, sendo assim, se assumir sua verdadeira função social, de análise crítica e franca, auxiliará na busca de soluções que dignifiquem a vida da população como um todo.

“Sem dúvida os jornalistas devem refletir suas opiniões na imprensa. O problema ocorre quando se trata de jornalistas atuando em um regime totalitário, como o cubano, no qual a opinião permitida é unicamente a favorável ao governo”, revela um blogueiro cubano.

“La expresión de opiniones es una parte importante del hacer periodístico.”, jornalista cubano

As opiniões dos jornalistas, suas contribuições e comentários, e seus pontos de vista criativos, são fundamentais para o bom exercício da profissão ao ver da autora desta obra, sempre que respeitados os interesses e os princípios básicos que regem uma sociedade. Segundo um escritor e jornalista independente cubano, “os jornalistas têm o direito de ter suas próprias opiniões. Caso contrário, no que se refere à objetividade (que sabemos não existir de forma pura) é simplesmente hipócrita e demagógico”.



A imprensa a serviço da sociedade

Uma das atribuições da imprensa é prestar serviço à sociedade. Sua atuação, contudo (não o seu papel) deve variar de acordo com a sociedade e, a autora atreve-se a dizer, regimes políticos e governamentais, bem como com o sistema em que está inserida. Muito já se especulou sobre o papel da imprensa. No livro “As Quatro Teorias da Imprensa” (Siebert, Schramm e Peterson), de 1956, por exemplo, se abordou as diferentes formas de funcionamento dos meios de comunicação de massa nos diferentes tipos de sociedade. Na obra, os autores criam quatro enfoques normativos: a teoria da imprensa, a teoria autoritária do século XVI, a filosofia estatal do absolutismo e a promoção da política do governo. No Iluminismo, houve o crescimento das liberdades políticas, religiosas e econômicas, e a imprensa teve papel determinante em perpetuar teorias.

Com a teoria da imprensa controlando o governo tornou-se comum chamar a imprensa de “Quarto Poder”. Deu-se que surgem as teorias da responsabilidade social e a do comunismo soviético para modificar as teorias anteriormente editadas.

O papel da imprensa em Cuba é o mesmo do que no resto do mundo. Prestar serviço à sociedade faz parte de suas atribuições. Mas é necessário ressaltar que a imprensa cubana presta serviço à sociedade socialista cubana. Sendo assim, é necessário analisar de diversos ângulos essa questão, antes de se afirmar que os veículos de comunicação do país não possuem essa função.

Conforme explica o politólogo, historiador e ativista social, Armando Chaguaceda, “a imprensa deve prestar serviço à sociedade, mas é necessário levar em consideração o tipo de sociedade, o consenso geral que há nessa sociedade, que, obviamente, nunca são estáticos, nem definem uma instância. São consensos gerais definidos pela sociedade a partir da interação de seus cidadãos, de seu público, de suas instâncias empresariais, políticas, culturais e intelectuais, de como prestar serviço à sociedade”.

Dessa forma, no que diz respeito à manutenção do regime e da ordem pública, pode-se dizer que cumprem sua função. Já quanto aos interesses da população cubana, é extremamente relativo, visto que há os que apoiam os ditos do governo e os que são totalmente contra ao que pregam os Castro.

Quanto ao papel da imprensa cubana e sua função como prestadora de serviço, todos os entrevistados foram unânimes: acreditam que esta deve ser sua principal função.

“A imprensa deve prestar serviço à sociedade. Porém, na prática, não é possível prestar serviço à sociedade como um todo, pois a sociedade no geral, na qual se inclui a cubana, está repleta de conflitos entre grupos, classes etc. Em todo o caso, o jornalismo deve servir para que os conflitos sociais cessem da maneira menos traumática possível. A isto soma-se o imperativo ético de apoiar o desenvolvimento humano com uma visão ampla e comprometida, sobretudo com os marginalizados. Na Cuba de hoje, o jornalismo deveria promover o debate sobre o modelo econômico do país”, confessa um professor universitário cubano.

“La prensa debe estar al servicio de la información, del individuo que la lee y la consume, y de la sociedad que ella misma analiza y retrata, de manera crítica y real.”, cubana residente em Paris, França

A imprensa, por dever, deve oferecer informações úteis para a sociedade. As notícias cumprem uma função informativa aos receptores, mas também é importante que os veículos de comunicação cumpram uma função lúdica e educativa, servindo para que o leitor não só se informe por meio dela, mas também aprenda e obtenha todos os dados que necessitar. O ex-diretor do jornal Sierra Maestra e militante do partido comunista considera a prestação de serviços à sociedade uma, mas não a obrigação principal da imprensa. “Considero que essa deveria ser uma, mas não sua fundamental obrigação. A imprensa deve ensinar, explicar, orientar, dirigir, examinar os conflitos, mas não emitir juízos apaixonados. Ela deve propor soluções se pretende que o país a respeite e, de acordo com seus serviços e merecimentos, a





proteja e a honre”, revela.

“Creio que o maior serviço que pode prestar a imprensa à sociedade é ser o mais livre possível de critérios e ser verdadeira. Ser verdadeira.”, Armando Chaguaceda

Um blogueiro cubano revelou que acredita que a imprensa deveria ter como principal atribuição, manter a sociedade informada, brindando-a “não somente com notícias frescas, mas também alternativas de opinião e um espaço onde refletir as inquietudes e necessidades dessa mesma sociedade”.

“Los periodistas, por vanidad, por convertirse en celebridades, están incursionando en cosas para las que la sociedad ya tiene instituciones competentes.”, blogueiro cubano residente nos EUA

Como parte de sua função social, observa-se na imprensa o papel de transmissão tanto de cima para baixo, quanto de baixo para cima. Também há o papel de mediadora, orientadora, de diálogo, (em suas devidas proporções) que deve existir em uma sociedade socialista e os diversos setores que a compõe.





A imprensa e o debate democrático

Na esfera democrática parte-se do princípio que todos deveriam poder, de alguma forma, participar do processo de definição de questões que tratam da coletividade. Também faz parte da concepção de democracia a ideia de que, por meio do debate, podem-se harmonizar posições para uma convivência sadia. A pluralidade de visões e pensamentos faz com que seja necessário o diálogo constante para que os diferentes possam entrar em um consenso e participar da construção da sociedade comum.

No socialismo puro, baseado em Marx e Engels³⁷, ou seja, em uma sociedade igualitária, que oferece oportunidades iguais a todos, a fim de maximizar suas potencialidades, com ou sem intervencionismo social e racionalização econômica, na qual o povo está no poder: do povo, para o povo e pelo povo, também é possível permitir e incentivar o debate democrático na imprensa.

“O debate é sempre um sinal de desenvolvimento. Uma imprensa sem debates, sem questionamentos, fica estagnada. Entre 1850 e 1900, na imprensa cubana e espanhola, era possível ver debates sobre temas literários, científicos ou políticos, que duravam vários meses, pois começavam com dois jornalistas que discordavam de uma posição determinada e logo se somavam outros personagens ao debate, que o enriqueciam e aportavam novas perspectivas. Nessa época, os debates duravam também devido às dificuldades de comunicação. Com a chegada do novo século, os debates continuaram, mas se simplificaram. O rádio e a televisão são plataformas boas para os debates em tempo real e são imprescindíveis nos dias de hoje”, afirma um jornalista cubano.

“El debate en general, como decía Hayek, es un ejercicio intelectual sobrestimado. Puede la prensa ser un espacio para ello, lo que no quiere decir que sirva de mucho”, bloquero cubano

É importante ressaltar que se a autoridade da razão é a que sentencia a igualdade das pessoas, é também pelo uso da razão em público que o poder e suas decisões devem ser legitimados. Sendo assim, em uma sociedade socialista seria imprescindível o debate na esfera pública³⁸, sobretudo na mídia.

Um militante do Partido Comunista Cubano, afirma que a imprensa é o veículo ideal para qualquer tipo de debate, não devendo ter fronteiras, desde que seja justa, respeitosa e verdadeira. “A imprensa deveria ser como um cachorro guardião da casa pátria”, completa.

Segundo um jornalista cubano de 26 anos, um debate democrático sem limites, sobre todos os aspectos do panorama político é e será impossível em Cuba, enquanto os EUA continuarem a apostar na “mudança de regime” como prioridade em sua política externa, no que se refere à ilha. “Para reformar o regime vigente em Cuba, não creio que seja necessário um debate democrático que inclua os adversários organizados (genericamente chamados “dissidentes”). É necessário começar muito antes o debate democrático dentro das fileiras dos próprios revolucionários e socialistas cubanos. Parte desse debate já está acontecendo na internet, mas para que chegue ao público cubano em massa, é preciso diminuir o controle dos meios de comunicação por setores mais ortodoxos do governo-partido”, alerta.

O jornalista, escritor e membro do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC) tem uma opinião parecida. Ele acredita que deve haver o debate democrático na imprensa cubana, mas que esse só deve ocorrer se estiver localizado, especificamente, em Cuba. “Um país bloqueado e ameaçado há 50 anos pelos Estados Unidos. Uma nação gigante frente a uma ilha pequena. Essa conjuntura, que já alcança a marca de cinco décadas, marca uma situação muito particular. Frequentemente, há grupos

³⁷ O socialismo será alcançado através da luta de classes e de uma revolução do proletariado, que acarretará em uma fase de transição do capitalismo para o comunismo.

³⁸ Conceito de esfera pública de Habermas, diferente do publicado no livro “Mudança estrutural da esfera pública”, de 1962. Após diversos movimentos sociais, Habermas teve de repensar a esfera pública com novas categorias (dadas por sua teoria da ação comunicativa). Ganha relevo aqui a ideia de sociedade civil, contraposta ao âmbito do mercado e ao do Estado e constituída por movimentos, organizações e associações. Na sociedade civil se originam esferas públicas diversas, que, conforme o caso, se generalizam através dos meios de comunicação.





políticos internos, que são geridos e pagos pelos EUA. Estes querem outro tipo de debate democrático e isso deve ser observado com muito cuidado. Hoje, eu apoio o debate democrático dentro da revolução, mas que não tenha a participação dos inimigos e dos que são manipulados pelos Estados Unidos”, salienta.

Já um blogueiro cubano, residente no país, revela: “O debate democrático é, precisamente, uma das grandes carências da imprensa oficial cubana: seus debates são artificiais, pois só refletem as opiniões e posicionamentos de uma das partes”.

“O debate democrático no ocorre en Cuba ni en aquellos países donde la democracia es una palabra prohibida.”, jornalista e refugiada política na Suíça desde 2003

A carência de debate também pode ser explicada por outro fator, como revela a escritora de livros infantis, Wendy Guerra, em entrevista à autora, “nossas faculdades são muito teóricas e temos pouco acesso às práticas. Temos professores de todo o mundo que nos auxiliam a formar um pensamento, ou seja, aprendemos uma coisa e nossos professores críticos, nos leval a outra vertente de pensamento”.





Cuba e a imprensa mundial

“Dinâmicas diferentes requerem coberturas diferentes”, Robert Fisk

O século XX foi palco de inúmeras revoluções tecnológicas, que ocasionaram uma integração cada vez maior entre os países de todo o globo terrestre. Essa mudança foi percebida e incorporada nos diferentes setores da sociedade, entre eles o midiático.

As transformações na cobertura de imprensa puderam ser vistas a olho nu, em um cenário no qual os jornais diminuíram sua dependência do poder público e a notícia é passada ao público em tempo real.

Cada vez mais o leitor recebe informações instantâneas de acontecimentos do outro lado do mundo e pode imergir em suas imagens, números e dados, os quais, graças a essa mesma aceleração, nem sempre são precisos.

Na cobertura de guerra, essa modernização tecnológica fez, e ainda faz, muita diferença. Hoje, muitas vezes é possível “sentir o calor da notícia”, o que antes não acontecia. Desde a Guerra Fria [que compreendeu, entre outros conflitos de menor repercussão – África, América Latina -, a Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1962-1975) e a Guerra do Afeganistão (1979-1989)], houve uma significativa mudança na forma como a imprensa apresenta os fatos ao público.

Guerra da Coreia: durante a guerra, os jornalistas eram controlados. No decorrer do conflito, houve um abrandamento das regras.

Guerra do Vietnã: durante o conflito, a imprensa sofreu poucos entraves e os correspondentes tinham acesso direto aos militares, não sofrendo censura.

Guerra do Afeganistão: a cobertura da guerra foi totalmente censurada e os correspondentes que “furavam” o cerco sofriam riscos altíssimos.

Guerra do Golfo: alguns jornalistas podiam acompanhar as tropas, mas seu acesso às localidades era controlado pelos militares. Imprensa mostra “total ausência de mortes” no Iraque.

A cobertura dos conflitos pelos veículos de imprensa, no período supracitado, causou um enorme impacto na população, pois apesar de haver censura em alguns casos – que não permitia a veiculação do que realmente estava ocorrendo nos fronts - o aparelho de televisão estava começando a invadir as residências. Dessa forma, a Guerra da Coreia se tornou o primeiro conflito acompanhado pela TV e a Guerra do Vietnã, a primeira guerra ao vivo. Comparando a cobertura desses dois conflitos, já é possível notar uma grande diferença, movida, sobretudo, pelo “tempo real” em que a imagem é transmitida. A primeira, passível de edição de imagens, provocou uma reação positiva em relação ao confronto – jovens indignados com a morte de soldados, querendo se alistar, e a segunda, ao vivo, uma reação negativa à guerra – ocasionando protestos em todo o mundo.

Na guerra do Iraque, os jornalistas foram incluídos às unidades militares e a comunicação por satélite tornou praticamente impossível a censura. Contudo, o companheirismo entre os jornalistas e os soldados prejudicou a cobertura, uma vez que a sobrevivência dos jornalistas dependia dos soldados. A guerra do Iraque teve mais um aspecto inédito, a presença de uma câmera ligada 24h de fora da cidade, filmando todos os bombardeios.

A cobertura de guerras, conflitos armados, guerrilhas pela imprensa mundial sempre foi muito discutida e polemizada, como pode ser notado nos relatos acima. Não há nada mais passível de discussão do que uma guerra, o que é um prato cheio para os jornalistas. Apesar da imprensa, após a guerra do Vietnã,





ter se tornado mais “responsável com o fator humano”, com a cidadania e os direitos humanos, ela lucra com acontecimentos como esse, muitas vezes – senão todas - se aproveitando desse mesmo “fator humano” para ganhar espaço e audiência.

Um fator que também gera polêmica na cobertura de guerras é a desobrigação dos jornalistas em ouvir todos os envolvidos no acontecimento. Segundo Daniel C. Hallin, professor de Comunicação da Universidade da Califórnia, “na esfera do consenso os jornalistas vêm-se desobrigados a cumprir procedimentos básicos da ética jornalística, como ouvir os dois lados da história. Essa conduta jornalística está presente em assuntos que envolvem o interesse nacional – circunstância mais visível em época de guerra”. Esse é o principal fator relacionado à cobertura da imprensa no que se refere à revolução cubana e, ainda nos dias de hoje, a tudo o que ocorre no país.

“Todos os países existentes põem seus próprios interesses em primeiro lugar”, Eric Hobsbawm

Armando Gimenez, repórter dos Diários Associados, além de suas reportagens para os jornais do grupo de Assis Chateaubriand, escreveu em 1959 o livro “Sierra Maestra: a Revolução de Fidel Castro”, que foi um sucesso de vendas, conseguindo alcançar uma segunda edição em seu ano de lançamento.

Segundo Gimenez, no capítulo “Cuba e a Imprensa” de sua obra, “a imprensa latino-americana nada divulgava [sobre a revolução]. As agências telegráficas norte-americanas, subordinadas pela tirania, escondiam tudo. O que era notícia trespalava a mentira, calúnia e injúria. Deturpavam nos seus noticiários a verdade cubana. Ocultavam os crimes bárbaros cometidos contra um povo. Fidel Castro e seus companheiros eram apresentados ora como simples aventureiros, ora como agentes comunistas. Com estas últimas palavras julgavam intimidar os povos americanos que ajudaram a enganar durante anos, acenando com falsas bandeiras de pseudodemocracia, enquanto a rapina continental continuava e, infelizmente, continua. Quem ouviu falar em Ventura, o carrasco de Havana? Quem tomou conhecimento através do noticiário internacional dos jornais da grande campanha desenvolvida por Fidel Castro durante a guerra civil? Divulgavam-se, sim, os atentados que os estudantes e operários levavam a efeito contra o tirano e seus asseclas. Com tal procedimento procuravam apresentar os revolucionários cubanos como bárbaros”.

“A verdade permanecia encoberta. Ampla divulgação, no entanto, tinham as mentiras forjadas no serviço de imprensa e rádio do Estado-Maior de Columbia. O capitão Boix Comas, o locutor Otto Meruelo e outros Goebbels do regime imaginavam vitórias. Falavam em grandes baixas por parte dos guerrilheiros”, revelou Gimenez em seu livro³⁹. Foi devido a essa indiferença da imprensa mundial sobre o que realmente acontecia em Cuba à época que se tornou necessária a criação da RÁDIO REBELDE.

No livro sobre jornalismo alternativo, “Rádios Livres: a reforma agrária no ar”, de Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Mazagão, a Rádio Rebelde foi tida como uma das principais experiências em comunicação alternativa na América Latina. Conforme relatam os autores, “Rádio Rebelde teve, antes de tudo, uma importância estratégica na luta revolucionária: ela foi o principal elo de ligação entre o quartel-general e as várias frentes guerrilheiras. Além disso, através dela a população cubana podia ter uma informação alternativa sobre o governo de Batista e as ações dos rebeldes. Uma voz nova se afirmava no panorama da guerra civil e a sua simples existência já rompia o silêncio de séculos de dominação da oligarquia espanhola. Os sinais de um tambor livre que podia, em algum momento, ser também a voz de cada cidadão cubano”.

Mesmo com o passar do tempo, cinco décadas depois da Revolução Cubana ainda há um bloqueio midiático em relação à ilha. Grande parte das matérias e reportagens sobre Cuba, para não dizer todas, só abordam a questão do regime socialista de um ponto de vista externo e, no que diz respeito à imprensa só tratam da censura, sem detalhar os demais aspectos que a regem ou mesmo compará-la com a imprensa

³⁹ Capítulo “A Operação Verdade”.





existente nos demais países do globo.

O professor francês Salim Lamrani, em uma apresentação simples, realizada em maio de 2010, apontou dados concretos sobre as relações da União Europeia com Cuba e a “guerra midiática contra a ilha”. Segundo Lamrani, “o encobrimento que esses meios realizam, oferecendo uma informação carente de referências, é feita para criar um estado de opinião que justifique as políticas agressivas da União Europeia contra Cuba”.

Sem entrar nos méritos dos motivos que interferem ou não na cobertura que é feita sobre o país, em todos os setores que o englobam, a realidade é que só se conhece um lado de Cuba, o de fora, e que a imagem que a imprensa mundial tem perante os cubanos entrevistados não é das melhores, pois estes têm a nítida impressão de que não são ouvidos.

“En general, hay una visión bastante rudimentaria de la realidad cubana, aunque eso ha evolucionado en los últimos diez años.”, blogueiro cubano residente em Londres, Inglaterra

Um jornalista independente cubano tem uma opinião bastante clara sobre a cobertura da imprensa exterior em relação à Cuba, “geralmente, o enfoque da imprensa mundial sobre Cuba não é muito exato. Cuba não é o inferno-gulag⁴⁰, nem tampouco o paraíso proletário que diz a esquerda mundial. Os correspondentes estrangeiros em Cuba fazem seu trabalho submetidos a todo o tipo de pressão por parte das autoridades, que impede seu acesso às fontes e aos fatos reais. O tema cubano é muito manipulado pela imprensa internacional e nem sempre com boas intenções. Se déssemos um pouco mais de atenção aos jornalistas independentes, talvez as coisas comesçassem a ser mais fiéis à realidade”.

“Há bastantes queixas dos correspondentes em Cuba. E uma grande distância dos correspondentes estrangeiros que cobriram a ilha no final do século XIX e início do século XX. Há historiadores que estão reescrevendo a história de Cuba, a partir de fontes norte-americanas, graças a uma qualidade que falta hoje. Porém, também há problemas de censura e condições que o jornalista estrangeiro compartilha com o jornalista cubano. Eu leio tudo que escrevem, por exemplo, Maurício Vicent do El País (jornal Espanhol) e Fernando de Ravensberg da BBC Mundo, e posso te dizer que, às vezes cobrem bem, outras vezes, regular, e em outras se vê que estão cobrindo um buraco ou uma solicitação clara da redação”, revela um cidadão cubano.

É claro que os meios de comunicação sempre representam interesses de determinados grupos, sejam eles de esquerda ou de direita, o que faz com que interpretem a objetividade e a “imparcialidade” a sua maneira. “A imprensa mundial responde cada vez mais a interesses políticos e econômicos. É cada vez mais difícil encontrar um jornalismo verdadeiramente democrático, live, profundo e analítico. Por outro lado, a imprensa se parece cada vez mais. A globalização é uma coisa certa. É possível notar nitidamente uma coincidência de opiniões entre um jornal espanhol e um diário norte-americano. As agências de notícias transmitem observações muito semelhantes. É uma tendência mundial”, aponta um escritor cubano.

Para Armando Chaguaceda, politólogo, historiador e ativista social, “a cobertura internacional feita sobre Cuba reflete a realidade. Contudo, a imprensa de direita ou de centro-direita, por exemplo, a reflete a partir de seus interesses, ou seja, de forma crítica ao governo cubano, com posturas mais severas à sua ideologia, não mostrando que há pessoas e grupos com tendências críticas à esquerda e que buscam mudanças na realidade cubana. Por outro lado, também há uma imprensa de esquerda, que não é a maior, nem a mais dominante, mas que reflete a realidade de Cuba, mostrando, muitas vezes, o que é oculto pela grande imprensa dominante e também pela grande imprensa cubana”.

“La prensa mundial está marcada por el sensacionalismo y la crónica roja. Todavía las noticias de alta intensidad siguen siendo los conflictos armados y los desastres naturales, aunque ahora se les ha sumado las noticias sobre personalidades del mundo artístico o





político.”, jornalista e Chefe do Departamento Informativo de um canal de TV cubano

Uma blogueira cubana residente na ilha acredita que a imprensa mundial é um meio de comunicação importantíssimo, quando é realmente boa. “A imprensa global é muito fiel aos seus critérios, cumprindo, dessa forma, seus objetivos e alimentando as necessidades. Mas isso não quer dizer que é totalmente boa, nem que seja fiel aos princípios da informação”, salienta.

No entanto, uma coisa é clara, para o bem ou para o mal, nos últimos 50 anos a imprensa dedicou a Fidel Castro um espaço jamais concedido a outro líder da América do Sul ou Central.





A cobertura internacional cubana

A cobertura internacional em grande parte dos meios de comunicação feita nos dias de hoje, tem como base matérias produzidas em agências de notícia internacionais, como: Reuters, BBC, AP e EFE. “Como utilizamos matérias de agências, reproduzimos uma coisa que é traduzida primeiro do árabe para o inglês ou francês e depois para outra língua, como o português e acabamos pegando aquilo já ‘amassado’, tirando o que podemos tirar, fazendo nossa matéria e mandando para o pobre do leitor”, desabafou o editor das seções Internacional e Ciência do jornal “Estado de Minas”, José Carlos Santana, em um congresso sobre a imprensa, realizado em 2010.

Cuba também possui sua agência de notícia, ACN – Agência Cubana de Notícias, que contribui com o conteúdo que é divulgado no principal jornal cubano e sua vertente internacional, o Granma e Granma Internacional.

Grande parte das notícias internacionais veiculadas no Granma diz respeito à América do Sul e Central. Somente são feitas algumas menções relacionadas à Europa e aos Estados Unidos, muitas vezes de forma crítica e pejorativa.

“O estudo e a preparação sobre temas de impacto mundial pode ajudar a melhorar a informação política internacional nos jornais cubanos, bem como a formação acadêmica. Os intercâmbios entre jornalistas de outros países ou coberturas internacionais também contribuem com uma melhor percepção dos fenômenos internacionais, que só [os cubanos] conhecemos pela internet. Um amplo acesso a fontes ou tecnologias de comunicação, como a própria internet possibilitaria uma maior apropriação dos conhecimentos sobre temas globais”, sugere um jornalista cubano residente na ilha.

“Creo que ayudaría mucho el que se permitiera ejercer la prensa sin censura.”, professor universitário de Comunicação Social cubano

Também quanto à cobertura internacional em Cuba, um escritor e jornalista independente cubano diz: “a informação internacional é cuidadosamente filtrada e manipulada pela imprensa oficial, para que nada que possa afetar os interesses do governo seja mostrado. Mas a lição principal é que em qualquer lugar do mundo há mais e piores problemas do que em Cuba”.

Um dos principais aspectos que todos os entrevistados mencionaram é que não há como melhorar a cobertura internacional nos jornais cubanos sem permitir mais acessos aos jornais estrangeiros, e com a censura geral vigente.



A formação de opinião em Cuba

“A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos. Do mesmo modo que o mundo da vida tomado globalmente, a esfera pública se reproduz através do agir comunicativo, implicando apenas o domínio de uma linguagem natural; ela está em sintonia com a compreensibilidade geral da prática comunicativa cotidiana.”, Habermas

Os usuários de uma linguagem comum, cuja dinâmica possibilita a troca de informações e a formação de opinião, são pessoas atingidas pelas ações políticas. Os cidadãos interpretam as situações e, em suas interações cotidianas, começam a constituir textos comunicacionais e, assim, dar forma à esfera pública.

Vale ressaltar que associações da sociedade civil⁴¹ assumem importante papel, já que os cidadãos procuram nelas interpretações públicas para suas experiências e interesses sociais e, dessa forma, influenciam a formação da opinião.

As associações que representam grupos de interesses e instituições que defendem causas públicas são formadoras de opinião e exercem influência pública. Porém, tais grupos fazem parte de uma “esfera pública dominada pelos meios de comunicação de massa, a qual, através de seus fluxos comunicacionais diferenciados e interligados, forma o verdadeiro contexto periférico” (Habermas, 2003: 88).

“Além disso, as esferas públicas ainda estão muito ligadas aos espaços concretos de um público presente. Quanto mais elas se desligam de sua presença física, integrando também, por exemplo, a presença virtual de leitores situados em lugares distantes, de ouvintes ou espectadores, o que é possível através da mídia, tanto mais clara se torna a abstração que acompanha a passagem da estrutura espacial das interações simples para a generalização da esfera pública.” (2003: 94)

As complexas relações das empresas midiáticas com o campo político têm peculiaridades que, segundo Maia, propiciam certa administração da visibilidade que os meios de comunicação de massa possibilitam aos atores políticos. Sabendo disso, planejam discursos e usam de estratégias para que o espaço da visibilidade midiática e seu conteúdo sejam favoráveis a eles.

“Cumpre salientar mais uma vez que a opinião pública é apenas uma coleção de opiniões individuais. Se conseguirmos descobrir como as opiniões pessoais se formam, saberemos como se forma a opinião pública. As opiniões são sempre expressões individuais da atitude. A crença de que há uma mente de grupo, uma entidade dissociada dos seres humanos individuais, foi totalmente abandonada.”, Harwood L. Childs

Segundo Harwood L. Childs, nossas opiniões são o que são por causa da influência de uma multiplicidade de fatores. Já Walter Lippmann destaca o papel desempenhado pelos estereótipos no processo formativo da opinião, “O que essas imagens são depende, naturalmente, não só do nosso acesso aos fatos, mas também do seu impacto sobre nossa personalidade em constante transformação”.

Sendo a opinião pública formada por inúmeras variáveis relacionadas ao comportamento humano, é extremamente complexo afirmar o que a forma e de que maneira sua influência é tamanha para atrair de forma substancial as pessoas. É por isso que a autora não entrará nesse mérito.

No início da revolução cubana e durante muitos anos do regime castrista, era nítida a influência dos irmãos Castro, sobretudo de Fidel, e da figura de Che Guevara, na formação de opinião em Cuba. Atualmente, a influência dessas figuras representativas do governo, regime e da resistência, é relativa e sua representatividade pode ser considerada duvidosa.

41 Segundo Habermas (2003), o núcleo da sociedade civil é formado por “associações e organizações livres, não estatais e não econômicas, as quais ancoram as estruturas de comunicação da esfera pública nos componentes sociais do mundo da vida” (2003: 99).



Conforme revelou o escritor, Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira, em entrevista à autora, “Fidel nunca deixou de ser un referencial para boa parte da opinião pública em Cuba. A desinformação é imensa”.

Já um professor universitário de jornalismo em Cuba revela que “hoje, a opinião em Cuba é formada pela vida real, pela práxis social, as histórias de vida das famílias, as formas irregulares com que se comporta a mobilidade social, a comparação com os outros. A efetividade dos “aparatos ideológicos” nas mãos do sistema sócio-político diminuiu. A escola e a imprensa formam pouca opinião. Como já demonstraram os estudos de agenda setting, os meios tem uma capacidade limitada de promover opiniões nas audiências”.

Por ser um elemento psico-social, a opinião se forma em grande medida, a partir da personalidade e pela forma de pensamento adquirida em sua formação pelo meio. Os meios de comunicação de massa também influem na formação de opinião, bem como os condicionamentos sociais e econômicos.

Em Cuba, a imprensa teve e tem pequenos espaços, nos quais contribuiu com a formação de opinião, mas devido ao controle a que é exposta tem perdido cada vez mais seu espaço nessa questão.

“Todos los medios de difusión masiva en Cuba están en manos del régimen de los Castro, y todos están en función de crear un estado de opinión favorable al sistema comunista.”, blogueiro que escreve sobre Cuba

O editor de uma rádio web cubana diz que, a esfera cultural é onde mais tem se manifestado formas de contribuir com a formação de opinião na ilha. “Hoje, a formação de opinião, sobretudo da juventude, se dá, principalmente pela TV, pelo cinema e pelo turismo. Os jornais, a escola e a família limitaram seu papel formador devido à realidade sui generis em que vive o país”, revela.

“Penso que na formação de opinião influi o que se fala dentro das casas e depende, também, se a família simpatiza ou não com o governo”, diz a jornalista cubana refugiada na Suíça

“Em Cuba, a opinião é muito controlada pela ditadura. A opinião é algo que se forma sozinho, com medo e pavor de ser descoberto, se você pensa diferente de como querem que você pense. Opinar diferente é enfrentar um velho regime, com todas as suas consequências”, desafiava Zoé Valdez, ex-Subdirectora da Revista Cine Cubano e roteirista do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC).





Influência da imprensa na população

“A informação deve poder circular. A sociedade da informação só pode existir sob a condição de troca sem barreiras. Ela é por definição incompatível com o embargo ou com a prática do segredo, com as desigualdades de acesso à informação e sua transformação em mercadoria”, Armand e Michèle Mattelart

No século XXI, a mídia passou a ter uma dimensão capital e central nos diversos âmbitos da sociedade moderna. Todos os setores da sociedade são atravessados e marcados pela influência dos meios de comunicação de massa. Devido aos avanços tecnológicos que fazem com as informações veiculem de forma rápida e real, o domínio da imprensa cresceu de forma exacerbada.

A imprensa é uma arma poderosa vertical e concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações. Como agente formador de opiniões, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações e os modos de pensar e de agir da população.

Os meios de comunicação são comprometidos com a defesa de seus próprios interesses, no intuito de fabricar uma representação social mais convincente e, por isso, posiciona-se de uma forma ideológica, tomando partido daquilo que é mais interessante e lucrativo ao seu entender.

“A imprensa, hoje e sempre, exerceu uma grande influência sobre a população, em todos os sentidos: como reguladores do modo de atuação (impõem os conceitos de bem e mal), na criação de novos códigos, como elementos informativos, inserindo uma série de temas na agenda pública, segundo seus interesses e ocultam aqueles temas que são “tabu” (isto se explica mediante as teorias da Agenda Setting e da Espiral do Silêncio). A população receptora dos meios de comunicação de massa, todavia é passiva e homogênea, como afirma a Teoria Hipodérmica há várias décadas, só se veem alguns elementos que escapam da influência da imprensa, mas são muito poucos”, salienta o chefe do Departamento Informativo de um canal de TV cubano.

“La prensa oficial ha contribuido al adoctrinamiento de los cubanos durante más de 50 años.”, jornalista cubano de um jornal online independente

Um blogueiro cubano residente no país acredita que a imprensa oficial cubana, por ser um braço do governo, tem como missão “fazer uma lavagem cerebral” nos cubanos. Ele acredita que os meios de comunicação tiveram algum êxito nesse sentido, uma vez que o governo impede que o trabalho da imprensa independente chegue à população cubana. “Também acredito que esse êxito é relativo, uma vez que recorrer à repressão, não somente a propaganda, para se manter no poder, fez com que mais de dois milhões de cubanos tenham escapado da ilha”, ponderou.

Por ser totalmente estatal e a favor do governo e regime vigente, publicando e apoiando de diversas formas o que é ditado pelo comandante em chefe, a imprensa cubana caiu em descrédito, sobretudo os jornais impressos.

Dessa forma, a imprensa teve que encontrar formas de atrair o público. “Os jornais atuais inserem em suas edições materiais ou informações voltados para o público, como serviços que precisam de inscrição, atualizações meteorológicas, horário com a chegada e a saída de trens e aviões, coisas que sempre atraem a atenção do público. Outra opção é o chamado jornalismo cidadão: seções ou espaços somente para publicações enviadas pelos próprios leitores”, revela um jornalista cubano.

“Alguns jornais buscam oferecer um produto comunicativo distinto, original, autêntico, próprio. Outros incorrem a um sensacionalismo menor ao publicar queixas e réplicas dessas queixas (não feitas ao regime)”, diz um editor de uma rádio web cubana.





Expectativa da população quanto à imprensa local

“O conhecimento nos torna responsáveis”, Che Guevara, no livro “O Pensamento Vivo”

Após a análise feita sobre a imprensa cubana, é necessário pensar em um futuro possível. A análise crítica cabe à imprensa como um todo e sua atuação em qualquer nação, mas no caso específico de Cuba, seus cidadãos pensaram em algumas sugestões cabíveis para que o que é divulgado e veiculado se torne mais verossímil e crível pela população em geral. Ocorre que para que haja a mudança na mídia cubana deve ocorrer uma transformação social, política e econômica muito intensa. Para que haja uma mudança expressiva na atuação da imprensa é necessária uma metamorfose significativa no regime e no sistema vigente.

A escritora infantil e ex-apresentadora de programa para crianças na ilha, a cubana, Wendy Guerra em entrevista à autora em uma livraria de São Paulo, em 2010, afirmou que não lê a imprensa cubana, pois “não gosto e não me diz nada”.

“Creio que a liberdade está na cabeça”, Wendy Guerra

Já o escritor e jornalista cubano de um jornal digital independente se revela mais esperançoso: “as mudanças em Cuba são inevitáveis e também chegaram à imprensa. Atualmente, alguns jornais começam a se mostrar, timidamente, um pouco mais críticos a respeito de muitos problemas nacionais. Mas a minha maior esperança ainda está nos jornalistas independentes e nos blogueiros”.

“No hay manera de mejorar la prensa mientras en Cuba continúe existiendo un régimen de corte totalitário.”, blogueiro cubano residente na ilha

O produtor de um canal de TV cubano acredita que não só a imprensa castrista, mas a de todo o mundo perdeu a credibilidade. “Hoje, os receptores buscam os meios de comunicação nacionais e internacionais para se assegurar que uma informação é verdadeira e não se atém a mídia local. Isso ocorre, porque muitos destes meios de comunicação locais, não tratam realmente dos interesses locais. Sempre querem ganhar em alcance inserindo temas internacionais, mas não se dão conta de que os receptores ou destinatários são diferentes, assim como os objetivos”, revela.

“Tudo vai mudando, sou muito positiva, como os cubanos”, Wendy Guerra

“Creio que a minha expectativa em relação à imprensa cubana é a mesma que existe em relação à sociedade: o que vai acontecer? Qual será o futuro imediato? Tudo referente ao nível social depende de uma projeção da imprensa”, diz o editor de uma rádio cubana.

No que se refere à esperança, o historiador Eusébio Leal, em seu discurso no Congresso da União de Escritores e Artistas de Cuba (Uneac)⁴² sublinhou, “todos nós estamos esperançosos. Por quê? Porque o país assume efetivamente que aquilo antes inconveniente ou imprudente é hoje necessário”.

Silvia Cezar Miskulin, autora dos livros “Os intelectuais cubanos e a política cultural” e “Cultura Ilhada - Imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)”, também aborda a questão da esperança. Segundo ela em entrevista ao jornal Zero Hora, “a mudança de governo nos EUA abriu grande expectativa de transformações”.





A Questão Y – Blog

“Ser culto é o único modo de ser livre”, Che Guevara, livro O Pensamento Vivo

Antes de começar a discorrer sobre o tema central deste capítulo, a autora chama a atenção do leitor para “as previsões” feitas por Perseu Abramo, ainda em 1988, sobre as tendências históricas da sociedade referentes à mudança de postura diante dos órgãos de comunicação. Abramo prenunciou, “num primeiro plano, as classes politicamente dominadas tenderão, cada vez mais, a desmistificar o jornalismo e a imprensa. Não mais terão motivos para acreditar ou confiar na imprensa e seguir suas orientações⁴³”. Essas palavras tem ainda mais efeito, quando analisamos as transformações nos veículos de comunicação de Cuba, sobretudo, no que se refere à esperança que os cubanos depositam nos jornalistas independentes e em suas formas de jornalismo alternativo, como é o caso dos Blogs.

“As metáforas se transformam em convicções individuais apenas segundo determinadas circunstâncias históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas não totalmente controladas pela mídia”, José Arbex Jr.

“Um blog (contração do termo Web log) é um site cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos, ou posts. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica inversa, tendo como foco a temática proposta do blog, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do blog”⁴⁴.

O Blog se popularizou nos anos 2000, tendo crescido de forma substancial. De acordo com o estudo sobre Blogs, “State of Blogosphere”, em 2010, havia 126 milhões de blogs criados ao redor do mundo.

Embora não tenham ainda a credibilidade dos grandes veículos de informação, impressos, televisivos, de rádio – as informações presentes na Internet, em geral, não possuem tanta credibilidade junto à opinião pública, segundo pesquisas -, os blogs fornecem uma visão diferente e mais “pessoal” – talvez até mais humana - do que está acontecendo internamente em Cuba.

O material presente nos blogs, feitos pelos próprios internautas, mostra o que se passa na mente dos cidadãos comuns que estão dos dois lados da revolução. Por isso, é crescente o número de jornalistas que acompanha esses meios de comunicação para se informar sobre o que de fato acontece na ilha.

Uma expressiva gama de jornalistas também tende a utilizar desses mecanismos para produzir o que acreditam ser jornalismo real, em tempo real, verdadeiro, dinâmico e questionador. Porém, o que há de mais perigoso é que esses blogs baseiam-se no ponto de vistas de pessoas que realmente estão sofrendo os efeitos da privação imposta pela revolução, que vivem e respiram o regime 24h por dia. Dessa forma, muito do que realmente se poderia noticiar e veicular às pessoas sobre o país, por exemplo, não é feito. Tem-se uma ideia do que “poderia” estar ocorrendo de um lado e do que “ocorre” de outro.

Também nunca se viram tantos especialistas escrevendo suas opiniões e artigos sobre diversos temas na imprensa, o que ascende ainda mais quando há uma questão polêmica, como quando houve o anúncio das demissões em massa, feito por Raul Castro. Isso também é um fato novo, que não estava presente durante a cobertura da revolução.

Contudo, não há como negar a importância desse meio de comunicação em um país, no qual o regime parte do princípio da censura. Para grande parte das pessoas com as quais a autora conversou no país e os entrevistados formalmente, os blogs são a saída para o bom jornalismo. É lá que está a realidade cubana e os fatos.

“As condições desfavoráveis nas quais trabalha o jornalista cubano, no que se refere a recursos

⁴³ “Significado Político da manipulação na grande imprensa”, Perseu Abramo (pág. 49).

⁴⁴ Conteúdo retirado do site Wikipedia.



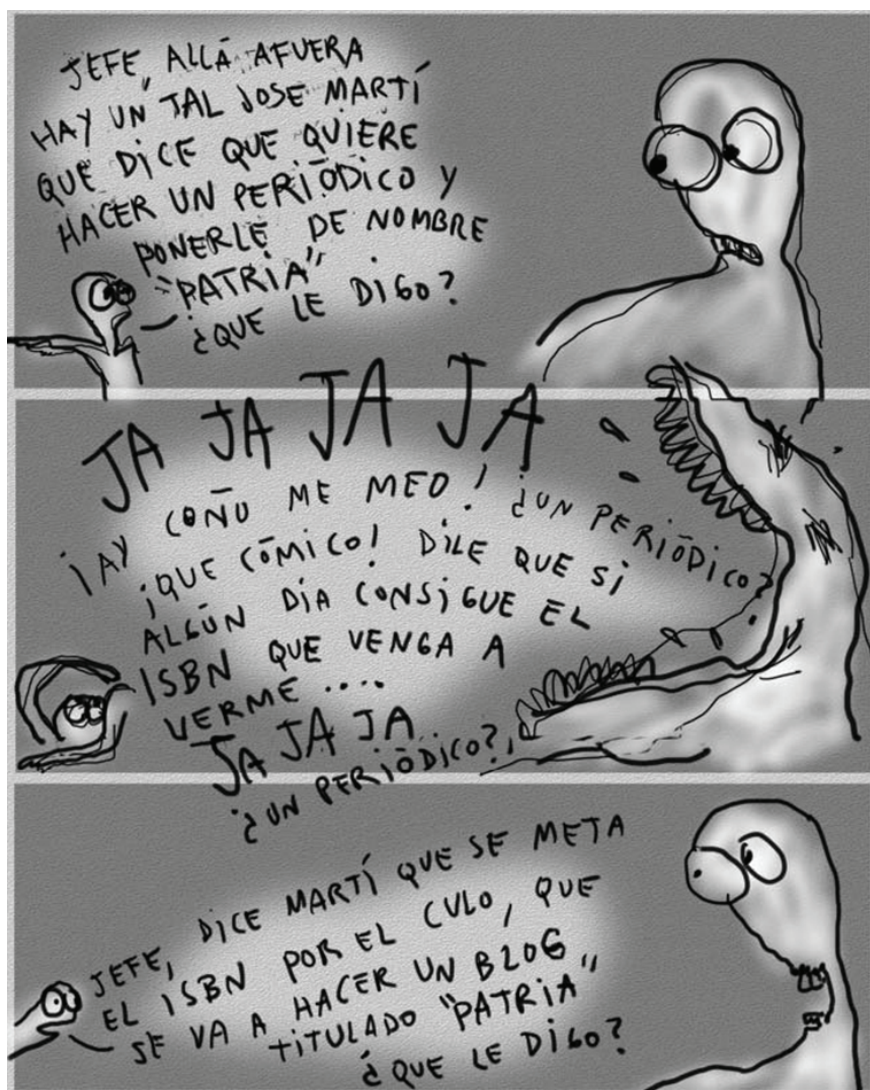


tecnológicos. Isso o obriga a ser um jornalista melhor e a buscar outras fórmulas criativas. A vontade de refletir os interesses da sociedade o obriga a buscar formas e formatos mais eficazes”, revela uma jornalista de uma rádio de Cuba.

“Por otra parte la prensa oficial cubana ha incorporado algunos blogs interesantes y ha empezado a hacer una crítica, que ellos adjetivan como “constructiva”, que hay que seguir.”, blogueiro cubano residente da Flórida

Um jornalista independente cubano afirma ter perdido toda a sua esperança na imprensa e acha que o futuro da mídia cubana está nos blogs. “Com todas as suas limitações e repressão que se tem ciência, o papel da verdadeira imprensa em Cuba é representado pelos jornalistas independentes e pelos blogueiros”, salienta.

A utilização do Blog em Cuba gerou muita polêmica no início, mas, hoje, mesmo tendo seus criadores enfrentado (e ainda enfrentam) ameaças, repúdio e privações, tornou-se uma forma de noticiar os fatos reais, sem censura, além de ser também um espaço para crítica, análise, desabafo e solicitações. “O governo não pode controlar o que uma pessoa publica porque esse tema não está regulamentado ainda. Ao contrário do que aconteceu com o material impresso, não há leis que impeçam um cidadão cubano de colocar suas opiniões na internet⁴⁵”, sublinhou a filóloga cubana de 32 anos, indicada pela revista Time como uma das pessoas mais influentes do mundo, devido ao seu polêmico Blog “Geración Y”, Yoani Sánchez, residente em Havana. O que Sánchez quis dizer foi que, ao menos por enquanto, em Cuba, a rede é uma espécie de Zona Neutra.



45 Entrevista concedida à revista Época da editora Globo (edição de 22 de setembro de 2008). “Um blog na mão e Fidel no calcanhar”.



“Geración Y”, o primeiro de muitos outros que vieram, nasceu em abril de 2007. Em janeiro de 2009, o blog multilíngüe atingiu a marca de 14 milhões de visitas. Yoani foi a primeira a ter coragem de falar o que pensa sobre a sua vida, sua sociedade e sobre o regime em que vive, em um país cercado pela censura por todos os lados.

“Como são perigosos o twitter, o facebook e os telefones celulares, pois mostram o que nossas televisões se negam a exibir”, Yoani Sánchez

Uma das principais dificuldades enfrentada por Sánchez e pelos demais blogueiros residentes no país é a falta de internet. Na ilha, a Internet está ao alcance de 2% da população. Os cubanos não têm permissão para entrar ou se hospedar em hotéis para turistas, ou para comprar computadores. Para acessar a rede é necessário comprar senha no mercado negro ou usar uma conexão oficial para entrar em páginas bloqueadas (os turistas que querem navegar na rede pagam cerca de US\$ 6,00 por hora).

Os funcionários do governo limitam o acesso do público à Internet, removendo antenas parabólicas não autorizadas e controlando severamente o número de cibercafés que os cubanos podem utilizar. Somente aqueles com cargos governamentais, professores, universitários e pesquisadores têm autorização para manter contas próprias de Internet, fornecidas pelo governo.

No entanto, hoje, “os métodos de coação não conseguiram se adaptar a velocidade que a tecnologia impôs” (Yoani Sánchez, De Cuba Com Carinho, 2009, p. 27). Mas mesmo com a possibilidade de “postar livremente”, em março de 2008, o governo cubano instalou um filtro para impedir que o blog de Yoani chegasse ao interior da ilha.

“Para que gastar meu tempo, quando a imprensa oficial já se dedica a isso [falar sobre o lado bom do regime? Quero explorar essa zona da crítica cidadã que o governo não percorre. Minha ótica pode ser muito frustrada, desencantada. Mas também tem muito humor”, Yoani Sánchez em entrevista para a revista Época, em setembro de 2008

Vale ressaltar que os blogueiros independentes como Sanchez precisam criar seus sites em servidores fora de Cuba e possuem mais leitores fora da ilha do que dentro. As dificuldades de acesso que enfrentam podem significar intervalos de dias, semanas ou mesmo meses entre as postagens.

“Foi interditado o Windows Live Messenger IM para os usuários de países embargados pelos EUA”, Yoani Sánchez

Entre os principais blogs de Cuba, tratados como imprensa e que transmitem fatos e notícias sobre a “Cuba real”, estão: Octavo Cerco, de Claudia Cadelo, Desde Aquí, de Reinaldo Escobar, Habanemia, de Lia Villares, e Sin Evasión, de Miriam Celaya. E a plataforma multimídia Voces Cubanas.





Impressões Finais

*“Nunca escreva sobre um lugar até que você esteja longe porque isso lhe dá a perspectiva”,
Ernest Hemingway*

É com frequência que o ser humano olha para o passado em busca de respostas não só para o presente, mas, especialmente, para o futuro. Todas as transformações passadas pela humanidade fascinam o homem em sua plenitude, enquanto este espera que as virtudes, honras, integridade, êxitos, bem como a torpeza, sordidez e mesquinharias, expliquem os muitos acontecimentos que alteraram o rumo da História.

A projeção dessas expectativas, aliadas uma dose de ética e moral, se evidencia a partir da criação de uma lógica, fundamentada em características demográficas e geográficas, que faz com que esta mesmo se justifique.

É dessa mesma forma que o ser humano, a partir de sua tendência natural de repelir aquilo que não entende, principalmente, àquilo que é diferente de si, ou do que é “normal” para si, acaba refreando, silenciando, reprimindo, oprimindo e punindo, por meio de seu delicado juízo de valores.

Nessa esfera, encontram-se diversos setores: política, imprensa, educação, cultura etc., cada qual com a sua forma de aplicar a sua moral, confirmando, assim a teoria.

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas. As margens que o comprimem”, Bertold Brecht

Para Friedrich Nietzsche, a moral nasce de duas aplicações: por aquilo que é útil, pois “as ações não-egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis “. Essa perspectiva de uma moral útil é a primeira crítica nietzschiana. Esta aplicação da origem da moral no louvor e nas ações não-egoístas foi esquecida mais tarde. Isso fez com que se adquirissem ações altruístas através do costume da linguagem, como se as coisas fossem boas em si mesmas. Temos, aqui, a segunda aplicação da origem da moral.

Toda a conceitualização do bom e do ruim, originada na antítese da divisão das classes sociais, nasce do pensamento de que o homem é um ser dominante. Isso está inteiramente intrínseco em seus impulsos. No impulso de dominação é que a Genealogia da Moral encontrou sua real expressão. Para defender sua perspectiva de que a moral nasce da dominância, Nietzsche faz uso da filologia indo às análises morfológicas das palavras bom e ruim.

Coube a autora entrar nesse mérito, uma vez que, para entender Cuba, é preciso antes compreender que a origem do que desencadeou sua história é muito mais profunda. As ideias e concepções políticas e sociais, que deram origem ao socialismo, no sentido de igualdade formal e substancial, entre cidadãos e na solidariedade cívica, que aponta para a necessidade de um contrato social que garanta um compromisso entre a autonomia individual de cada cidadão, a emancipação cívica, a solidariedade, e a cobertura dos riscos sociais inerentes à industrialização de massa e, logo após, à globalização, vieram antes de tudo de uma concepção ética e moral intrínseca nos seres humanos e que até hoje, se contradiz a todo instante, não só internamente, dentro do próprio país, mas bem longe de suas fronteiras, na forma com que esta pequena grande nação é vista e reconhecida em todo mundo.

Sendo assim, fica claro que a História não pode ser de forma alguma esquecida ao se falar de Cuba. Tudo que se passa nessa ilha é reflexo da Revolução e dos ideais revolucionários, sobretudo de Fidel Castro. Por isso, a autora buscou oferecer ao leitor um panorama histórico do país, antes de introduzi-lo à representatividade da mídia castrista para a população cubana.

Cuba é um país, no qual a neutralidade é impossível. O não julgamento é impraticável. Não há como falar sobre Cuba de forma neutra, (independente das discussões supracitadas sobre neutralidade e





parcialidade), quando se trata de Cuba tudo é mais inflamado. Os ânimos ficam mais exaltados. Ter uma opinião contrária à maioria significa ser à favor do regime (mesmo não sendo) e concordar com a maioria quer dizer ser contra o regime (mesmo quando não é este o caso). Abordar qualquer tema relacionado à ilha significa estar disposto a entrar na linha de frente de uma batalha que já dura mais de 50 anos, na qual você será bombardeado e se recusar a cair, a artilharia logo se intensificará, até que se dê os primeiros passos, em direção ao lugar comum.

O fato é que, como em qualquer outro lugar do mundo, existem em Cuba pontos de vista e aspectos que não podem ser descartados. Muitas atrocidades foram cometidas em Cuba, e ainda são, mas não são menos impactantes ou relevantes das que ocorrem em outras partes do globo, que, pelo fato da nação não possuir um regime socialista/comunista e ditatorial, ou seja, diferente dos demais, que há 50 anos gera polêmica, não são motivo de discussão e repercussão nos principais periódicos mundiais, fazendo, dessa forma, parte da agenda setting global.

A autora não defende tais atrocidades. Para ela, na balança possuem o mesmo peso. Só dá ênfase ao desprezo que as demais cometidas no mundo recebem por parte das agências internacionais que ditam as regras e pautam o jornalismo internacional, que alimenta os principais veículos de informação que espalham e disseminam as notícias que as famílias e cada cidadão ao redor do globo compram e absorvem em sua mesa de jantar e, assim, formam sua opinião sobre determinado país, governo ou povo.

A população cubana é a principal vítima dessa história mal contada pela imprensa castrista e pela, que a autora chama de “imprensa mundial” (por ter a mesma cara, pauta e informação), uma vez que, além de não possuir a sua pseudo-liberdade, vivendo sob a tutela de um regime ditatorial que não a permite se expressar livremente, e das demais privações econômicas e sociais, vividas diariamente, é vista de maneira errônea em todo o mundo. Qual a real cara de Cuba? Quem forma a opinião dos cubanos hoje? A imprensa ainda tem peso nessa sociedade, uma vez que todos já estão cansados de saber, sobretudo os próprios cubanos, de que os jornais pertencem ao governo? Como os cubanos se informam sobre o que acontece no mundo e no próprio país, visto que as informações passadas pela imprensa são controladas? Essas foram algumas das perguntas que a autora precisou ir a campo pesquisar, ver com seus próprios olhos e enxergar a realidade cubana.

As impressões da autora sobre Cuba e o povo cubano eram bem limitadas e tinham como base principal o que era passado pelos veículos de comunicação mundial, sobretudo os brasileiros. Houve uma grande dificuldade em encontrar material de pesquisa sobre a imprensa cubana, pois um dos únicos aspectos tratados (para não dizer o único) é a questão da censura. Livros sobre o tema são raros, tanto dentro, quanto fora de Cuba (principalmente fora). Mesmo os documentários e filmes, estes tratam, principalmente, da revolução e de seus ilustres guerrilheiros/revolucionários (em Cuba nunca diga polícia ou militares, pois estes são tidos como os traidores ditatoriais de Batista, os verdadeiros “heróis” são os guerrilheiros), como Che Guevara, Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Raúl Castro. Alguns também abordam a censura que é imposta ao povo cubano ou mesmo às privações que estes passam devido ao regime. Mas uma análise aprofundada sobre essas questões não são feitas.

Mesmo tendo consciência sobre o seu pouco conhecimento em relação à Cuba, a autora não pôde ignorar que, mesmo a mídia abordando somente superficialmente as “questões cubanas”, elas não são falsas (há também boas análises, não se deve generalizar, contudo não no que se refere à imprensa castrista por um longo período). Há uma ditadura na ilha, que expõem a população à censura e à privações severas. No entanto, também não se pode esquecer que esta é a mesma nação que há mais de 50 anos vive um embargo econômico jamais visto na história.

“Sólo te digo que para entender este proceso hay que vivirlo, y aún así, a veces es difícil llegar a la esencia de las cosas, de las causas y sus efectos.”, cidadão cubano

Pois bem, após anos de especulações a autora se dá o direito de falar que a Cuba de hoje possui uma





cara bem diferente da de 50 anos atrás. Suas feições mudaram. Algumas marcas de expressão ainda permacecem. Mas seu semblante cansado já apresenta mudanças significativas.

“As prioridades do governo será satisfazer às necessidades básicas da população, tanto materiais como espirituais, partindo do fortalecimento do crescimento sustentado da economia”. Raúl Castro em seu discurso de posse do poder em Cuba

Desde que Fidel passou o bastão para seu irmão Raúl Castro, muito se falou em todo o mundo sobre as transformações que ocorreriam na ilha. Especialistas ao redor do globo deram suas opiniões sobre o quanto as coisas mudariam no país. Se finalmente haveria uma abertura no comércio. Se o regime cairia sem a figura de Fidel. Se as restrições ao “povo de Fidel” cessariam. Muito se especulou, especialmente, no que se refere às mudanças econômicas. Em relação à imprensa, pouco se falou.

No entanto, apesar de toda discussão gerada pela mudança de comandante em chefe, a figura de Fidel Castro nunca deixou de estar presente, sendo sua sombra muito superior a imagem nítida de Raúl.

“Foi uma transição administrada”, Ignacio Ramonet sobre a mudança de poder na ilha, de Fidel para Raúl Castro

“Mesmo enfermo, ele sempre esteve no poder atrás da sombra de Raúl, pautando e limitando suas iniciativas. As tensões entre os irmãos estão muito agudas, devido a fortes divergências em relação à abertura, por isso Fidel tratou de sair da sombra e projetar sua influência mais fortemente sobre as decisões de Raúl”. Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira – escritor do livro De Martí a Fidel

As mudanças debatidas vieram. Talvez não na proporção ou na quantidade que se previa. Contudo, a cada ano que passa há mais alterações na agenda do regime socialista cubano, que são difíceis do mundo ignorar. A cada nova resolução dos Castro, a imprensa se volta para a ilha e destila sua “imparcialidade” em linhas e mais linhas de fatos e história contados a bel-prazer.

O que é possível perceber é que por mais que o povo cubano queira mudanças em sua economia, principalmente, no que se refere ao racionamento, ele também possui muito orgulho do espaço conquistado internacionalmente. Os cubanos não toleram os Estados Unidos, isso em sua totalidade (todos os cubanos residentes no país, com os quais a autora teve contato possuem a mesma opinião no que diz respeito aos norte-americanos). Muitos os culpam pela atual situação em que se encontram, culpando o embargo. Outros apenas não gostam, devido ao “ego norte-americano”.

Não se pode negar também que há um orgulho muito forte em ser cubano, cidadão cubano. Os próprios cubanos não jogariam fora a sua independência, conquistada a tanto suor e luta (não apenas dos revolucionários, mas principalmente a vivida, dia após dia atualmente), a troco de nada. Já o pensamento cubano, este sim está dividido entre manter ou não o regime que há mais de 50 anos tem poder sobre suas vidas. Mas sua cara sem dúvida é cubana e desse orgulho esse povo não abre mão.

“Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”, Che Guevara

Essa dúvida presente no pensamento de diversos cubanos hoje mudou vários aspectos relacionados a esta população insular, sobretudo, na forma como a opinião pública é formada. Neste quesito, a figura de Fidel Castro e Che Guevara sempre foram muito presentes no cotidiano dos cubanos, influenciando, principalmente, em seu pensamento.

O sistema de governo socialista sempre buscou diversas formas de influenciar a população e formar a opinião pública, tendo sido muito forte, principalmente durante os 10 primeiros anos do regime.

A doutrinação dos cubanos vem da infância, das escolas, nas quais os professores possuem papel fundamental, ensinando todos os preceitos da revolução, o orgulho revolucionário e o porquê da batalha diária contra a “dominação ianque”. Ainda hoje, as escolas têm papel de extrema relevância nesse





aspecto. Mas dentro das casas esses ensinamentos continuam. A grande diferença é que após mais de 50 anos depois da instauração do regime, muitas famílias já não partilham das ideias revolucionárias, sendo algumas contra o governo ditatorial dos Castro, o que enfraquece a formação de opinião pró-regime feita dentro das paredes escolares e, até mesmo, acadêmicas.

Além da formação escolar e da base familiar, o regime socialista utiliza várias maneiras para garantir que suas mensagens sejam passadas aos cubanos, umas das formas mais utilizadas, além da própria imprensa, são os outdoors: “Todo por La Revolución”, “Revolución Siempre”, “3 dias de embargo equivalen a 15 escuelas”. Também há as pinturas sobre a revolução em todas as paredes de Havana. A percepção da autora é que os cidadãos cubanos passam despercebidos por essas informações. Como um objeto estático, os outdoors permanecem em Cuba, assim como o regime, em pé, firmes, fortes, mas não tão representativos como outrora e sua mensagem, às vezes, apenas passam pelo povo, não se fixando em sua mente.

A formação de opinião em Cuba, segundo a percepção da autora, é feita, sobretudo, de maneira cultural. O cenário musical jovem é cada vez mais forte, principalmente, nos palcos de hip hop, com “rappers” que tratam de situações vivenciadas por cada cidadão da ilha. A música tem um papel singular na realidade atual cubana. Muitos cds são vendidos clandestinamente na ilha. E quanto mais crítico se é aos aspectos sociais do dia a dia cubano, mais “fãs” surgem, como os Los Aldeanos, dois rappers que denunciam as restrições impostas pelo regime e conseguiram lotar o cine-teatro Acapulco, no centro de Havana, em um show para duas mil pessoas. O documentário sobre a dupla, Revolución, de Mayckell Pedrero Mariol, autorizado a passar em um cinema local, com capacidade para 1,5 mil pessoas, lotou sua capacidade e foi extremamente aplaudido.

“Falar da realidade cubana é nossa maneira de fazer revolução. Não podemos falar de outra realidade que não conhecemos, porque por sorte ou desgraça só conhecemos esta”, El B, membro de Los Aldeanos, mais famosa dupla de Rap atualmente em Cuba, em entrevista veiculada pelo site Cubaencuentro

A produção cultural é muito intensa em Cuba. Isso ressalta o clima de guerra fria em que ainda vive o país. Sempre são exaltados os feitos dos cubanos, no que se refere aos esportes, música, artes etc. Há diversas premiações internas, também criadas com esse intuito (isso também explica a quantidade de material produzido). Os filmes e documentários também têm uma forte contribuição na formação de opinião em Cuba, mas por mais impressionante que possa parecer, as novelas possuem muito mais influência na mente cubana, sobretudo, as brasileiras. Claudia Cadelo, blogueira cubana, responsável pelo famoso “Octavo Cerco”, explicou um pouco sobre esse fascínio cubano pelas novelas brasileiras em seu Blog:

[...Resulta que a un perdido pueblo de campo en Brasil llegan dos muchachos jóvenes, un periodista y un publicista, para abrir un periódico. Le cuentan a un tabernero, líder de la oposición del lugar, que pretenden hacer críticas a la política actual y denunciar los desmanes de la administración en el poder. Quieren, además, promocionar aquellas campañas que puedan ser beneficiosas para la comunidad y por esa razón invitan al disidente a participar del proyecto.

Entonces lo entendí todo. Como cuando uno está enfrascado en un abstracto problema matemático y de pronto la fórmula más simple soluciona todo el embrollo numérico. Una especie de iluminación mística. Comprendí en ese mismo instante por qué gran parte de la población de mi país mira obsesivamente la novela. Sentí ganas de llamar a mi amiga y contarle que había descubierto el misterio detrás del tubo de pantalla del televisor. Ella mira la novela porque quizás las mujeres siempre encuentran al amor de sus vidas -mi amiga tiene cierta obsesión con el tema-, mi madre porque las casas son lindas e iluminadas, la suegra de un amigo porque los paisajes de Brasil la deslumbran y un vecino porque los malos nunca ganan.

Me imaginé a mí misma desembarcando, digamos, en la nueva Mayabeque y abriendo un diario llamado, por ejemplo, “Habana siempre”. Podría enfocarme, quizás, en el desastre que ha sido para toda una comunidad haber salido de la Capital sin haber cambiado el lugar de residencia. Abordaría las noticias locales que son ignoradas en la prensa oficial y analizaría, por supuesto, el trabajo de los cuadros de la zona para denunciar la corrupción. Le daría voz, además, a los políticos de oposición del barrio. En fin, después de tanto soñar estoy yo también, desde la semana pasada, viendo la telenovela: Ese mágico mundo en la pantalla, donde uno puede ir de pueblo en pueblo abriendo periódicos para hablar de política y criticar al gobierno.]





Uma cubana, que pediu para não se identificar, comentou que certa vez, no dia em que seria veiculado o final de uma novela brasileira, acabou a energia em uma parte da ilha. Eis que houve uma sobrecarga nas redes telefônicas, uma vez que os que estavam sem energia ficaram ao telefone com os que a possuíam, para saber como se finalizaria a trama.

Os livros em Cuba também formam opinião. A entrada, saída e distribuição são tão controladas quanto a imprensa local. Mas há obras muito boas circulando no país, que com certeza contribuem para a formação de opinião, tanto à favor quanto contra o regime.

Contudo, a percepção mais relevante no que se refere à formação de opinião dos cubanos, é que hoje, no governo Raúl Castro, esta se dá, principalmente, por meio do contato com os turistas que visitam a ilha. É muito comum ser abordado por algum cubano ao sair nas ruas de Havana. Eles veem em busca, primeiro, de informações. Querem saber sobre o país de origem, os acontecimentos mundiais, qual é a sua percepção sobre Cuba, comparam os países em questão (no caso da autora, Brasil e Cuba), querem saber como é viver no país, enfim, sugam o que podem, enquanto podem da pessoa.

Já quanto à representatividade das maiores figuras da revolução, Fidel e Che Guevara, e do comandante em chefe, Raúl Castro, no que se refere à formação de opinião nos dias de hoje, vale ressaltar que ainda é grande. Principalmente, Che. Sua figura está muito presente em todos os lugares, especialmente na mente cubana. Seus dizeres podem ser vistos em toda a parte e suas frases ainda são muito repetidas por pessoas de todas as idades. Che ainda serve como exemplo aos cubanos.

Fidel também possui sua representatividade. Ainda há muitos que compram suas ideias e as tomam como suas. Mas sua figura anda abalada, sim. Não há como contestar que Fidel já deixou de ser unanimidade entre os cubanos. Atualmente, permanece escrevendo seus artigos no jornal Granma, além de continuar com seus discursos que são transmitidos pelos veículos de imprensa castristas. Segundo Ignácio Ramonet, autor de diversos livros, entre eles Fidel Castro: Biografia em Duas Vozes, em entrevista para uma rádio holandesa, “isso mostra que está apenas saindo do poder tradicional para assumir o quarto poder”. Além disso, isso aponta a tentativa de Fidel, de ainda se manter vivo no consciente e inconsciente de seu povo, visto que mesmo aqueles que discordam de suas ideias, as polemizam. Já entre os que concordam, suas ideias revolucionárias se mantêm ativas e em constante evolução.

Como afirma Ramonet, não se pode negar que Fidel está no quarto poder em Cuba. Só não se sabe ainda, realmente, qual a intensidade desse poder na ilha nos dias de hoje. É sabido que a imprensa castrista, tão polêmica e criticada em todo o mundo, assim como em todos os países, possui sua representatividade. Contudo, essa representatividade é relativa, uma vez que o poder da imprensa, bem como da própria figura de Fidel Castro como formadores de opinião tiveram uma queda considerável. A população cubana está ciente de que os jornais são controlados pelo governo castrista, que, por isso, só passam a versão oficial e que seu conteúdo é controlado. É por isso que a relevância da imprensa oficial no país é relativa.

Visto que a população não é tão influenciada pela mídia, sobretudo a imprensa, outros meios de comunicação acabam suprimindo essa carência de informação. Hoje, os cubanos buscam informações de diversas formas: por meio das rádios locais, das trocas de experiências, dados e história com os milhares de turistas que visitam a ilha todos os dias do ano, por telefone entre os próprios cubanos, quando se trata de informações locais, e pelos blogs e jornalistas independentes, que por não terem o aval do Partido Comunista e falarem exatamente o que pensam, mesmo que isso não agrade o regime socialista e o comandante em chefe, passam mais credibilidade à população. Claro que estas formas de comunicação advindas da internet, possuem um caráter inovador e muito pessoal, visto que cada autor, escritor, jornalista ou cidadão comum que escrevem em seus “diários online” vivem a realidade que escrevem e, consequentemente, a dramatizam, dando um ar poético e trágico ao que já é pesado e difícil no dia a dia.

Vale ressaltar que antes de chegar a Cuba, a impressão da autora era de que o povo cubano era um povo com pouca informação, cercado pela propaganda do governo relacionada ao regime vigente e que seu





veículo de informação principal era o jornal impresso, sobretudo o “Granma”, tido como veículo de informação mais relevante do país (pelo menos, o que a autora pensava a partir do que nos é passado pela imprensa brasileira e mundial). Contudo, as crenças da autora foram derrubadas uma a uma ao conhecer não só esse país único, mas também o seu povo.

O povo cubano não compra mais jornais impressos, são poucos os que ainda o fazem. Alguns dizem não comprá-los por que preferem gastar o pouco dinheiro que ganham com outras coisas “mais importantes”, outros não compram, pois não dão credibilidade à imprensa local. O Granma, “principal jornal do país”, perdeu grande parte de seus leitores e com eles, sua força e influência.

O que mais surpreendeu a autora é que os principais veículos de informação em Cuba são às rádios. É dessa forma que o povo cubano se informa sobre o que acontece no país e no mundo. Não que estas rádios não sejam estatais, mas possuem um pouco mais de “autonomia” do que os veículos impressos.

A credibilidade dada aos jornalistas independentes também é notável. Os Blogs em Cuba possuem mais credibilidade do que os jornais do país, ao contrário do que acontece no mundo. Para se informar o cubano procura ter acesso a esse tipo de material (não é fácil, pois muitos blogs têm entrada proibida na ilha).

Esses “jornalistas independentes” (porque às vezes nem o são de formação, como é o caso da própria Yoani), invertem seu papel com a imprensa em Cuba. Isso é dito, pois o que acontece no mundo, (não que isso não vá mudar, visto que a história vive se transformando e as novas coberturas mostram que as “reportagens” feitas pelos próprios moradores de determinado local têm tido um peso bem maior perante a opinião pública do que as matérias tradicionais em casos de catástrofes, naturais ou em casos de guerra) é que a imprensa possui, ainda hoje, no século XXI o chamado quarto poder, ganhando papel de destaque na vida das pessoas que acreditam piamente no que é dito e passado por estes veículos, sejam eles escritos, falados ou televisionados. Já os Blogs, nessa mesma sociedade, possuem um caráter complementar e opinativo, buscando analisar os acontecimentos a partir de um ponto de vista muitas vezes crítico sobre determinado tema. Por se saber que este não é “imparcial” (as pessoas tendem a crer no mito da imparcialidade), não dão tanto crédito para o que é veiculado nos Blogs, sendo este secundário.

Em Cuba, ocorre o oposto. Devido à censura imposta pelo regime socialista, os jornais são colocados de escanteio, tendo uma posição somente complementar, pois se sabe que o que está lá é real, mas não a realidade em sua totalidade. Já o Blog, chega para ocupar essa lacuna deixada pela imprensa oficial, abordando diversos temas relevantes à sociedade cubana, de forma crítica, analítica e parcial, mas também verídica. Os cubanos têm consciência de que se a pessoa está se arriscando para denunciar um acontecimento e falar sobre um tema delicado, podendo ser presa ou mesmo exilada, é porque trata-se de algo que não só vale a pena ser abordado, mas também que realmente ocorre dentro dos arredores da ilha. Não há como negar essa inversão de papeis.

Além de poucos cubanos lerem jornais impressos, também não há bancas de jornal. Os impressos são vendidos como antigamente, ou seja, geralmente, com pessoas mais velhas, carregando em suas mãos os exemplares e os oferecendo aos transeuntes.

O povo cubano é um povo carente, mas é carente, principalmente de informação e de saber. Mas não o saber teórico, pois esse eles possuem. As universidades de Cuba são muito boas e muitos de seus cursos são reconhecidos mundialmente. Cuba carece de conhecimentos gerais, principalmente, sobre atualidade. O que acontece no mundo é relevante para esse povo. Está no olhar de cada cidadão cubano essa ânsia por mais.

“La verdad, una vez despierta, no vuelve a dormirse”, José Martí





Esta vontade de saber, de se sentir parte pulsante do mundo globalizado é o que dá à Cuba essa cara única. A face de um povo que por mais oprimido que seja, busca de maneira que pode encontrar formas de se incluir nas diversas máscaras que a imprensa mundial lhe impõe.

A história sempre foi relativa. Sempre coube a imprensa mostrar os lados da moeda e trazer grandiosidade para os feitos, que muitas vezes fazem parte do dia a dia das pessoas, que nem se dão conta do tamanho que uma coisa pode se tornar perante a mídia.

Esse monstro, com diversos nomes, entre eles o quarto poder, influencia de tal forma a população, que é capaz de definir toda uma raça, classificar um povo. E essa mesma imprensa, pode deixar uma população às cegas, tateando no escuro, sem saber de que forma as coisas ocorrem de verdade dentro do seu próprio país.

Essa manipulação de conteúdo que ocorre em Cuba mostra que no país, um dos bens mais preciosos é a informação. No entanto, essa busca incessante pelo que acontece dentro e fora de suas fronteiras não é novidade para os cubanos. Essa falta de informação não é obra de Fidel Castro e do regime socialista. A partir das pesquisas feitas para elaboração dessa obra foi possível notar que os cubanos sempre foram vítimas da manipulação de conteúdo, sendo a imprensa dentro da ilha sempre censurada e aliada ao poder vigente.

Desde os relatos feitos por José Martí nota-se que tanto a produção midiática, quanto o trabalho dos jornalistas, sempre foram cerceados pelo poder. Logo nos primeiros relatos sobre a ilha, já havia comentários sobre a censura espanhola nos informativos cubanos. Essa censura se dava, para que não houvesse insurreições no país, com intuito de alcançar a independência.

Esse foi um dos principais motivos relacionados à prisão e exílio de José Martí da ilha. Não é à toa que o principal herói cubano tenha sido um jornalista e escritor que colocava sua opinião no papel sem se preocupar com as consequências.

“-Aquí lo busca a usted la señorita Cuba, que viene a reclamar su voz, que según dice, ha tomado usted sin su licencia.”, trecho de obra de José Martí, El Diablo Cojuelo

Cuba sempre viveu regimes autoritários e ditatoriais. Por isso, seu povo nunca soube, realmente, o que é ser livre. Suas fronteiras sempre foram delimitadas e controladas, ou por fora, pela Espanha e pelos Estados Unidos, ou por dentro, pelos seus regimes intolerantes.

Dessa forma, em Cuba nunca houve liberdades. Como então pleitear e brigar somente pela de expressão? Um país, parcialmente, livre da influência ocidental e capitalista, nunca foi livre a não ser no papel e nos discursos inflamados de seus líderes.

É por isso que Cuba e o povo cubano não devem se envergonhar de não ter uma imprensa livre, pois como ser livre para se expressar, relatar e reivindicar, se nunca se pôde experimentar e saber efetivamente o que significa essa “liberdade”? Há críticas em todo o mundo no que se refere à Cuba. Muito se fala sobre a censura no país e as imposições feitas pelo regime comunista dos Castro. Mas a imprensa cubana está, como todos os demais aspectos do país, intrinsecamente ligada ao regime. Sendo assim, como ter uma imprensa livre em um país sitiado? Como buscar a verdade se esta é relativa e vai de acordo com a realidade de outros países? Como fazer um jornal livre, se nunca se provou dessa liberdade?

Somente quando houver uma significativa mudança nos rumos do país, do regime, dos governantes e do poder dentro de Cuba, é que será possível repensar em uma nova forma de se fazer jornalismo na ilha, pois a partir daí o povo cubano terá que repensar em uma nova forma de viver. Talvez isso não demore tanto tempo quanto se imagina, mas definitiva e primeiramente, será necessário repensar sobre como ser CUBANO.





Relato de um Náufrago

Como para cobrir um país é necessário, antes de tudo, estar dentro e fora ao mesmo tempo, a autora decidiu ir à Cuba, mas antes foi preciso estabelecer uma estratégia. Como abordar a imprensa cubana de forma “real e imparcial” se identificando como jornalista, ou mesmo como pós-graduanda em jornalismo internacional? Havia aí o primeiro obstáculo, pois se sabe que os jornalistas correspondentes que são enviados à ilha possuem não só tratamento diferenciado, como restrições aos locais que podem frequentar e registrar (no papel ou em fotografia) e pessoas com quem podem falar, mas são taxados desde o passaporte e visto concedidos pelo país. Dessa forma, foi decidido que a viagem seria feita às escuras e o visto seria o de turista.

Para um país repleto de polêmicas e com fama de durão, conseguir o visto foi uma empreitada branda. Em pouco menos de duas horas a entrada na ilha já era uma possibilidade e os papeis carimbados já estavam guardados com os demais documentos necessessários para ingresso e estada em Cuba (Pagamento de estadia e endereço do hotel, seguro médico, que se tornou obrigatório em 2010, passagem de ida e volta compradas).

A questão da passagem aérea também é um ponto a se tratar, uma vez que não existem mais voos sem escala para Cuba. Se contar com o fator sorte, é preciso passar ao menos por um país, antes de aterrissar em Havana. A autora em questão não teve tanta ventura para ir, tendo que passar por Lima (Peru) e pela cidade do Panamá (Panamá), em aproximadamente, 18 horas de viagem, até chegar a La Habana, no dia 03 de setembro de 2010, mesmo dia em que Fidel Castro fez sua reaparição histórica, nas escadarias da Universidade de Havana, em seu primeiro discurso após quatro anos de reclusão, que durou cerca de 40 minutos (tempo de duração ínfimo, se comparado aos discursos feitos pelo comandante em chefe quando estava no poder).

O desembarque nessa pequena ilha já mostra um pouco do que é relatado pela imprensa mundial. A tensão entre as pessoas é real e o controle de entrada é intenso e rígido. São diversos setores que cada indivíduo precisa passar para colocar os pés em Havana. Primeiro, a área de imigração, na qual é tirada uma foto da pessoa e o visto é destacado, depois, o setor de raio x de bagagem, no qual além da vistoria feita na equipagem, os militares passam detectores de metal em cada cidadão, seja ele cubano ou não. Logo após, fica a área da declaração de saúde, na qual deve-se entregar um formulário preenchido atestando se possui ou não determinadas enfermidades e, por último, o local para a retirada de bagagem, onde militares com cães farejadores, da raça Cocker Spaniel, passam cheirando todas as malas dentro e fora das esteiras. Quem consegue passar por tudo isso, ainda precisa passar pelo setor de “bagagens a declarar e não declarar”, mesmo aqueles que não tinham nada a declarar eram revistados. A “sorte” da autora foi que, como sua equipagem foi extraviada, foi liberada desta área.





APÊNDICE A - Informações adicionais⁴⁶

Rádio

A crise não modificou apenas a imprensa, mas todo o sistema de comunicação do país. Um dos efeitos mais significativos foi a importância que o rádio assumiu. A imprensa e a televisão foram diretamente atingidos e tiveram que reduzir ao máximo a sua tiragem/funcionamento. O rádio, por ser um meio mais barato, passou a ter a função de preencher as lacunas informativas. Isso se deu também porque logo após a revolução, parte da política do governo foi estender a rede elétrica a todas as vilas e povoados da ilha, transformando desde então o rádio no meio de alcance nacional. Com a crise, o rádio adquiriu ainda maior importância; sendo que inclusive muitos jornais regionais instalaram transmissores de rádio nas redações, para, assim, transmitir as notícias que não tinham espaço no jornal impresso.

Outro aspecto foi a “transformação” de toda a população em jornalistas. O governo lançou uma campanha incitando as pessoas, principalmente nas pequenas cidades e povoados. Desta forma o governo driblava as dificuldades relativas à falta de profissionais e ao transporte, mas por outro lado, diminuía ainda mais o nível jornalístico.

A relativa “prosperidade” do rádio nessa época, porém, não significa que o meio também não tenha sofrido com a crise. Apesar da sua utilização pela imprensa, a programação total diária das emissoras teve um corte de quase cem horas. Não havia pilhas nem fitas-cassete para gravar os programas, nem papel suficiente para que os jornalistas pudessem escrever seus textos. Os constantes blecautes eram um grande problema também para as rádios, já que isso diminuía o tempo de transmissão.

Televisão

A televisão deparou-se com os mais variados problemas, tendo que restringir sua programação em 35%. As dificuldades surgiam, principalmente, devido a falta de energia elétrica e à falta de financiamento para a produção e compra de programas. Os constantes blecautes, além de restringirem o horário de transmissão, causavam outros problemas de ordem prática, como por exemplo, o armazenamento de fitas-cassete. Já que os ar-condicionados não funcionavam como devido, não era possível manter a temperatura necessária para manter a qualidade das fitas arquivadas. Além disso, como não havia dinheiro para comprar novas fitas, foi necessário reutilizar antigas fitas do arquivo. Assim, foram se perdendo não só na televisão, mas também no rádio inúmeros documentos importantes para o estudo da história dessas mídias.

A televisão teve que reduzir o seu tempo de transmissão, já que, além dos blecautes, não havia dinheiro suficiente para produzir os programas, pagar o transporte de jornalistas e cameramen ou importar filmes estrangeiros. Até hoje, é comum que um único programa seja repetido várias vezes numa mesma semana. Nos anos mais difíceis – entre 1993 e 1995, era comum transmitir longas entrevistas por telefone mostrando na tela apenas uma foto do entrevistado.

Em 1993, a programação televisiva, que já havia sido reduzida em 1990 em 30%, teve que ser reduzida ainda mais, o que significa que nesse ano os dois canais de televisão cubanos Cubavisión e Tele Rebelde transmitiram em média apenas 19,1 horas por dia. Trata-se de um tempo de transmissão muito curto, principalmente se considerarmos que em Cuba existem apenas esses dois canais de televisão. Uma melhora só vai ocorrer a partir de 1999, quando o tempo médio passa a 25,8 horas por dia.

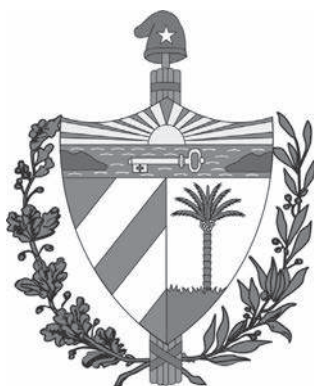
⁴⁶ Informações retiradas da tese “Meios de comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise”, de CAROLA SAAVEDRA Hurtado, publicadas na revista Espaço Acadêmico N° 50 de Junho/2005.





ANEXOS

ANEXO A - Constitución de la Republica de Cuba (Imprensa)



artículo 53o.- Se reconoce a los ciudadanos libertad de palabra y prensa conforme a los fines de la sociedad socialista. Las condiciones materiales para su ejercicio están dadas por el hecho de que la prensa, la radio, la televisión, el cine y otros medios de difusión masiva son de propiedad estatal o social y no pueden ser objeto, en ningún caso, de propiedad privada, lo que asegura su uso al servicio exclusivo del pueblo trabajador y del interés de la sociedad.

La ley regula el ejercicio de estas libertades.

artículo 54o.- Los derechos de reunión, manifestación y asociación son ejercidos por los trabajadores, manuales e intelectuales, los campesinos, las mujeres, los estudiantes y demás sectores del pueblo trabajador, para lo cual disponen de los medios necesarios a tales fines.

Las organizaciones de masas y sociales disponen de todas las facilidades para el desenvolvimiento de dichas actividades en las que sus miembros gozan de la más amplia libertad de palabra y opinión, basadas en el derecho irrestricto a la iniciativa y a la crítica.





ANEXO B - Abdala de José Martí

PERSONAJES

Espirta, madre de Abdala
Elmira, hermana de Abdala
Abdala
Un senador
Consejeros, soldados, etc.
La escena pasa en “Nubia”

ESCENA I

Abdala, un Senador y Consejeros

Sen. Noble caudillo: a nuestro pueblo llega
Feroz conquistador: necio amenaza,
Si a su fuerza y poder le resistimos,
En polvo convertir nuestras murallas:
Fiero pinta a su ejército que monta
Nobles corceles de la raza árabiga;
Inmensa gente al opresor auxilia,
Y tan alto es el número de lanzas
Que el enemigo cuenta, que a su vista
La fuerza tiembla y el valor se espanta:
Tantas sus tiendas son, noble caudillo,
Que a la llanura llegan inmediata,
Y del rudo opresor ¡oh Abdala ilustre!
Es tanta la fiereza y arrogancia
Que envió un emisario reclamando
Rindiese fuego y aire, tierra y agua!

Abd. Pues decidle al tirano que en la Nubia
Hay un héroe por veinte de sus lanzas:
Que del aire se atreva a hacerse dueño:
Que el fuego a los hogares hace falta:
Que la tierra la compre con su sangre:
Que el agua ha de mezclarse con sus lágrimas.

Sen. Guerrero ilustre: calma tu entusiasmo
Del extraño a la impúdica arrogancia
Diole el pueblo el laurel que merecían
Tan necia presunción y audacia tanta;
Mas hoy no son sus bárbaras ofensas
Muestras de orgullo y simples amenazas:
Ya detiene a los nubios en el campo !
Ya en nuestras puertas nos coloca guardias!

Abd. ¿Qué dices, Senador?

Sen. ¡ Te digo ¡oh, jefe
Del ejército nubio! que las lanzas
Deben brillar, al aire desenvuelta
La sagrada bandera de la patria.
Te digo que es preciso que la Nubia
Del opresor la lengua arranque osada,
Y la llanura con su sangre bañe
Y luce Nubia cual luchaba Esparta
Vengo en tus manos a dejar la empresa
De vengar las cobardes amenazas





Del bárbaro tirano que así llega
A despojar de vida nuestras almas!
Vengo a rogar al esforzado nubio
Que a la batalla con el pueblo parta.

Abd. Acepto, Senador. Alma de bronce
Tuviera si tu ruego no aceptara.
Que me sigan espero los valientes
Nobles caudillos que el valor realza,
Y si insulta a los libres un tirano
Veremos en el campo de batalla
En la Nubia nacidos, por la Nubia
Morir sabremos: hijos de la patria,
Por ella moriremos, y el suspiro
Que de mis labios postrimeros salga
Para Nubia será, que para Nubia
Nuestra fuerza y valor fueron creadas.
Decid al pueblo que con él al campo
Cuando se ordene emprenderé la marcha;
Y decid al tirano que se apreste,!
Que prepare su gente,! y que a sus lanzas
Brillo dé y esplendor. Más fuertes brillan

Sen. Robustas y valientes nuestras almas!
Feliz mil veces ¡oh valiente joven!

Todos El pueblo que es tu patria!
- Viva Abdala! -
(Se van el Senador y Consejeros.)

ESCENA II

Abdala

Abd. ¡Por fin potente mi robusto brazo
Puede blandir la ruda cimitarra,
Y mi noble corcel volar ya puede
Ligero entre el fragor de la batalla!
Por fin mi frente se ornará de gloria!
Seré quien libre a mi angustiada patria,
Y quien le arranque al opresor el pueblo
Que empieza a destrozar entre sus garras!
Y el vil tirano que amenaza a Nubia
Perdón y vida implorará a mis plantas!
Y la gente cobarde que lo ayuda
A nuestro esfuerzo gemirá espantada!
Y en el cieno hundirá la altiva frente,
Y en cieno vil enfangará su alma
Y la llanura en que su campo extiende
Será testigo mudo de su infamia!
Y el opresor se humillará ante el libre!
Y el oprimido vengará su mancha!
Conquistador infame, ya la hora
De tu muerte sonó: ni la amenaza,
Ni el esfuerzo y valor de tus guerreros
Será muro bastante a nuestra audacia.





Siempre el esclavo sacudió su yugo,
Y en el pecho del dueño hundió su clava
El siervo libre: siente la postrera
Hora de destrucción que audaz te aguarda,
Y teme que en tu pecho no se hunda
Del libre nubio la tajante lanza!
Ya me parece que rugir los veo
Cual fiero tigre que a su presa asalta.
Ya los miro correr: a nuestras filas
Dirigen ya su presurosa marcha:
Ya luchan con furor: la sangre corre
Por el llano a torrentes: con el ansia
Voraz del opresor, hambrientos vuelven
A hundir en sus costados nuestras lanzas
Y a doblegar el arrogante cuello
Al tajo de las rudas cimitarras:
Cansados ya, vencidos - cual furiosas
Panteras del desierto que se lanzan
A la presa que vencen, y se fatigan,
Y rugen y se esfuerzan y derraman
La enrojecida sangre, y combatiendo
Terribles ayes de dolor exhalan,-
Así los enemigos furibundos,
A nuestras filas bárbaros se lanzan,
Y luchan,- corren,- retroceden,- vuelan,-
Inertes caen,- gimiendo se levantan,-
A otro encuentro se aprestan,- y perecen!
Ya sus cobardes huestes destrozadas
Huyen por la llanura: - ¡oh! ¡cuánto el gozo
Da fuerzas y robustez y vida a mi alma! -
- ¡Cuál crece mi valor! - ¡cómo en mis venas
Arde la sangre! - ¡cómo me arrebató
Este invencible ardor! - ¡cuánto deseo
A la lucha partir! -

ESCENA III

Entran guerreros,- Guerreros y Abdala

Un gue ¡Salud, Abdala! -

Ab. ¡Salud, nobles guerreros!

Un gue Ya la hora

De la lucha sonó: la gente aguarda
Por su noble caudillo: los corceles
Ligeros corren por la extensa plaza:
Arde en los pechos el valor, y bulle
En el alma del pueblo la esperanza:
Si vences, noble jefe, el pueblo nubio
Coronas y laureles te prepara,-
Y si mueres luchando, te concede
La corona del mártir de la patria! -
Revelan los semblantes la alegría:
Brillan al sol las fulgurantes armas,-





Y el deseo de luchar en las facciones
La grandeza, el valor sublimes graban! -
Abd. Ni laurel ni coronas necesita
Quien respira valor. Pues amenazan
A Nubia libre, y un tirano quiere
Rendirle a su dominio vil esclava,
Corramos a la lucha, y nuestra sangre
Pruebe al conquistador que la derraman
Pechos que son altares de la Nubia,
Brazos que son sus fuertes y murallas!
A la guerra, valientes! Del tirano
La sangre corra, y a su empresa osada
De muros sirvan los robustos pechos
Y sea su sangre fuego a nuestra audacia -
A la guerra! a la guerra! Sea el aplauso
Del vil conquistador que nos ataca,
El son tremendo que al batirlo suenan
Nuestras rudas y audaces cimitarras
Nunca desmienta su grandeza Nubia
A la guerra corred! a la batalla
Y de escudos te sirva oh patria mia
El bélico valor de nuestras almas! -
(Hacen ademán de partir.)

ESCENA IV

Entra Espirta.- Espirta y dichos

Esp. ¿A dónde vas? Espera
Abd. ¡Oh madre mia!
Nada puedo esperar.
Esp. Detente, Abdala
Abd. ¿Yo detenerme, madre? ¿No contemplas
El ejército ansioso que me aguarda?
¿No ves que de mi brazo espera Nubia
La libertad que un bárbaro amenaza?
¿No ves cómo se aprestan los guerreros
¿No miras cómo brillan nuestras lanzas?
Detenerme no puedo, ¡oh, madre mía!
¡Al campo voy a defender mi patria!
Esp. ¡Tu madre soy!
Abd. ¡Soy nubio! El pueblo entero
Por defender su libertad me aguarda:
Un pueblo extraño nuestras tierras huella:
Con vil esclavitud nos amenaza;
Audaz nos muestra sus potentes picas,
Y nos manda el honor y Dios nos manda
Por la patria morir, antes que verla
Del bárbaro opresor cobarde esclava!
Esp. Pues si exige el honor que al campo vuelas,
Tu madre hoy que te detengas manda!
Abd. Un rayo sólo detener pudiera
El esfuerzo y valor del noble Abdala!





¡A la guerra corred, nobles guerreros,
Que con vosotros el caudillo marcha!
(Se van los guerreros.)

ESCENA V

Espirta y Abdala

- Abd. Perdona ¡oh madre! que de ti me aleje
Para partir al campo. ¡Oh! estas lágrimas
Testigos son de mi ansiedad terrible,
Y el huracán que ruge en mis entrañas.
(Espirta llora.)
No llores tú, que a mi dolor ¡oh madre!
Estas ardientes lágrimas le bastan
El ay! del moribundo, ni el crujido
Ni el choque rudo de las fuertes armas,
No el llanto asoman a mis tristes ojos,
Ni a mi valiente corazón espantan!
Tal vez sin vida a mis hogares vuelva,
U oculto entre el fragor de la batalla
De la sangre y furor víctima sea.
Nada me importa. Si supiera Abdala
Que con su sangre se salvaba Nubia
De las terribles extranjeras garras,
Esa veste que llevas, madre mía,
Con gotas de mi sangre la manchara!.
Sólo tiemblo por ti: y aunque mi llanto
No muestro a los guerreros de mi patria,
Ve cómo corre por mi faz, ¡oh madre!
Ve cuál por mis mejillas se derrama!
- Esp. ¿Y tanto amor a este rincón de tierra?
¿Acaso él te protegió en tu infancia?
¿Acaso amante te llevó en su seno?
¿Acaso él fue quien engendró tu audacia
Y tu fuerza? responde! ¿O fue tu madre?
¿Fue la Nubia?
- Abd. El amor, madre, a la patria
No es el amor ridículo a la tierra, tierra,
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;
Es el odio invencible a quien la oprime,
Es el rencor eterno a quien la ataca; -
Y tal amor despierta en nuestro pecho
El mundo de recuerdos que nos llama
A la vida otra vez, cuando la sangre
Herida brota con angustia el alma; -
La imagen del amor que nos consuela
Y las memorias plácidas que guarda
- Esp. ¿Y es más grande ese amor que el que despierta
En tu pecho tu madre?
- Abd. Acaso crees
Que hay algo más sublime que la patria
- Esp. ¿Y aunque sublime fuera, acaso debes





Por ella abandonarme? a la batalla
Así correr veloz? ¿Así olvidarte
De la que el ser te dio? ¿Y eso lo manda
la patria Di! ¿Tampoco te conmueven
La sangre ni la muerte que te aguardan?

Abd. Quien a su patria defender ansia
Ni en sangre ni en obstáculos repara!
Del tirano desprecia la soberbia;
En su pecho se estrella la amenaza;
Y si el cielo bastara a su deseo
Al mismo cielo con valor llegara!

Esp. ¿No te quedas por fin? ¿Y me abandonas?

Abd. No! madre, no! Yo parto a la batalla!

Esp. Al fin te vas?... te vas?... ¡Oh, hijo querido!
(Se arrodilla.)
A tu madre infeliz mira a tus plantas!
Mi llanto mira que angustioso corre!
De amargura y dolor tus pies empapa!
Deténte ¡oh hijo mío!

Abd. Levanta ¡oh madre!

Esp. Por mi amor... por tu vida... no... no partas!

Abd. ¿Que no parta decís cuando me espera
La Nubia toda Oh! no! ¿cuando me aguarda
Con terrible inquietud a nuestras puertas
Un pueblo ansioso de lavar su mancha
Un rayo sólo detener pudiera
El esfuerzo y valor del noble Abdala ;

Esp. Y una madre infeliz que te suplica, (con altivez.)
Que moja con sus lágrimas tus plantas,
¿No es un rayo de amor que te detiene?
¿No es un rayo de dolor que te anonada?

Abd. Cuántos tormentos!... Cuán terrible angustia!
Mi madre llora... Nubia me reclama...
Hijo soy... nací nubio... Ya no dudo,
Adiós! Yo marchó a defender mi patria! (Se va.)

ESCENA VI

Espirta

Esp. Partió!... partió!... Tal vez ensangrentado,
Lleno de heridas, a mis pies lo traigan;
Con angustia y dolor mi nombre invoque;
Y mezcle con las mías sus tristes lágrimas,
Y mi mejilla con la suya roce
Sin vida, sin color, inerte, helada!
; Y detener no puedo el raudo llanto
Que de mis ojos brota; a mi garganta
Se agolpan los sollozos, y mi vista
Nublan de espanto y de terror mis lágrimas!
Mas ¿por qué he de llorar? ¿Tan poco esfuerzo
Nos dio Nubia al nacer? ¿así acobardan
A sus hijos las madres? ¿así lloran





Cuando a Nubia un infame nos arranca
¿Así lamentan su fortuna y gloria
¿Así desprecian el laurel? ¿Tiranas,
Quieren ahogar en el amor de madre
El amor a la patria? Oh! no! derraman
Sus lágrimas ardientes, y se quejan
Porque sus hijos a morir se marchan!
Porque si nubias son, también son madres!
Porque al rudo clamor de la batalla
Oyen mezclarse el ¡ay! que lanza el hijo
Al sentir desgarradas sus entrañas!
Porque comprenden que en la lucha nunca
Sus hogares recuerdan, y se lanzan
Audaces en los brazos de la muerte
Que a una madre infeliz los arrebató

ESCENA VII

Espirta y Elmira

Elm. Madre! llorando vos?

Esp. ¿De qué te asombras?

A la lucha partió mi noble Abdala,
Y al partir a la lucha un hijo amado
¿Qué heroína, qué madre no llorara?

Elm. La madre del valor, la patriota!

Oh! mojan vuestra faz recientes lágrimas,
Y rebosa el dolor en vuestros ojos,
Cobarde llanto vuestro seno baña!
Madre nubia no es la que así llora
Si vuela su hijo a socorrer la patria!
A Abdala adoro: mi cariño ciego
Es límite al amor de las hermanas,
Y en sus robustas manos, madre mía,
Le coloqué al partir la cimitarra,
Le dije adiós, y le besé en la frente!
Y vos lloráis, cuando luchando Abdala
De noble gloria y de esplendor se cubre,
Y el bélico laurel le orna de fama!
¡Oh madre! ¿no escucháis ya cómo suenan
Al rudo choque las templadas armas?
¿Las voces no escucháis? ¿El son sublime
De la trompa no oís en la batalla?
¿Y no oís el fragor? ¡Con cuánto gozo
Esta humillante veste no trocara
Por el lustroso arnés de los guerreros,
Por un noble corcel, por una lanza!

Esp. ¿Y también como Abdala, por la guerra
A tu hogar y tu madre abandonarás?
¿Y a morir en el campo audaz partieras?

Elm. También, madre, también! que las desgracias
De la patria infeliz lloran y sienten





Las piedras que deshacen nuestras plantas!
¿Y vos lloráis aún? ¿Pues de la trompa
El grato son no oís que mueve el alma?
¿No lo escucháis?, ¡oh madre! ¿A vos no llega
El sublime fragor de la batalla?
(Se oye tocar a la puerta.)
Pero... ¿qué ruido es éste repentino,
Madre, que escucho a nuestra puerta?
Esp. (Lanzandose hacia la puerta) ¡Abdala!
Elm. (Deteniéndola)
Callad, oh madre! Acaso algún herido
A nuestro hogar desesperado llama.
A su socorro vamos, madre mia.

(Se dirigen a la puerta.)
¿Quién toca a nuestra puerta?
Una voz Abrid!

ESCENA VIII

Entran guerreros trayendo en brazos a Abadla herido. Dichos, Abdala

Ebn. y Esp. (Espantadas:) ¡Abdala!
(Los guerreros conducen a Abdala al medio del
escenario.)
Abd. Abdala, sí, que moribundo vuelve
A arrojarle rendido a vuestras plantas,
Para partir después donde no puede
Blandir el hierro, ni empuñar la lanza
Vengo a exhalar en vuestros brazos, madre,
Mis últimos suspiros, y mi alma!
Morir! morir cuando la Nubia lucha;
Cuando la noble sangre se derrama
De mis hermanos, madre; cuando espera
De nuestras fuerzas libertad la patria!
Oh, madre, no lloréis! Volad cual vuelan
Nobles matronas del valor en alas
A gritar en el campo a los guerreros:
“Luchad! luchad, oh nubios! esperanza!”
Esp. ¿Que no llores me dices? ¿Y tu vida
Alguna vez me pagará la patria?
Abd. La vida de los nobles, madre mía,
Es luchar y morir por acatarla
Y si es preciso, con su propio acero
Rasgarse por salvarla las entrañas!
Mas, me siento morir: en mi agonía
(A todos) no vengáis a turbar mi triste calma,
Silencio... Quiero oír... Oh me parece
Que la enemiga hueste derrotada,
Huye por la llanura... oíd!... silencio!
Ya los miro correr... A los cobardes
Los valientes guerreros se abalanzan...





Nubia venció! muero feliz: la muerte
Poco me importa, pues logré salvarla...
Oh qué dulce es morir, cuando se muere
Luchando audaz por defender la patria!
(Cae en brazos de los guerreros.)

Publicado en el único número del pequeño periódico de Martí La Patria Libre, del 23 de octubre de 1869





ANEXO C - El diablo cojuelo de José Martí

Nunca supe yo lo que era público, ni lo que era escribir para él, mas a fe de diablo honrado, aseguro que ahora como antes, nunca tuve tampoco miedo de hacerlo. Poco me importa que un tonto murmure, que un necio zahiera, que un estúpido me idolatre y un sensato me deteste. Figúrese usted, público amigo, que nadie sabe quien soy: ¿qué me puede importar que digan o que no digan?

Diránme que en nada me ajusto a la costumbre de campear por mis respetos, -que nada más significa esta comezón de publicar hojas anónimas con redactores conocidos; -diránme que soy un mal caballero; amenazáranme con romperme los brazos, ya que no tengo piernas, mas, a fe de osado y mordaz escritor, prometo y prometo con calma que a su tiempo se verá que este Diablo, no es un diablo, y que este Cojo no es cojo.

Esta dichosa libertad de imprenta, que por lo esperada y negada y ahora concedida, llueve sobre mojado, permite que hable usted por los codos de cuanto se le antoje, menos de lo que pica; pero también permite que vaya usted al Juzgado o a la Fiscalía, y de la Fiscalía o el Juzgado lo zambullan a usted en el Morro, por lo que dijo o quiso decir. Y a Dios gracias, que en estos tiempos dulces hay distancia y no poca de su casa al Morro. En los tiempos de don Paco era otra cosa. ¿Venía usted del interior, y traía usted una escarapela? -al calabozo! -¿Habló usted y dijo que los insurrectos ganaban o no ganaban? -al calabozo! -¿Antojábasele a usted ir a ver a una prima que tenía en Bayamo? -al calabozo! -Contaba usted tal o cual comentario, cierto episodio de la revolución? -al calabozo! -Y tanta gente había ya en los calabozos, que a seguir así un mes más, hubiera sido en la Habana de entonces el Morro de entonces. Puede por esto colegirse lo que por acá queremos a aquel buen señor de quien dirán las historias que se despedía a la francesa.

Pero no hay sólo libertad de imprenta: hay también libertad de reunión. Quiere un zángano ganarse prosélitos, y héteme aquí que junta al honrado fidalgo, dueño de quinientos negros; al famoso jockey, dueño de otros cuantos; al mayordomo de cierta señorona, y a un maestro que tiene cerebro más pastelero que la mismísima pastelería. Dícese allí que es una iniquidad la abolición, en lo cual yo no me meto; y que la insurrección es la ruina del país, en lo cual por ahora tampoco tomo cartas; y dícense otras muchas cosas que tal parecen salidas del cerebro de enfermo. Y en estas y otras se concluye la importante sesión, satisfechos los parlanchines de haber dicho muy grandes cosas.

Otros de esos que llaman sensatos patricios, y que sólo tienen de sensatos lo que tienen de fría el alma, reúnen en sus casas a ciertos personajes de aquellos que han fijado un ojo en Yara y otro en Madrid, según la feliz expresión de un poeta feliz, y que con solo este título pretenden imponer sus leyes a quien tiene muy pocas ganas de sufrir tan ridícula imposición. A ser yo orador, o concurrente a juntas, que no otra cosa significa entre nosotros la tal palabra, no sentaría por base de mi política esos que los franceses llamarían afrentosa hésitation. O Yara o Madrid.

Mas, volviendo a la cuestión de libertad de imprenta, debo recordar que no es tan amplia que permita decir cuanto se quiere, ni publicar cuanto se oye. Un ejemplo al canto. Si viniese a Cuba un Capitán general, que burlándose del país, de la nación y de la vergüenza, les robase miserablemente dos millones de pesos; y corriesen rumores de que este general se llamaba Paco o Pancho, Linsunde o Lersinde, a buen seguro que mucho habría de medirse usted, lector amigo, antes de publicar noticia que tanto ofende la nunca manchada reputación del respetable cuanto idóneo representante del Gobierno Borbónico en esta Antilla. Y esto lo digo para que a mí como a los demás nos sirva de norma en nuestros actos periodiquiles.

Conque al periódico, público amigo ¡al periódico, buen diablo! al periódico, lector discreto! y lluevan pesetas como llueven diabluras!

- - -





-Amigo, ¡una buena noticia!

-Y ¿qué es ello?

-Se dice que las tropas españolas han tomado el puertecito de Bayamo, distante cuatro leguas de Cuba.

-Buen provecho.

- - -

-Amigo, ¡otra noticia!

-Diga usted.

-Se dice que durante tres días habrá luminarias en celebración de la toma de Bayamo.

-Según eso, el tal puertecillo debe ser cosa importante. Figúrese usted que tiene cerca de él nada menos que los dos caseríos del Datil y del Horno... de los cuales no sé más que el nombre.

- - -

-¿Señor Castañón?

-¿Qué hay?

-Aquí lo busca a usted la señorita Cuba, que viene a reclamar su voz, que según dice, ha tomado usted sin su licencia.

-¡Ay, cierra, cierra, amigo! Di que me he mudado de casa; que me he ido al infierno, que... que qué sé yo... en fin... mira... como te atosigue mucho, le dices, de mi parte, que pienso mudar de voz, eh? Pero pronto, pronto!

No sabemos a estas horas si la señorita Cuba entró o no entró, a tiempo; avisaremos este fausto acontecimiento.

- - -

El señor Zayas ha publicado un folleto que en la primera página decía: Cuba -Su porvenir. Por J. M. Zayas.

Pero se susurra que un iluso respondió al folleto con estas solas palabras: Cuba -Su porvenir, independencia.

Si yo fuera político discutiría el folleto y la respuesta; pero como no soy más que un pobre diablo, me contento con decir al señor Zayas: -¿Quién le ha preguntado a usted su opinión, ni para qué cree usted que la necesitaba Cuba?

Una de las grandes máximas que el mundo admira es esta:

Odia al delito, compadece al delincuente.

¿Por qué entonces tanto ensañamiento contra ese Pascual Riesgo que no ha de tocar en nuestros destinos ni pito ni flauta? ¿Es acaso algún importante personaje? Si en 1851 era un infame realista, y hoy es un estúpido liberal, dejarlo! ¿Qué nos importa Pascual Riesgo? Si en privadas circunstancias a éstas, pidió





en la Prensa la cabeza de un hombre libre, y hoy declama contra la pena de muerte, dejarlo! ¿Qué nos importa Pascual Riesgo?

- - -

-¿Señor Pablitos el de las aulas?

-¿Qué quiere usted?

-De parte del apóstol que no vuelva usted a alterar la fecha de los cuadros, ni cometa usted más desmanes,

que las lenguas andan sueltas y las cosas muy revueltas.

- - -

-¿Qué hizo el general Lersundi en la Isla de Cuba?

-Embarazar.

-¿Y Gutiérrez de la Vega?

-Hacer cortesías.

-¿Qué nombre tendrá la política de Dulce?

-Dulcificadora.

-¿Dulcificará?

- - -

-¿Qué me dice usted del Diario de la Marina?

-Que ayer se picó, pero sigue siempre jugando la cabeza.

- - -

-Y qué cree usted de La Verdad?

-Que es la pura verdad.

-¿Y usted se atreve a decirlo?

-Claro. Verum est id quod est, dijo San Agustín.

- - -

El Diario de la Marina tiene desgracia.

Lo que él aconseja por bueno, es justamente lo que todos tenemos por más malo. Y esto lo prueba “El Fosforito”.





Lo que él vitupera por malo, es justamente lo que tenemos por bueno. Y esto lo pruebo yo.

Quería censor: no hay censor.

Dijo que la libertad de imprenta traía muchos males.

Para él sí; para los demás nó; porque gana el que escribe, puesto que puede escribir; gana el que imprime, puesto que no hay censura que le arrebate el trabajo, y gana el que lee, porque se nutre de las cosas buenas, y aprende a despreciar las malas. ¡Pobre Diablo!

- - -

-¿Y qué hay de la Prensa?

-Que por ilegible se ha hecho invulnerable.

- - -

-¿Tú por aquí, Basilio?

-¡Amado Cojuelo!

-¿Y qué me dices de nuevo, hombre?

-Que ya soy Bachiller, amigo, ¡Bachiller! ¿Comprendes tú lo que es ser Bachiller?

-¿Bachiller en artes? Sí, hombre. ¡Burro en todas partes! Pero, mira; a Dios gracias ya se acabó la especie asnal. Ahora cada quisque lo sudará, entiendes? El, el quisque, el Bachiller lo sudará, y no lo sudarán los negros del ingenio, ni el papá zángano, ni la mamá cariñosa, que aflojaban las onzas. Ya no habrá aquello, Basilio, ya no habrá aquello, ni habrá un Pablito amable y ablandable que se deje querer y dulcificar con los atractivos de lo amarillo; ni un Bachiller, que no es sólo bachiller, que demasiado indulgente unas veces, y muy ocupado otras, dejó el timón de un buque nuevo, en manos de un atrapador; ni un Griego poco griego que saque de apuros al hijo mimado de un muy su amigo; ni un Matemático que sabe de Matemáticas lo que yo entiendo de encubiertos y pasteles. No habrá nada de esto, amigo Basilio. ¿Es usted un genio? pues bien, entra usted estudiante en la Universidad Cubana, y no Real, y sale usted Doctor. ¿Es usted un bestia? Entra usted estudiante aprobable y orondo, y sale usted desaprobado y cariacontecido. Y en verdad, en verdad, Basilio amigo, no ¿te place como á mí me place y como á todos nos place, ese nuevo sistema, que así le abrirá las puertas al que lo merezca, como dará con ellas en las narices al que sin mérito alguno viniere a pretenderlo?

-Sí que me place, amigo Diablo, y sólo falta que este pan de azúcar que aquí nos ha traído la Providencia, abra al fin su seno y estampe en los periódicos con asombro de estúpidos y aplausos de sensatos esa tan esperada y suspirada ley de libertad de enseñanza.

Nos dice un amigo que le desea a Lersundi estos chascos:

Ir a cantarle al mar, y ser bañado por una ola.

Convidar a unas señoritas a refresco, y tras tener fama de pobre, habersele olvidado el portamonedas.

Y como más desagradable que todos los chascos, oír gritar por las calles de España: ¡Viva la República Federal!





- - -

Pregunta “El cucharón del Diablo”:

-¿No hay quién defienda la autonomía? ¿No hay quién hable?

-Espere usted, señor Cucharón, espere usted. Entre nosotros nunca hubo ni libertad, ni unión. Casi tenemos la una. Poco a poco logramos la otra. Aquí sucede con esto una cosa muy particular; hay tres de un mismo partido; uno está enfermo y no puede escribir; el otro puede escribir; pero el otro no tiene dinero.

- - -

Señor Estudiante Republicano: libertad de imprenta no quiere decir indecencia impresa. Vaya por lo del rabo de González Bravo.

- - -

-¿Qué es menester para que la isla de Cuba sea menos amarga?

-Que este Dulce.

- - -

-¿Qué tiene de demás “El Cucharón?”

-Que mete el diablo en todas sus cosas.

- - -

Señor Gorro: nunca fue de almas nobles desear la muerte de una persona, aunque esta persona sea un Borbón.

- - -

Y ¿qué te falta ahora, pobre Diablo?

Fáltanme pesetas para poder hacer diabluras. ¿Qué me valiera gritar con el bolsillo vacío Viva la República Federal? ¿Ni qué tampoco dar vivas al Capitán General Libertador, Encargado del Gobierno Provisional?





ANEXO D - El Siboney de José Martí

Vivo bajo las jaguas:
en unión de las tórtolas sencillas,
del fértil Yayabo en las orillas;
soy el hijo del sol y de las aguas.
Respeto los behíques;
aves y flores llevo a sus altares;
y de límpidas conchas de los mares
ricas sartas regalo a los caciques.
En la noche serena
adoro del Turey la azul techumbre;
pido a la luna que mi senda alumbre,
y el Semí me acompaña en mi honda pena.
En la verde colina
el fruto de mis árboles desprendo,
y en mi pobre caney mi hoguera enciendo,
cuando el sol tras los árboles declina.
Una virgen adoro
más que a las otras; virgen hechicera,
cual bello caracol en la ribera
de transparencia azul y vetas de oro.
Flor de Casibacoa
ella consuela mi dolor impío;
para llevarla por el claro río
en las tardes prepara mi canoa.
La espero aquí en las jaguas
que están al pie de la encumbrada sierra...
¡Soy siboney! ¡Bendita está mi tierra!
¡Soy el hijo del sol y de las aguas!



ANEXO E - La historia me absolverá de Fidel Castro Ruz

Señores magistrados:

Nunca un abogado ha tenido que ejercer su oficio en tan difíciles condiciones: nunca contra un acusado se había cometido tal cúmulo de abrumadoras irregularidades. Uno y otro, son en este caso la misma persona. Como abogado, no ha podido ni tan siquiera ver el sumario y, como acusado, hace hoy setenta y seis días que está encerrado en una celda solitaria, total y absolutamente incomunicado, por encima de todas las prescripciones humanas y legales.

Quien está hablando aborrece con toda su alma la vanidad pueril y no están ni su ánimo ni su temperamento para poses de tribuno ni sensacionalismo de ninguna índole. Si he tenido que asumir mi propia defensa ante este tribunal se debe a dos motivos. Uno: porque prácticamente se me privó de ella por completo; otro: porque sólo quien haya sido herido tan hondo, y haya visto tan desamparada la patria y envilecida la justicia, puede hablar en una ocasión como ésta con palabras que sean sangre del corazón y entrañas de la verdad.

No faltaron compañeros generosos que quisieran defenderme, y el Colegio de Abogados de La Habana designó para que me representara en esta causa a un competente y valeroso letrado: el doctor Jorge Pagliery, decano del Colegio de esta ciudad. No lo dejaron, sin embargo, desempeñar su misión: las puertas de la prisión estaban cerradas para él cuantas veces intentaba verme; sólo al cabo de mes y medio, debido a que intervino la Audiencia, se le concedieron diez minutos para entrevistarse conmigo en presencia de un sargento del Servicio de Inteligencia Militar. Se supone que un abogado deba conversar privadamente con su defendido, salvo que se trata de un prisionero de guerra cubano en manos de un implacable despotismo que no reconozca reglas legales ni humanas. Ni el doctor Pagliery ni yo estuvimos dispuestos a tolerar esta sucia fiscalización de nuestras armas para el juicio oral. ¿Querían acaso saber de antemano con qué medios iban a ser reducidas a polvo las fabulosas mentiras que habían elaborado en torno a los hechos del cuartel Moncada y sacarse a relucir las terribles verdades que deseaban ocultar a toda costa? Fue entonces cuando se decidió que, haciendo uso de mi condición de abogado, asumiese yo mismo mi propia defensa.

Esta decisión, oída y transmitida por el sargento del SIM, provocó inusitados temores; parece que algún duendecillo burlón se complacía diciéndoles que por culpa mía los planes iban a salir muy mal; y vosotros sabéis de sobra, señores magistrados, cuántas presiones se han ejercido para que se me despojase también de este derecho consagrado en Cuba por una larga tradición. El tribunal no pudo acceder a tales pretensiones porque era ya dejar a un acusado en el colmo de la indefensión. Ese acusado, que está ejerciendo ahora ese derecho, por ninguna razón del mundo callará lo que debe decir. Y estimo que hay que explicar, primero que nada, y qué se debió la feroz incomunicación a que fui sometido; cuál es el propósito al reducirme al silencio; por qué se fraguaron planes; qué hechos gravísimos se le quieren ocultar al pueblo; cuál es el secreto de todas las cosas extrañas que han ocurrido en este proceso. Es lo que me propongo hacer con entera claridad.

Vosotros habéis calificado este juicio públicamente como el más trascendental de la historia republicana, y así lo habéis creído sinceramente, no debisteis permitir que os lo mancharan con un fardo de burlas a vuestra autoridad. La primer sesión del juicio fue el 21 de septiembre. Entre un centenar de ametralladoras y bayonetas que invadían escandalosamente la sala de justicia, más de cien personas se sentaron en el banquillo de los acusados. Una gran mayoría era ajena a los hechos y guardaba prisión preventiva hacía muchos días, después de sufrir toda clase de vejámenes y maltratos en los calabozos de los cuerpos represivos; pero el resto de los acusados, que era el menor número, estaban gallardamente firmes, dispuestos a confirmar con orgullo su participación en la batalla por la libertad, dar un ejemplo de abnegación sin precedentes y librar de las garras de la cárcel a aquel grupo de personas que con toda mala fe habían sido incluidas en el proceso. Los que habían combatido una vez volvían a enfrentarse. Otra vez la causa justa del lado nuestro; iba a librarse contra la infamia el combate terrible de la verdad.



¡Y ciertamente que no esperaba el régimen la catástrofe moral que se avecinaba!

¿Cómo mantener todas su falsas acusaciones? ¿Cómo impedir que se supiera lo que en realidad había ocurrido, cuando tal número de jóvenes había ocurrido, cuando tal número de jóvenes estaban dispuestos a correr todos los riesgos: cárcel, tortura y muerte, si era preciso, por denunciarlo ante el tribunal?

En aquella primera sesión se me llamó a declarar y fui sometido a interrogatorio durante dos horas, contestando las preguntas del señor fiscal y los veinte abogados de la defensa. Puede probar con cifras exactas y datos irrefutables las cantidades de dinero invertido, la forma en que se habían obtenido y las armas que logramos reunir. No tenía nada que ocultar, porque en realidad todo había sido logrado con sacrificios sin precedentes en nuestras contiendas republicanas. Hablé de los propósitos que nos inspiraban en la lucha y del comportamiento humano y generoso que en todo momento mantuvimos con nuestros adversarios. Si pude cumplir mi cometido demostrando la no participación, ni directa ni indirecta, de todos los acusados falsamente comprometidos en la causa, se lo debo a la total adhesión y respaldo de mis heroicos compañeros, pues dije que ellos no se avergonzarían ni se arrepentirían de su condición de revolucionarios y de patriotas por el hecho de tener que sufrir las consecuencias. No se me permitió nunca hablar con ellos en la prisión y, sin embargo, pensábamos hacer exactamente lo mismo. Es que, cuando los hombres llevan en la mente un mismo ideal, nada puede incomunicarlos, ni las paredes de una cárcel, ni la tierra de los cementerios, porque un mismo recuerdo, una misma alma, una misma idea, una misma conciencia y dignidad los alienta a todos.

Desde aquel momento comenzó a desmoronarse como castillo de naipes el edificio de mentiras infames que había levantado el gobierno en torno a los hechos, resultando de ello que el señor fiscal comprendió cuán absurdo era mantener en prisión intelectuales, solicitando de inmediato para ellas la libertad provisional.

Terminadas mis declaraciones en aquella primera sesión, yo había solicitado permiso del tribunal para abandonar el banco de los acusados y ocupar un puesto entre los abogados defensores, lo que, en efecto, me fue concedido. Comenzaba para mí entonces la misión que consideraba más importante en este juicio: destruir totalmente las cobardes calumnias que se lanzaron contra nuestros combatientes, y poner en evidencia irrefutable los crímenes espantosos y repugnantes que se habían cometido con los prisioneros, mostrando ante la faz de la nación y del mundo la infinita desgracia de este pueblo, que está sufriendo la opresión más cruel e inhumana de toda su historia.

La segunda sesión fue el martes 22 de septiembre. Acababan de prestar declaración apenas diez personas y ya había logrado poner en claro los asesinatos cometidos en la zona de Manzanillo, estableciendo específicamente y haciéndola constar en acta, la responsabilidad directa del capitán jefe de aquel puesto militar. Faltaban por declarar todavía trescientas personas. ¿Qué sería cuando, con una cantidad abrumadora de datos y pruebas reunidos, procediera a interrogar, delante del tribunal, a los propios militares responsables de aquellos hechos? ¿Podía permitir el gobierno que yo realizara tal cosa en presencia del público numeroso que asistía a las sesiones, los reporteros de prensa, letrados de toda la Isla y los líderes de los partidos de oposición a quienes estúpidamente habían sentado en el banco de los acusados para que ahora pudieran escuchar bien de cerca todo cuanto allí se ventilara? ¡Primero dinamitaban la Audiencia, con todos sus magistrados, que permitirlo!

Idearon sustraerme del juicio y procedieron a ellos manu militari. El viernes 25 de septiembre por la noche, víspera de la tercera sesión, se presentaron en mi celda dos médicos sesión, se presentaron en mi celda dos médicos del penal; estaban visiblemente apenados: “Venimos a hacerte un reconocimiento” —me dijeron. “¿Y quién se preocupa tanto por mi salud?” —les pregunté. Realmente, desde que los ví había comprendido el propósito. Ellos no pudieron ser más caballeros y me explicaron la verdad: esa misma tarde había estado en la prisión el coronel Chaviano y les dijo que yo “le estaba haciendo en el juicio un daño terrible al gobierno”, que tenían que firmar un certificado donde se hiciera constar que estaba enfermo y no podía, por tanto, seguir asistiendo a las sesiones. Me expresaron además los médicos





que ellos, por su parte, estaban dispuestos a renunciar a sus cargos y exponerse a las persecuciones, que ponían el asunto en mis manos para que yo decidiera. Para mí era duro pedirles a aquellos hombres que se inmolaran sin consideraciones, pero tampoco podía consentir, por ningún concepto, que se llevaran a cabo tales propósitos. Para dejarlo a sus propias conciencias, me limité a contestarles: “Ustedes sabrán cuál es su deber; yo sé bien cuál es el mío.”

Ellos, después que se retiraron, firmaron el certificado; sé que lo hicieron porque creían de buena fe que era el único modo de salvarme al vida, que veían en sumo peligro. No me comprometí a guardar silencio sobre este diálogo; sólo estoy comprometido con la verdad, y si decirla en este caso pudieran lesionar el interés material de esos buenos profesionales, dejo limpio de toda duda su honor, que vale mucho más. Aquella misma noche, redacté una carta para este tribunal, denunciando el plan que se tramaba, solicitando la visita de dos médicos forenses para que certificaran mi perfecto estado de salud y expresándoles que si, para salvar mi vida, tenían que permitir semejante artimaña, prefería perderla mil veces. Para dar a entender que estaba resuelto a luchar solo contra tanta bajeza, añadí a mi escrito aquel pensamiento del Maestro: “Un principio justo desde el fondo de una cueva puede más que un ejército”. Ésa fue la carta que, como sabe el tribunal, presentó la doctora Melba Hernández, en la sesión tercera del juicio oral del 26 de septiembre. Pude hacerla llegar a ella, a pesar de la implacable vigilancia que sobre mí pesaba. Con motivo de dicha carta, por supuesto, se tomaron inmediatas represalias: incomunicaron a la doctora Hernández, y a mí, como ya lo estaba, me confinaron al más apartado lugar de la cárcel. A partir de entonces, todos los acusados eran registrados minuciosamente, de pies a cabeza, antes de salir para el juicio.

Vinieron los médicos forenses el día 27 y certificaron que, en efecto, estaba perfectamente bien de salud. Sin embargo, pese a las reiteradas órdenes del tribunal, no se me volvió a traer a ninguna sesión del juicio. Agréguese a esto que todos los días eran distribuidos, por personas desconocidas, cientos de panfletos apócrifos donde se hablaba de rescatarme de la prisión, coartada estúpida para eliminarme físicamente con pretexto de evasión. Fracasados estos propósitos por la denuncia oportuna de amigos y alertas y descubierta la falsedad del certificado médico, n les quedó otro recurso, para impedir mi asistencia al juicio, que el desacato abierto y descarado...

Caso insólito el que se estaba produciendo, señores magistrados: un régimen que tenía miedo de presentar a un acusado ante los tribunales; un régimen de terror y de sangre, que se espantaba ante la convicción moral de un hombre indefenso, desarmado, incomunicado y calumniado. Así, después de haberme privado de todo, me privaban por último del juicio donde era el principal acusado. Téngase en cuenta que esto se hacía estando en plena vigencia la suspensión de garantías y funcionando con todo rigor la Ley de Orden Público y la censura de radio y prensa. ¡Qué crímenes tan horrendos habrá cometido este régimen que tanto temía la voz de un acusado!

Debo hacer hincapié en actitud insolente e irrespetuosa que con respecto a vosotros han mantenido en todo momento los jefes militares. Cuantas veces este tribunal ordenó que cesara la inhumana incomunicación que pesaban sobre mí, cuantas veces ordenó que se respetasen mis derechos más elementales, cuantas veces demandó que se me presentara a juicio, jamás fue obedecido; una por una, se desacataron todas sus órdenes. Peor todavía: en la misma presencia del tribunal, en la primera y segunda sesión, se me puso al lado una guardia perentoria para que me impidiera en absoluto hablar con nadie, ni aun en los momentos de receso, dando a entender que, no ya en la prisión, sino hasta en la misma Audiencia y en vuestra presencia, no hacían el menor caso de vuestras disposiciones. Pensaba plantear este problema en la sesión siguiente como cuestión de elemental honor para el tribunal, pero... ya no volví más. Y si a cambio de tanta irrespetuosidad nos traen aquí para que vosotros nos enviéis a la cárcel, en nombre de una legalidad que únicamente ellos y exclusivamente ellos están violando desde el 10 de marzo, hartos triste es el papel que os quieren imponer. No se ha cumplido ciertamente en este caso ni una sola vez la máxima latina: *cedant arma togae*. Ruego tengáis muy en cuenta esta circunstancia.

Más, todas las medidas resultaron completamente inútiles, porque mis bravos compañeros, con civismo





sin precedentes, cumplieron cabalmente su deber.

“Sí, vinimos a combatir por la libertad de Cuba y no nos arrepentimos de haberlo hecho”, decían uno por uno cuando eran llamados a declarar, e inmediatamente, con impresionante hombría, dirigiéndose al tribunal, denunciaban los crímenes horribles que se habían cometido en los cuerpos de nuestros hermanos. Aunque ausente, pude seguir el proceso desde mi celda en todos sus detalles, gracias a la población penal de la prisión de Boniato que, pese a todas las amenazas de severos castigos, se valieron de ingeniosos medios para poner en mis manos recortes de periódicos e informaciones de toda clase. Vengaron así los abusos e inmoralidades del director Taboada y del teniente supervisor Rosabal, que los hacen trabajar de sol a sol, construyendo palacetes privados, y encima los matan de hambre malversando los fondos de subsistencia.

A medida que se desarrolló el juicio, los papeles se invirtieron: los que iban a acusar salieron acusados, y los acusados se convirtieron en acusadores. No se juzgó allí a los revolucionarios, se juzgó para siempre a un señor que se llama Batista... ¡Monstrum horrendum!... No importa que los valientes y dignos jóvenes hayan sido condenados, si mañana el pueblo condenará al dictador y a sus crueles esbirros. A Isla de Pinos se les envió, en cuyas circulares mora todavía el espectro de Castells y no se ha apagado aún el grito de tantos y tantos asesinados; allí han ido a purgar, en amargo cautiverio, su amor a la libertad, secuestrados de la sociedad, arrancados de sus hogares y desterrados de la patria. ¿No creéis, como dije, que en tales circunstancias es ingrato y difícil a este abogado cumplir su misión?

Como resultado de tantas maquinaciones turbias e ilegales, por voluntad de los que mandan y debilidad de los que juzgan, heme aquí en este cuartico del Hospital Civil, adonde se me ha traído para ser juzgado en sigilo, de modo que no se me oiga, que mi voz se apague y nadie se entere de las cosas que voy a decir. ¿Para qué se quiere ese imponente Palacio de Justicia, donde los señores magistrados se encontrarán, sin duda, mucho más cómodos? No es conveniente, os lo advierto, que se imparta justicia desde el cuarto de un hospital rodeado de centinelas con bayonetas calada, porque pudiera pensar la ciudadanía que nuestra justicia está enferma... y está presa.

Os recuerdo que vuestras leyes de procedimiento establecen que el juicio será “oral y público”; sin embargo, se ha impedido por completo al pueblo la entrada en esta sesión. Sólo han dejado pasar dos letrados y seis periodistas, en cuyos periódicos la censura no permitirá publicar una palabra. Veo que tengo por único público, en la sala y en los pasillos, cerca de cien soldados y oficiales. ¡Gracias por la seria y amable atención que me están prestando! ¡Ojalá tuviera delante de mí todo el Ejército! Yo sé que algún día arderá en deseos de lavar la mancha terrible de vergüenza y de sangre que han lanzado sobre el uniforme militar las ambiciones de un grupito desalmado. Entonces ¡ay de los que cabalgan hoy cómodamente sobre sus nobles guerreras... si es que el pueblo no los ha desmontado mucho antes!

Por último, debo decir que no se dejó pasar a mi celda en la prisión ningún tratado de derecho penal. Sólo puedo disponer de este minúsculo código que me acaba de prestar un letrado, el valiente defensor de mis compañeros: doctor Baudilio Castellanos. De igual modo se prohibió que llegaran a mis manos los libros de Martí; parece que la censura de la prisión los consideró demasiado subversivos. ¿O será porque yo dije que Martí era el autor intelectual del 26 de Julio? Se impidió, además, que trajese a este juicio ninguna obra de consulta sobre cualquier otra materia. ¡No importa en absoluto! Traigo en el corazón las doctrinas del Maestro y en el pensamiento las nobles ideas de todos los hombres que han defendido la libertad de los pueblos.

Sólo una cosa voy a pedirle al tribunal; espero que me la conceda en compensación de tanto exceso y desafuero como ha tenido que sufrir este acusado sin amparo alguno de las leyes: que se respete mi derecho a expresarme con entera libertad. Sin ello no podrán llenarse ni las meras apariencias de justicia y el último eslabón sería, más que ningún otro, de ignominia y cobardía.

Confieso que algo me ha decepcionado. Pensé que el señor fiscal vendría con una acusación terrible,





dispuesto a justificar hasta la saciedad la pretensión y los motivos por los cuales en nombre del derecho y de la justicia —y ¿de qué derecho y de qué justicia? —se me debe condenar a veintiséis años de prisión. Pero no. Se ha limitado exclusivamente a leer el artículo 148 del Código de Defensa Social, por el cual, más circunstancias agravantes, solicita para mí la respetable cantidad de veintiséis años de prisión. Dos minutos me parece muy poco tiempo para pedir y justificar que un hombre se pase a la sombra más de un cuarto de siglo. ¿Está por ventura el señor fiscal disgustado con el tribunal? Porque, según observo, su laconismo en este caso se da de narices con aquella solemnidad con que los señores magistrados declararon, un tanto orgullosos, que éste era un proceso de suma importancia, y yo he visto a los señores fiscales hablar diez veces más en un simple caso de drogas heroicas para solicitar que un ciudadano sea condenado a seis meses de prisión. El señor fiscal no ha pronunciado una sola palabra para respaldar su petición. Soy justo..., comprendo que es difícil, para un fiscal que juró ser fiel a la Constitución de la República, venir aquí en nombre de un gobierno inconstitucional, factual, estatuario, de ninguna legalidad y menos moralidad, a pedir que un joven cubano, abogado como él, quizás... tan decente como él, sea enviado por veintiséis años a la cárcel. Pero el señor fiscal es un hombre de talento y yo he visto personas con menos talento que él escribir largos mamotretos en defensa de esta situación. ¿Cómo, pues, creer que carezca de razones para defenderlo, aunque sea durante quince minutos, por mucha repugnancia que esto le inspire a cualquier persona decente? Es indudable que en el fondo de esto hay una gran conjura.

Señores magistrados: ¿Por qué tanto interés en que me calle? ¿Por qué, inclusive, se suspende todo género de razonamientos para no presentar ningún blanco contra el cual pueda yo dirigir el ataque de mis argumentos? ¿Es que se carece por completo de base jurídica, moral y política para hacer un planteamiento serio de la cuestión? ¿Es que se teme tanto a la verdad? ¿Es que se quiere que yo hable también dos minutos y no toque aquí los puntos que tienen a ciertas gentes sin dormir desde el 26 de julio? Al circunscribirse la petición fiscal a la simple lectura de cinco líneas de un artículo del Código de Defensa Social, pudiera pensarse que yo me circunscriba a lo mismo y dé vueltas y más vueltas alrededor de ellas, como un esclavo en torno a una piedra de molino. Pero no aceptaré de ningún modo esa mordaza, porque en este juicio se está debatiendo algo más que la simple libertad de un individuo: se discute sobre cuestiones fundamentales de principios, se juzga sobre el derecho de los hombres a ser libres, se debate sobre las bases mismas de nuestra existencia como nación civilizada y democrática. Cuando concluya, no quiero tener que reprocharme a mí mismo haber dejado principio por defender, verdad es decir, ni crimen sin denunciar.

El famoso articulejo del señor fiscal no merece ni un minuto de réplica. Me limitaré, por el momento, a librar contra él una breve escaramuza jurídica, porque quiero tener limpio de minucias el campo para cuando llegue la hora de tocar el degüello contra toda la mentira, falsedad, hipocresía, convencionalismos y cobardía moral sin límites en que se basa esa burda comedia que, desde el 10 de marzo y aun antes del 10 de marzo, se llama en Cuba Justicia.

Es un principio elemental de derecho penal que el hecho imputado tiene que ajustarse exactamente al tipo de delito prescrito por la ley. Si no hay ley exactamente aplicable al punto controvertido, no hay delito.

El artículo en cuestión dice textualmente: “Se impondrá una sanción de privación de libertad de tres a diez años al autor de un hecho dirigido a promover un alzamiento de gentes armadas contra los Poderes Constitucionales del Estado. La sanción será de privación de libertad de cinco a veinte años si se llevase a efecto la insurrección.”

¿En qué país está viviendo el señor fiscal? ¿Quién le ha dicho que nosotros hemos promovido alzamiento contra los Poderes Constitucionales del Estado? Dos cosas resaltan a la vista. En primer lugar, la dictadura que oprime a la nación no es un poder constitucional, sino inconstitucional; se engendró contra la Constitución, por encima de la Constitución, violando la Constitución legítima de la República. Constitución legítima es aquella que emana directamente del pueblo soberano. Este punto





lo demostraré plenamente más adelante, frente a todas las gazmoñerías que han inventado los cobardes y traidores para justificar lo injustificable. En segundo lugar, el artículo habla de Poderes, es decir, plural, no singular, porque está considerado el caso de una república regida por un Poder Legislativo, un Poder Ejecutivo y un Poder Judicial que se equilibran y contrapesan unos a otros. Nosotros hemos promovido rebelión contra un poder único, ilegítimo, que ha usurpado y reunido en uno solo los Poderes Legislativos y Ejecutivo de la nación, destruyendo todo el sistema que precisamente trataba de proteger el artículo del Código que estamos analizando. En cuanto a la independencia del Poder Judicial después del 10 de marzo, ni hablo siquiera, porque no estoy para bromas... Por mucho que se estire, se encoja o se remiende, ni una sola coma del artículo 148 es aplicable a los hechos del 26 de Julio. Dejémoslo tranquilo, esperando la oportunidad en que pueda aplicarse a los que sí promovieron alzamiento contra los Poderes Constitucionales del Estado. Más tarde volveré sobre el Código para refrescarle la memoria al señor fiscal sobre ciertas circunstancias que lamentablemente se le han olvidado.

Os advierto que acabo de empezar. Si en vuestras almas queda un latido de amor a la patria, de amor a la humanidad, de amor a la justicia, escucharme con atención. Sé que me obligarán al silencio durante muchos años; sé que tratarán de ocultar la verdad por todos los medios posibles; sé que contra mí se alzarán la conjura del olvido. Pero mi voz no se ahogará por eso: cobra fuerzas en mi pecho mientras más solo me siento y quiero darle en mi corazón todo el calor que le niegan las almas cobardes.

Escuché al dictador el lunes 27 de julio, desde un bohío de las montañas, cuando todavía quedábamos dieciocho hombres sobre las armas. No sabrán de amarguras e indignaciones en la vida los que no hayan pasado por momentos semejantes. Al par que rodaban por tierra las esperanzas tanto tiempo acariciadas de liberar a nuestro pueblo, veíamos al déspota erguirse sobre él, más ruin y soberbio que nuca. El chorro de mentiras y calumnias que vertió en su lenguaje torpe, odioso y repugnante, sólo puede compararse con el chorro enorme de sangre joven y limpia que desde la noche antes estaba derramando, con su conocimiento, consentimiento, complicidad y aplauso, la más desalmada turba de asesinos que pueda concebirse jamás. Haber creído durante un solo minuto lo que dijo es suficiente falta para que un hombre de conciencia viva arrepentido y avergonzado toda la vida. No tenía ni siquiera, en aquellos momentos, la esperanza de marcarle sobre la frente miserable la verdad que lo estigmatice por el resto de sus días y el resto de los tiempos, porque sobre nosotros se cerraba ya el cerco de más de mil hombres, con armas de mayor alcance y potencia, cuya consigna terminante era regresar con nuestros cadáveres. Hoy, que ya la verdad empieza a conocerse y que termino con estas palabras que estoy pronunciando la misión que me impuse, cumplida a cabalidad, puedo morir tranquilo y feliz, por lo cual no escatimaré fustazos de ninguna clase sobre los enfurecidos asesinos.

Es necesario que me detengan a considerar un poco los hechos. Se dijo por el mismo gobierno que el ataque fue realizado con tanta precisión y perfección que evidenciaba la presencia de expertos militares en la elaboración del plan. ¡Nada más absurdo! El plan fue trazado por un grupo de jóvenes ninguno de los cuales tenía experiencia militar; y voy a revelar sus nombres, menos dos de ellos que no están ni muertos ni presos: Abel Santamaría, José Luis Tasende, Renato Guitart Rosell, Pedro Miret, Jesús Montané y el que les habla. La mitad han muerto, y en justo tributo a su memoria puedo decir que no eran expertos militares, pero tenían patriotismo suficiente para darles, en igualdad de condiciones, una soberana paliza a todos los generales del 10 de marzo juntos, que no son ni militares ni patriotas. Más difícil fue organizar, entrenar y movilizar hombres y armas bajo un régimen represivo que gasta millones de pesos en espionaje, soborno y delación, tareas que aquellos jóvenes y otros muchos realizaron con seriedad, discreción y constancia verdaderamente increíbles; y más meritorio todavía será siempre darle a un ideal todo lo que se tiene y, además, la vida.

La movilización final de hombres que vinieron a esta provincia desde los más remotos pueblos de toda la Isla, se llevó a cabo con admirable precisión y absoluto secreto. Es cierto igualmente que el ataque se realizó con magnífica coordinación. Comenzó simultáneamente a las 5:15 a.m., tanto en Bayamo como en Santiago de Cuba, y, uno a uno, con exactitud de minutos y segundos prevista de antemano, fueron cayendo los edificios que rodean el campamento. Sin embargo, en aras de la estricta verdad,





aun cuando disminuía nuestro mérito, voy a revelar por primera vez también otro hecho que fue fatal: la mitad del grueso de nuestras fuerzas y la mejor armada, por un error lamentable se extravió a la entrada de la ciudad y nos faltó en el momento decisivo. Abel Santamaría, con veintiún hombres, había ocupado el Hospital Civil; iban también con él para atender a los heridos un médico y dos compañeras nuestras. Raúl Castro, con diez hombres, ocupó el Palacio de Justicia; y a mí me correspondió atacar el campamento con el resto, noventa y cinco hombres. Llegué con un primer grupo de cuarenta y cinco, precedido por una vanguardia de ocho que forzó la posta tres. Fue aquí precisamente donde se inició el combate, al encontrarse mi automóvil con una patrulla de recorrido exterior armada de ametralladoras. El grupo de reserva, que tenía casi todas las armas largas, pues las cortas iban a la vanguardia, tomó por una calle equivocada y se desvió por completo dentro de una ciudad que no conocían. Debo aclarar que no albergo la menor duda sobre el valor de esos hombres, que al verse extraviados sufrieron gran angustia y desesperación. Debido al tipo de acción que se estaba desarrollando y al idéntico color de los uniformes en ambas partes combatientes, no era fácil restablecer el contacto. Muchos de ellos, detenidos más tarde, recibieron la muerte con verdadero heroísmo.

Todo el mundo tenía instrucciones muy precisas de ser, ante todo, humanos en la lucha. Nunca un grupo de hombres armados fue más generoso con el adversario. Se hicieron desde los primeros momentos numerosos prisioneros, cerca de veinte en firme; y hubo un instante, al principio, en que tres hombres nuestros, de los que habían tomado la posta: Ramiro Valdés, José Suárez y Jesús Montané, lograron penetrar en una barraca y detuvieron durante un tipo a cerca de cincuenta soldados. Estos prisioneros declararon ante el tribunal, y todos sin excepción han reconocido que se les trató con absoluto respeto, sin tener que sufrir ni siquiera una palabra vejaminosa. Sobre este aspecto sí tengo que agradecerle algo, de corazón, al señor fiscal: que en el juicio donde se juzgó a mis compañeros, al hacer su informe, tuvo la justicia de reconocer como un hecho indudable el altísimo espíritu de caballerosidad que mantuvimos en la lucha.

La disciplina por parte del Ejército fue bastante mala. Vencieron en último término por el número, que les daba una superioridad de quince a uno, y por la protección que les brindaban las defensas de la fortaleza. Nuestros hombres tiraban mucho mejor y ellos mismos lo reconocieron. El valor humano fue igualmente alto de parte y parte.

Considerando las causas del fracaso táctico, aparte del lamentable error mencionado, estimo que fue una falta nuestra dividir la unidad de comandos que habíamos entrenado cuidadosamente. De nuestros mejores hombres y más audaces jefes, había veintisiete en Bayamo, veintiuno en el Hospital Civil y diez en el Palacio de Justicia; de haber hecho otra distribución, el resultado pudo haber sido distinto. El choque con la patrulla (totalmente casual, pues veinte segundos antes o veinte segundos después no habría estado en ese punto) dio tiempo a que se movilizara el campamento, que de otro modo habría caído en nuestras manos sin disparar un tiro, pues ya la posta estaba en nuestro poder. Por otra parte, salvo los fusiles calibre 22 que estaban bien provistos, el parque de nuestro lado era escasísimo. De haber tenido nosotros granadas de mano, no hubieran podido resistir quince minutos.

Cuando me convencí de que todos los esfuerzos eran ya inútiles para tomar la fortaleza, comencé a retirar nuestros hombres en grupos de ocho y de diez. La retirada fue protegida por seis francotiradores que, al mando de Pedro Miret y de Fidel Labrador, le bloquearon heroicamente el paso al Ejército. Nuestras pérdidas en la lucha habían sido insignificantes; el noventa y cinco por ciento de nuestros muertos fueron producto de la crueldad y la inhumanidad cuando aquélla hubo cesado. El grupo del Hospital Civil no tuvo más que una baja; el resto fue copado al situarse las tropas frente a la única salida del edificio, y sólo depusieron las armas cuando no les quedaba una bala. Con ellos estaba Abel Santamaría, el más generoso, querido e intrépido de nuestros jóvenes, cuya gloriosa resistencia lo inmortaliza ante la historia de Cuba. Ya veremos la suerte que corrieron y cómo quiso escarmentar Batista la rebeldía y heroísmo de nuestra juventud.

Nuestros planes eran proseguir la lucha en las montañas caso de fracasar el ataque al regimiento. Pude





reunir otra vez, en Siboney, la tercera parte de nuestras fuerzas; pero ya muchos estaban desalentados. Unos veinte decidieron presentarse; ya veremos también lo que ocurrió con ellos. El resto, dieciocho hombres, con las armas y el parque que quedaban, me siguieron a las montañas. El terreno era totalmente desconocido para nosotros. Durante una semana ocupamos la parte alta de la cordillera de la Gran Piedra y el Ejército ocupó la base. Ni nosotros podíamos bajar ni ellos se decidieron a subir. No fueron, pues, las armas; fueron el hambre y la sed quienes vencieron la última resistencia. Tuve que ir disminuyendo los hombres en pequeños grupos; algunos consiguieron filtrarse entre las líneas del Ejército, otros fueron presentados por monseñor Pérez Serantes. Cuando sólo quedaban conmigo dos compañeros: José Suárez y Oscar Alcalde, totalmente extenuados los tres, al amanecer del sábado 1º de agosto, una fuerza del mando del teniente Sarría nos sorprendió durmiendo. Ya la matanza de prisioneros había cesado por la tremenda reacción que provocó en la ciudadanía, y este oficial, hombre de honor, impidió que algunos matones nos asesinasen en el campo con las manos atadas.

No necesito desmentir aquí las estúpidas sandeces que, para mancillar mi nombre, inventaron los Ugalde Carrillo y su comparsa, creyendo encubrir su cobardía, su incapacidad y sus crímenes. Los hechos están sobradamente claros.

Mi propósito no es entretener al tribunal con narraciones épicas. Todo cuanto he dicho es necesario para la comprensión más exacta de lo que diré después.

Quiero hacer constar dos cosas importantes para que se juzgue serenamente nuestra actitud. Primero: pudimos haber facilitado la toma del regimiento deteniendo simplemente a todos los altos oficiales en sus residencias, posibilidad que fue rechazada, por la consideración muy humana de evitar escenas de tragedia y de lucha en las casas de las familias. Segundo: se acordó no tomar ninguna estación de radio hasta tanto no se tuviese asegurado el campamento. Esta actitud nuestra, pocas veces vista por su gallardía y grandeza, le ahorró a la ciudadanía un río de sangre. Yo pude haber ocupado, con sólo diez hombres, una estación de radio y haber lanzado al pueblo a la lucha. De su ánimo no era posible dudar: tenía el último discurso de Eduardo Chibás en la CMQ, grabado con sus propias palabras, poemas patrióticos e himnos de guerra capaces de estremecer al más indiferente, con mayor razón cuando se está escuchando el fragor del combate, y no quise hacer uso de ellos, a pesar de lo desesperado de nuestra situación.

Se ha repetido con mucho énfasis por el gobierno que el pueblo no secundó el movimiento. Nunca había oído una afirmación tan ingenua y, al propio tiempo, tan llena de mala fe. Pretenden evidenciar con ello la sumisión y cobardía del pueblo; poco falta para que digan que respalda a la dictadura, y no saben cuánto ofenden con ello a los bravos orientales. Santiago de Cuba creyó que era una lucha entre soldados, y no tuvo conocimiento de lo que ocurría hasta muchas horas después. ¿Quién duda del valor, el civismo y el coraje sin límites del rebelde y patriótico pueblo de Santiago de Cuba? Si el Moncada hubiera caído en nuestras manos, ¡hasta las mujeres de Santiago de Cuba habrían empuñado las armas! ¡Muchos fusiles se los cargaron a los combatientes las enfermeras del Hospital Civil! Ellas también pelearon. Eso no lo olvidaremos jamás.

No fue nunca nuestra intención luchar con los soldados del regimiento, sino apoderarnos por sorpresa del control y de las armas, llamar al pueblo, reunir después a los militares e invitarlos a abandonar la odiosa bandera de la tiranía y abrazar la de la libertad, defender los grandes intereses de la nación y no los mezquinos intereses de un grupito; virar las armas y disparar contra los enemigos del pueblo, y no contra el pueblo, donde están sus hijos y sus padres; luchar junto a él, como hermanos que son, y no frente a él, como enemigos que quieren que sean; ir unidos en pos del único ideal hermosos y digno de ofrendarle la vida, que es la grandeza y felicidad de la patria. A los que dudan que muchos soldados se hubieran sumado a nosotros, yo les pregunto: ¿Qué cubano no ama la gloria? ¿Qué alma no se enciende en un amanecer de libertad?

El cuerpo de la Marina no combatió contra nosotros, y se hubiera sumado sin duda después. Se sabe





que ese sector de las Fuerzas Armadas es el menos adicto a la tiranía y que existe entre sus miembros un índice muy elevado de conciencia cívica. Pero en cuanto al resto del Ejército nacional, ¿hubiera combatido contra el pueblo sublevado? Yo afirmo que no. El soldado es un hombre de carne y hueso, que piensa, que observa y que siente. Es susceptible a la influencia de las opiniones, creencias, simpatías y antipatías del pueblo. Si se le pregunta su opinión dirá que no puede decirla; pero eso no significa que carezca de opinión. Le afectan exactamente los mismos problemas que a los demás ciudadanos conciernen: subsistencia, alquiler, la educación de los hijos, el porvenir de éstos, etcétera. Cada familiar es un punto de contacto inevitable entre él y el pueblo y la situación presente y futura de la sociedad en que vive. Es necio pensar que porque un soldado reciba un sueldo del Estado, bastante módico, haya resuelto las preocupaciones vitales que le imponen sus necesidades, deberes y sentimientos como miembro de una familia y de una colectividad social.

Ha sido necesaria esta breve explicación porque es el fundamento de un hecho en que muy pocos han pensado hasta el presente: el soldado siente un profundo respeto por el sentimiento de la mayoría del pueblo. Durante el régimen de Machado, en la misma medida en que crecía la antipatía popular, decrecía visiblemente la fidelidad del Ejército, a extremos que un grupo de mujeres estuvo a punto de sublevar el campamento de Columbia. Pero más claramente prueba de esto un hecho reciente: mientras el régimen de Grau San Martín mantenía en el pueblo su máxima popularidad, proliferaron en el Ejército, alentadas por ex militares sin escrúpulos y civiles ambiciosos, infinidad de conspiraciones, y ninguna de ellas encontró eco en la masa de los militares.

El 10 de marzo tiene lugar en el momento en que había descendido hasta el mínimo el prestigio del gobierno civil, circunstancia que aprovecharon Batista y su camarilla. ¿Por qué no lo hicieron después del 1º de junio? Sencillamente porque si esperan que la mayoría de la nación expresase sus sentimientos en las urnas, ninguna conspiración hubiera encontrado eco en la tropa.

Puede hacerse, por tanto, una segunda afirmación: el Ejército jamás se ha sublevado contra un régimen de mayoría popular. Estas verdades son históricas, y si Batista se empeña en permanecer a toda costa en el poder contra la voluntad absolutamente mayoritaria de Cuba, su fin será más trágico que el de Gerardo Machado.

Puedo expresar mi concepto en lo que a las Fuerzas Armadas se refiere, porque hablé de ellas y las defendía cuando todos callaban, y no lo hice para conspirar ni por interés de ningún género, porque estábamos en plena normalidad constitucional, sino por meros sentimientos de humanidad y deber cívico. Era en aquel tiempo el periódico Alerta uno de los más leídos por la posición que mantenía entonces en la política nacional, y desde sus páginas realicé una memorable campaña contra el sistema de trabajos forzados a que estaban sometidos los soldados en las fincas privadas de los altos personajes civiles y militares, aportando datos, fotografías, películas y pruebas de todas clases con las que me presenté también ante los tribunales denunciando el hecho el día 3 de marzo de 1952. Muchas veces dije en esos escritos que era de elemental justicia aumentarles el sueldo a los hombres que prestaban sus servicios en las Fuerzas Armadas. Quiero saber de uno más que haya levantado su voz en aquella ocasión para protestar contra tal injusticia. No fue por cierto Batista y compañía, que vivía muy bien protegido en su finca de recreo con toda clase de garantías, mientras yo corría mil riesgos sin guardaespaldas ni armas.

Conforme lo defendí entonces, ahora, cuando todos callan otra vez, le digo que se dejó engañar miserablemente, y a la mancha, el engaño y la vergüenza del 10 de marzo, ha añadido la mancha y la vergüenza, mil veces más grande, de los crímenes espantosos e injustificables de Santiago de Cuba. Desde ese momento el uniforme del Ejército está horriblemente salpicado de sangre, y si en aquella ocasión dije ante el pueblo y denuncié ante los tribunales que había militares trabajando como esclavos en las fincas privadas, hoy amargamente digo que hay militares manchados hasta el pelo con la sangre de muchos jóvenes cubanos torturados y asesinados. Y digo también que si es para servir a la República, defender a la nación, respetar al pueblo y proteger al ciudadano, es justo que un soldado gane por lo menos cien pesos; pesos es para matar y asesinar, para oprimir al pueblo, traicionar la nación y





defender los intereses de un grupito, no merece que la República se gaste ni un centavo en ejército, y el campamento de Columbia debe convertirse en una escuela e instalar allí, en vez de soldados, diez mil niños huérfanos.

Como quiero ser justo antes de todo, no puedo considerar a todos los militares solidarios de esos crímenes, esas manchas y esas vergüenzas que son obras de unos cuantos traidores y malvados, pero todo militar de honor y dignidad que ame su carrera y quiera su constitución, está en el deber de exigir y luchar para que esas manchas sean lavadas, esos engaños sean vengados y esas culpas sean castigadas si no quieren que ser militar sea para siempre una infamia en vez de un orgullo.

Claro que el 10 de marzo no tuvo más remedio que sacar a los soldados de las fincas privadas, pero fue para ponerlos a trabajar de reporteros, choferes, criados y guardaespaldas de toda la fauna de politiqueros que integran el partido de la dictadura. Cualquier jerarca de cuarta o quinta categoría se cree con derecho a que un militar le maneje el automóvil y le cuida las espaldas, cual si estuviesen temiendo constantemente un merecido puntapié.

Si existía en realidad un propósito reivindicador, ¿por qué no se les confiscaron todas las fincas y los millones a los que como Genovevo Pérez Cámara hicieron su fortuna esquilmando a los soldados, haciéndolos trabajar como esclavos y desfalcando los fondos de las Fuerzas Armadas? Pero no: Genovevo y los demás tendrán soldados cuidándolos en sus fincas porque en el fondo todos los generales del 10 de marzo están aspirando a hacer lo mismo y no pueden sentar semejante precedente.

El 10 de marzo fue un engaño miserable, sí... Batista, después de fracasar por la vía electoral él y su cohorte de politiqueros malos y desprestigiados, aprovechándose de su descontento, tomaron de instrumento al Ejército para trepar al poder sobre las espaldas de los soldados. Y yo sé que hay muchos hombres disgustados por el desengaño: se les aumentó el sueldo y después con descuentos y rebajas de toda clase se les volvió a reducir; infinidad de viejos elementos desligados de los institutos armados volvieron a filas cerrándoles el paso a hombres jóvenes, capacitados y valiosos; militares de mérito han sido postergados mientras prevalece el más escandaloso favoritismo con los parientes y allegados de los altos jefes. Muchos militares decentes se están preguntando a estas horas qué necesidad tenían las Fuerzas Armadas de cargar con la tremenda responsabilidad histórica de haber destrozado nuestra Constitución para llevar al poder a un grupo de hombres sin moral, desprestigiados, corrompidos, aniquilados para siempre políticamente y que no podían volver a ocupar un cargo público si no era a punta de bayoneta, bayoneta que no empuñan ellos...

Por otro lado, los militares están padeciendo una tiranía peor que los civiles. Se les vigila constantemente y ninguno de ellos tiene la menor seguridad en sus puestos: cualquier sospecha injustificada, cualquier chisme, cualquier intriga, cualquier confidencia es suficiente para que los trasladen, los expulsen o los encarcelen deshonrosamente. ¿No les prohibió Tabernilla en una circular conversar con cualquier ciudadano de la oposición, es decir, el noventa y nueve por ciento del pueblo?... ¡Qué desconfianza!... ¡Ni a las vírgenes vestales de Roma se les impuso semejante regla! Las tan cacareadas casitas para los soldados no pasan de trescientas en toda la Isla y, sin embargo, con lo gastado en tanques, cañones y armas había para fabricarle una casa a cada alistado; luego, lo que le importa a Batista no es proteger al Ejército, sino que el Ejército lo proteja a él; se aumenta su poder de opresión y de muerte, pero esto no es mejorar el bienestar de los hombres. Guardias triples, acuartelamiento constante, zozobra perenne, enemistad de la ciudadanía, incertidumbre del porvenir, eso es lo que se le ha dado al soldado, o lo que es lo mismo: "Muere por el régimen, soldado, dale tu sudor y tu sangre, te dedicaremos un discurso y un ascenso póstumo (cuando ya no te importe), y después... seguiremos viviendo bien y haciéndonos ricos; mata, atropella, oprime al pueblo, que cuando el pueblo se canse y esto se acabe, tú pagarás nuestros crímenes y nosotros nos iremos a vivir como príncipes en el extranjero; y si volvemos algún día, no toques, no toques tú ni tus hijos en la puerta de nuestros palacetes, porque seremos millonarios y los millonarios no conocen a los pobres. Mata, soldado, oprime al pueblo, contra ese pueblo que iba a librarlos a ellos inclusive de la tiranía, la victoria hubiera sido del pueblo. El señor fiscal estaba





muy interesado en conocer nuestras posibilidades de éxito. Esas posibilidades se basaban en razones de orden técnico y militar y de orden social. Se ha querido establecer el mito de las armas modernas como supuesto de toda imposibilidad de lucha abierta y frontal del pueblo contra la tiranía. Los desfiles militares y las exhibiciones aparatosas de equipos bélicos, tienen por objeto fomentar este mito y crear en la ciudadanía un complejo de absoluta impotencia. Ningún arma, ninguna fuerza es capaz de vencer a un pueblo que se decide a luchar por sus derechos. Los ejemplos históricos a luchar por sus derechos. Los ejemplos históricos pasados y presentes son incontables. Está bien reciente el caso de Bolivia, donde los mineros, con cartuchos de dinamita, derrotaron y aplastaron a los regimientos del ejército regular. Pero los cubanos, por suerte, no tenemos que buscar ejemplos en otro país, porque ninguno tan elocuente y hermoso como el de nuestra propia patria. Durante la guerra del 95 había en Cuba cerca de medio millón de soldados españoles sobre las armas, cantidad infinitamente superior a la que podía oponer la dictadura frente a una población cinco veces mayor. Las armas del ejército español eran sin comparación más modernas y poderosas que las de los mambises; estaba equipado muchas veces con artillería de campaña, y su infantería usaba el fusil de retrocarga similar al que usa todavía la infantería moderna. Los cubanos no disponían por lo general de otra arma que los machetes, porque sus cartucheras estaban casi siempre vacías. Hay un pasaje inolvidable de nuestra guerra de independencia narrado por el general Miró Argenter, jefe del Estado Mayor de Antonio Maceo, que pude traer copiado en esta notica para no abusar de la memoria.

“La gente bisoña que mandaba Pedro Delgado, en su mayor parte provista solamente de machete, fue diezmada al echarse encima de los sólidos españoles, de tal manera, que no es exagerado afirmar que de cincuenta hombres, cayeron la mitad. Atacaron a los españoles con los puños ¡sin pistola, sin machete y si cuchillo! Escudriñando las malezas de Río Hondo, se encontraron quince muertos más del partido cubano, sin que de momento pudiera señalarse a qué cuerpo pertenecían. No presentaban ningún vestigio de haber empuñado el arma: el vestuario estaba completo, y pendiente de la cintura no tenían más que el vaso de lata; a dos pasos de allí, el caballo exánime, con el equipo intacto. Se reconstruyó el pasaje culminante de la tragedia: esos hombres, siguiendo a su esforzado jefe, el teniente coronel Pedro Delgado, habían obtenido la palma del heroísmo; se arrojaron sobre las bayonetas con las manos solas: el ruido del metal, que sonaba en torno a ellos, era el golpe del vaso de beber al dar contra el muñón de la montura. Maceo se sintió conmovido, él, tan acostumbrado a ver la muerte en todas las posiciones y aspectos, y murmuró este panegírico: “Yo nunca había visto eso; gente novicia que ataca inerme a los españoles ¡con el vaso de beber agua por todo utensilio! ¡Y yo le daba el nombre de impedimenta!”...”

¡Así luchan los pueblos cuando quieren conquistar su libertad: les tiran piedras a los aviones y viran los tanques boca arriba!

Una vez en poder nuestro la ciudad de Santiago de Cuba, hubiéramos puesto a los orientales inmediatamente en pie de guerra. A Bayamo se atacó precisamente para situar nuestras avanzadas junto al río Cauto. No se olvide nunca que esta provincia que hoy tiene millón y medio de habitantes, es sin duda la más guerrera y patriótica de Cuba; fue ella la que mantuvo encendida la lucha por la independencia durante treinta años y le dio el mayor tributo de sangre, sacrificio y heroísmo. En Oriente se respira todavía el aire de la epopeya gloriosa y, al amanecer, cuando los gallos cantan como clarines que tocan diana llamando a los soldados y el sol se eleva radiante sobre las empinadas montañas, cada día parece que va a ser otra vez el de Yara o el de Baire.

Dije que las segundas razones en que se basaba nuestra posibilidad de éxito eran de orden social. ¿Por qué teníamos la seguridad de contar con el pueblo? Cuando hablamos de pueblo no entendemos por tal a los sectores acomodados y conservadores de la nación, a los que viene bien cualquier régimen de opresión, cualquier dictadura, cualquier despotismo, postrándose ante el amo de turno hasta romperse la frente contra el suelo. Entendemos por pueblo, cuando hablamos de lucha, la gran masa irredenta, a la que todos ofrecen y a la que todos engañan y traicionan, la que anhela una patria mejor y más digna y más justa; la que está movida por ansias digna y más justa; la que está movida por ansias ancestrales de justicia por haber padecido la injusticia y la burla generación tras generación, la que ansía grandes





y sabias transformaciones en todos los órdenes y está dispuesta a dar para lograrlo, cuando crea en algo o en alguien, sobre todo cuando crea suficientemente en sí misma, hasta la última gota de sangre. La primera condición de la sinceridad y de la buena fe en un propósito, es hacer precisamente lo que nadie hace, es decir, hablar con entera claridad y sin miedo. Los demagogos y los políticos de profesión quieren obrar el milagro de estar bien en todo y con todos, engañando necesariamente a todos en todo. Los revolucionarios han de proclamar sus ideas valientemente, definir sus principios y expresar sus intenciones para que nadie se engañe, ni amigos ni enemigos.

Nosotros llamamos pueblo si de lucha se trata, a los seiscientos mil cubanos que están sin trabajo deseando ganarse el pan honradamente sin tener que emigrar de su patria en busca de sustento; a los quinientos mil obreros del campo que habitan en los bohíos miserables, que trabajan cuatro meses al año y pasan hambre el resto compartiendo con sus hijos la miseria, que no tienen una pulgada de tierra para sembrar y cuya existencia debiera mover más a compasión si no hubiera tantos corazones de piedra; a los cuatrocientos mil obreros industriales y braceros cuyos retiros, todos, están desfalcados, cuyas conquistas les están arrebatando, cuyas viviendas son las infernales habitaciones de las cuarterías, cuyos salarios pasan de las manos del patrón a las del garrotero, cuyo futuro es la rebaja y el despido, cuya vida es el trabajo perenne y cuyo descanso es la tumba; a los cien mil agricultores pequeños, que viven y mueren trabajando una tierra que no es suya, contemplándola siempre tristemente como Moisés a la tierra prometida, para morir sin llegar a poseerla, que tienen que pagar por sus parcelas como siervos feudales una parte de sus productos, que no pueden amarla, ni mejorarla, ni embellecerla, planta un cedro o un naranjo porque ignoran el día que vendrá un alguacil con la guardia rural a decirles que tienen que irse; a los treinta mil maestros y profesores tan abnegados, sacrificados y necesarios al destino mejor de las futuras generaciones y que tan mal se les trata y se les paga; a los veinte mil pequeños comerciantes abrumados de deudas, arruinados por la crisis y rematados por una plaga de funcionarios filibusteros y venales; a los diez mil profesionales jóvenes: médicos, ingenieros, abogados, veterinarios, pedagogos, dentistas, farmacéuticos, periodistas, pintores, escultores, etcétera, que salen de las aulas con sus títulos deseosos de lucha y llenos de esperanza para encontrarse en un callejón sin salida, cerradas todas las puertas, sordas al clamor y a la súplica. ¡Ése es el pueblo, cuyos caminos de angustias están empedrados de engaños y falsas promesas, no le íbamos a decir: “Te vamos a dar”, sino: “¡Aquí tienes, lucha ahora con toda tus fuerzas para que sean tuyas la libertad y la felicidad!”

En el sumario de esta causa han de constar las cinco leyes revolucionarias que serían proclamadas inmediatamente después de tomar el cuartel Moncada y divulgadas por radio a la nación. Es posible que el coronel Chaviano haya destruido con toda intención esos documentos, pero si él los destruyó, yo los conservo en la memoria.

La primera ley revolucionaria devolvía al pueblo la soberanía y proclamaba la Constitución de 1940 como la verdadera ley suprema del Estado, en tanto el pueblo decidiese modificarla o cambiarla, y a los efectos de su implantación y castigo ejemplar a todos los que la habían traicionado, no existiendo órganos de elección popular para llevarlo a cabo, el movimiento revolucionario, como encarnación momentánea de esa soberanía, única fuente de poder legislativo, asumía todas las facultades que le son inherentes a ella, excepto de legislar, facultad de ejecutar y facultad de juzgar.

Esta actitud no podía ser más diáfana y despojada de chocherías y charlatanismos estériles: u gobierno aclamado por la masa de combatientes, recibiría todas las atribuciones necesarias para proceder a la implantación efectiva de la voluntad popular y de la verdadera justicia. A partir de ese instante, el Poder Judicial, que se ha colocado desde el 10 de marzo frente a al Constitución y fuera de la Constitución, recesaría como tal Poder y se procedería a su inmediata y total depuración, antes de asumir nuevamente las facultades que le concede la Ley Suprema de la República. Sin estas medidas previas, la vuelta a la legalidad, poniendo su custodia en manos que claudicaron deshonestamente, sería una estafa, un engaño y una traición más.

120 La segunda ley revolucionaria concedía la propiedad inembargable e intransferible de la tierra a





todos los colonos, subcolonos, arrendatarios, aparceros y precaristas que ocupasen parcelas de cinco o menos caballerías de tierra, indemnizando el Estado a sus anteriores propietarios a base de la renta que devengarían por dichas parcelas en un promedio de diez años.

La tercera ley revolucionaria otorgaba a los obreros y empleados el derecho a participar del treinta por ciento de las utilidades en todas las grandes empresas industriales, mercantiles y mineras, incluyendo centrales azucareros. Se exceptuaban las empresas meramente agrícolas en consideración a otras leyes de orden agrario que debían implantarse.

La cuarta ley revolucionaria concedía a todos los colonos el derecho a participar del cincuenta y cinco por ciento del rendimiento de la caña y cuota mínima de cuarenta mil arrobas a todos los pequeños colonos que llevasen tres o más años de establecidos.

La quinta ley revolucionaria ordenaba la confiscación de todos los bienes a todos los malversadores de todos los gobiernos y a sus causahabientes y heredador en cuanto a bienes percibidos por testamento o abintestato de procedencia mal habida, mediante tribunales especiales con facultades plenas de acceso a todas las fuentes de investigación, de intervenir a tales efectos las compañías anónimas inscriptas en el país o que operen en él donde puedan ocultarse bienes malversados y de solicitar de los gobiernos extranjeros extradición de personas y embargo de bienes. La mitad de los bienes recobrados pasarían a engrosar las cajas de los retiros obreros y la otra mitad a los hospitales, asilos y casas de beneficencia.

Se declaraba, además, que la política cubana en América sería de estrecha solidaridad con los pueblos democráticos del continente y que los perseguidos políticos de las sangrientas tiranías que oprimen a las naciones hermanas, encontrarían en la patria de Martí, no como hoy, persecución, hambre y traición, sino asilo generoso, hermandad y pan. Cuba debía ser baluarte de libertad y no eslabón vergonzoso de despotismo.

Estas leyes serían proclamadas en el acto y a ellas seguirían, una vez terminada la contienda y previo estudio minucioso de su contenido y alcance, otra serie de leyes y medidas también fundamentales como la reforma agraria, la reforma integral de la enseñanza y la nacionalización del trust eléctrico y el trust telefónico, devolución al pueblo del exceso ilegal que han estado cobrando en sus tarifas y pago al fisco de todas las cantidades que han burlado a la hacienda pública.

Todas estas pragmáticas y otras estarían inspiradas en el cumplimiento estricto de dos artículos esenciales de nuestra Constitución, uno de los cuales manda que se proscriba el latifundio y, a los efectos de su desaparición, la ley señale el máximo de extensión de tierra que cada persona o entidad pueda poseer para cada tipo de explotación agrícola, adoptando medidas que tiendan a revertir la tierra al cubano; y el otro ordena categóricamente al Estado emplear todos los medios que estén a su alcance para proporcionar ocupación a todo el que carezca de ella y asegurar a cada trabajador manual o intelectual una existencia decorosa. Ninguna de ellas podrá ser tachada por tanto de inconstitucional. El primer gobierno de elección popular que surge inmediatamente después, tendría que respetarlas, no sólo porque tuviese un compromiso moral con la nación, sino porque los pueblos cuando alcanzan las conquistas que han estado anhelando durante varias generaciones, no hay fuerza en el mundo capaz de arrebatarlas.

El problema de la tierra, el problema de la industrialización, el problema de la vivienda, el problema del desempleo, el problema de la educación y el problema de la salud del pueblo; he ahí concretados los seis puntos a cuya solución se hubieran encaminado resueltamente nuestros esfuerzos, junto con la conquista de las libertades públicas y la democracia política.

Quizás luzca fría y teórica esta exposición, si no se conoce la espantosa tragedia que está viviendo el país en estos seis órdenes, sumada a la más humillante opresión política.

El ochenta y cinco por ciento de los pequeños agricultores cubanos está pagando renta y vive bajo la





perenne amenaza del desalojo de sus parcelas. Más de la mitad de las mejores tierras de producción cultivadas está en manos extranjeras. En Oriente, que es la provincia más ancha, las tierras de la United Fruit Company y la West Indies unen la costa norte con la costa sur. Hay doscientas mil familias campesinas que no tienen una vara de tierra donde sembrar unas viandas para sus hambrientos hijos y, en cambio, permanecen sin cultivar, en manos de poderosos intereses, cerca de trescientas mil caballerías de tierras productivas. Si Cuba es un país eminentemente agrícola, si su población es en gran parte campesina, si la ciudad depende del campo, si el campo hizo la independencia, si la grandeza y prosperidad de nuestra nación depende de un campesinado saludable y vigoroso que ame y sepa cultivar la tierra, de un Estado que lo proteja y lo oriente, ¿cómo es posible que continúe este estado de cosas?

Salvo unas cuantas industrias alimenticias, madereras y textiles, Cuba sigue siendo una factoría productora de materia prima. Se exporta azúcar para importar caramelos, se exportan cueros para importar zapatos, se exporta hierro para importar arados... Todo el mundo está de acuerdo en que la necesidad de industrializar el país es urgente, que hacen falta industrias químicas, que hay que mejorar las crías, los cultivos, la técnica y elaboración de nuestras industrias alimenticias para que puedan resistir la competencia ruinosa que hacen las industrias europeas de queso, leche condensada, licores y aceites y las de conservas norteamericanas, que necesitamos barcos mercantes, que el turismo podría ser una enorme fuente de riquezas; pero los poseedores del capital exigen que los obreros pasen bajo las horcas caudinas, el Estado se cruza de brazos y la industrialización espera por las calendas griegas.

Tan grave o peor es la tragedia de la vivienda. Hay en Cuba doscientos mil bohíos y chozas; cuatrocientas mil familias del campo y de la ciudad viven hacinadas en barracones, cuarterías y solares sin las más elementales condiciones de higiene y salud; dos millones doscientas mil personas de nuestra población urbana pagan alquileres que absorben entre un quinto y un tercio de sus ingresos; y dos millones ochocientas mil de nuestra población rural y suburbana carecen de luz eléctrica. Aquí ocurre lo mismo: si el Estado se propone rebajar los alquileres, los propietarios amenazan con paralizar todas las construcciones; si el Estado se abstiene, construyen mientras pueden percibir un tipo elevado de renta, después no colocan una piedra más aunque el resto de la población viva a la intemperie. Otro tanto hace el monopolio eléctrico: extiende las líneas hasta el punto donde pueda percibir una utilidad satisfactoria, a partir de allí no le importa que las personas vivan en las tinieblas por el resto de sus días. El Estado se cruza de brazos y el pueblo sigue sin casas y sin luz.

Nuestro sistema de enseñanza se complementa perfectamente con todo lo anterior: ¿Es un campo donde el guajiro no es dueño de la tierra para qué se quieren escuelas agrícolas? ¿En una ciudad donde no hay industrias para qué se quieren escuelas técnicas o industriales? Todo está dentro de la misma lógica absurda: no hay ni una cosa ni otra. En cualquier pequeño país de Europa existen más de doscientas escuelas técnicas y de artes industriales; en Cuba, no pasan de seis y los muchachos salen con sus títulos sin tener dónde emplearse. A las escuelitas públicas del campo asisten descalzos, semidesnudos y desnutridos, menos de la mitad de los niños en edad escolar y muchas veces el maestro quien tiene que adquirir con su propio sueldo el material necesario. ¿Es así como puede hacerse una patria grande?

De tanta miseria sólo es posible liberarse con la muerte; y a eso sí los ayuda el Estado: a morir. El noventa por ciento de los niños del campo está devorado por parásitos que se les filtran desde la tierra por las uñas de los pies descalzos. La sociedad se conmueve ante la noticia del secuestro o el asesinato de una criatura, pero permanece criminalmente indiferente ante el asesinato en masa que se comete con tantos miles y miles de niños que mueren todos los años por falta de recursos, agonizando entre los estertores del dolor, y cuyos ojos inocentes, ya en ellos el brillo de la muerte, parecen mirar hacia lo infinito como pidiendo perdón para el egoísmo humano y que no caiga sobre los hombres la maldición de Dios. Y cuando un padre de familia trabaja cuatro meses la año, ¿con qué puede comprar ropas y medicinas a sus hijos? Crecerán raquíticos, a los treinta años no tendrán una pieza sana en la boca, habrán oído diez millones de discursos, y morirán al fin de miseria y decepción. El acceso a los hospitales del Estado, siempre repletos, sólo es posible mediante la recomendación de un magnate político que le exigirá al desdichado su voto y el de toda su familia para que Cuba siga siempre igual o peor.





Con tales antecedentes, ¿cómo no explicarse que desde el mes de mayo al de diciembre un millón de personas se encuentren sin trabajo y que Cuba, con una población de cinco millones y medio de habitantes, tenga actualmente más desocupados que Francia e Italia con una población de más de cuarenta millones cada una?

Cuando vosotros juzgáis a un acusado por robo, señores magistrados, no le preguntáis cuánto tiempo lleva sin trabajo, cuántos hijos tiene, qué días de la semana comió y qué días no comió, no os preocupáis en absoluto por las condiciones sociales del medio donde vive: lo enviáis a la cárcel sin más contemplaciones. Allí no van los ricos que queman almacenes y tiendas para cobrar las pólizas de seguro, aunque se quemen también algunos seres humanos, porque tienen dinero de sobra para pagar abogados y sobornar magistrados. Enviáis a la cárcel al infeliz que roba por hambre, pero ninguno de los cientos de ladrones que han robado millones al Estado durmió nunca una noche tras las rejas: cenáis con ellos a fin de año en algún lugar aristocrático y tienen vuestro respeto. En Cuba, cuando un funcionario se hace millonario de la noche a la mañana y entra en la cofradía de los ricos, puede ser recibido con las mismas palabras de aquel opulento personaje de Balzac, Taillefer, cuando brindó por el joven que acababa de heredar una inmensa fortuna: “¡Señores, bebamos al poder del oro! El señor Valentín, seis veces millonario, actualmente acaba de ascender al trono. Es rey, lo puede todo, está por encima de todo, como sucede a todos los ricos. En lo sucesivo la igualdad ante la ley, consignada al frente de la Constitución, será un mito para él, no estará sometido a las leyes, sino que las leyes se le someterá. Para los millonarios no existen tribunales ni sanciones.”

El porvenir de la nación y la solución de sus problemas no pueden seguir dependiendo del interés egoísta de una docena de financieros, de los fríos cálculos sobre ganancias que tracen en sus despachos de aire acondicionado diez o doce magnates. El país no puede seguir de rodillas implorando los milagros de unos cuantos becerros de oro que, como aquél del Antiguo Testamento que derribó la ira del profeta, no hacen milagros de ninguna clase. Los problemas de la República sólo tienen solución si nos dedicamos a luchar por ella con la misma energía, honradez y patriotismo que invirtieron nuestros libertadores en crearla. Y no es con estadistas al estilo de Carlos Saladrigas, cuyo estadismo consiste en dejarlo todo tal cual está y pasarse la vida farfullando sandeces sobre la “libertad absoluta de empresa”, “garantías al capital de inversión” y la “ley de la oferta y la demanda”, como habrán de resolverse tales problemas. En un palacete de la Quinta Avenida, estos ministros pueden charlar alegremente hasta que no quede ya ni el polvo de los huesos de los que hoy reclaman soluciones urgentes. Y en el mundo actual ningún problema social se resuelve por generación espontánea.

Un gobierno revolucionario con el respaldo del pueblo y el respeto de la nación después de limpiar las instituciones de funcionarios venales y corrompidos, procedería inmediatamente a industrializar el país, movilizándolo todo el capital inactivo que pasa actualmente de mil quinientos millones a través del Banco Nacional y el Banco de Fomento Agrícola e Industrial y sometiendo la magna tarea al estudio, dirección, planificación y realización por técnicos y hombres de absoluta competencia, ajenos por completo a los manejos de la política.

Un gobierno revolucionario, después de asentar sobre sus parcelas con carácter de dueños a los cien mil agricultores pequeños que hoy pagan rentas, procedería a concluir definitivamente el problema de la tierra, primero: estableciendo como ordena la Constitución un máximo de extensión para cada tipo de empresa agrícola y adquiriendo el exceso por vía de expropiación, reivindicando las tierras usurpadas al Estado, desecando marismas y terrenos pantanosos, plantando enormes viveros y reservando zonas para la repoblación forestal; segundo: repartiendo el resto disponible entre familias campesinas con preferencia a las más numerosas, fomentando cooperativas de agricultores para la utilización común de equipos de mucho costo, frigoríficos y una misma dirección profesional técnica en el cultivo y la crianza y facilitando, por último, recursos, equipos, protección y conocimientos útiles al campesinado.

Un gobierno revolucionario resolvería el problema de la vivienda rebajando resueltamente el cincuenta por ciento de los alquileres, eximiendo de toda contribución a las casas habitadas por sus propios dueños,





triplicando los impuestos sobre las casas alquiladas, demoliendo las infernales cuarterías para levantar en su lugar edificios modernos de muchas plantas y financiando la construcción de viviendas en toda la Isla en escala nunca vista, bajo el criterio de que si lo ideal en el campo es que cada familia posea su propia parcela, lo ideal en la ciudad es que cada familia viva en su propia casa o apartamento. Hay piedra suficiente y brazos de sobra para hacerle a cada familia cubana una vivienda decorosa. Pero si seguimos esperando por los milagros del becerro de oro, pasarán mil años y el problema estará igual. Por otra parte, las posibilidades de llevar corriente eléctrica hasta el último rincón de la Isla son hoy mayores que nunca, por cuanto es ya una realidad la aplicación de la energía nuclear a esa rama de la industria, lo cual abaratará enormemente su costo de producción.

Con estas tres iniciativas y reformas el problema del desempleo desaparecería automáticamente y la profilaxis y al lucha contra las enfermedades sería tarea mucho más fácil.

Finalmente, un gobierno revolucionario procedería a la reforma integral de nuestra enseñanza, poniéndola a tono con las iniciativas anteriores, para preparar debidamente a las generaciones que están llamadas a vivir en una patria más feliz. No se olviden las palabras del Apóstol: “Se está cometiendo en [...] América Latina un error gravísimo: en pueblos que viven casi por completo de los productos del campo, se educa exclusivamente para la vida urbana y no se les prepara para la vida campesina.” “El pueblo más feliz es el que tenga mejor educados a sus hijos, en la instrucción del pensamiento y en la dirección de los sentimientos.” “Un pueblo instruido será siempre fuerte y libre.”

Pero el alma de la enseñanza es el maestro, y a los educadores en Cuba se les paga miserablemente; no hay, sin embargo, ser más enamorado de su vocación que el maestro cubano. ¿Quién no aprendió sus primeras letras en una escuelita pública? Basta ya de estar pagando con limosnas a los hombres y mujeres que tienen en sus manos la misión más sagrada del mundo de hoy y del mañana, que es enseñar. Ningún maestro debe ganar menos de doscientos pesos, como ningún profesor de segunda enseñanza debe ganar menos de trescientos cincuenta, si queremos que se dediquen enteramente a su elevada misión, si tener que vivir asediados por toda clase de mezquinas privaciones. Debe concedérseles además a los maestros que desempeñan su función en el campo, el uso gratuito de los medios de transporte; y a todos, cada cinco años por lo menos, un receso en sus tareas de seis meses con sueldo, para que puedan asistir a cursos especiales en el país o en el extranjero, poniéndose al día en los últimos conocimientos pedagógicos y mejorando constantemente sus programas y sistemas. ¿De dónde sacar el dinero necesario? Cuando no se lo roben, cuando no haya funcionarios venales que se dejen sobornar por las grandes empresas con detrimento del fisco, cuando los inmensos recursos de la nación estén movilizados y se dejen de comprar tanques, bombarderos y cañones en este país sin fronteras, sólo para guerrear contra el pueblo, y se le quiera educar en vez de matar, entonces habrá dinero de sobra.

Cuba podría albergar espléndidamente una población tres veces mayor; no hay razón, pues, para que exista miseria entre sus actuales habitantes. Los mercados debieran estar abarrotados de productos; las despensas de las casas debieran estar llenas; todos los brazos podrían estar produciendo laboriosamente. No, eso no es inconcebible. Lo inconcebible es que haya hombres que se acuesten con hambre mientras quede una pulgada de tierra sin sembrar; lo inconcebible es que haya niños que mueran sin asistencia médica, lo inconcebible es que el treinta por ciento de nuestros campesinos no sepan firmar, y el noventa y nueve por ciento no sepa de historia de Cuba; lo inconcebible es que la mayoría de las familias de nuestros campos estén viviendo en peores condiciones que los indios que encontró Colón al descubrir la tierra más hermosa que ojos humanos vieron.

A los que me llaman por esto soñador, les digo como Martí: “El verdadero hombre no mira de qué lado se vive mejor, sino de qué lado está el deber; y ése es [...] el único hombre práctico cuyo sueño de hoy será la ley de mañana, porque el que haya puesto los ojos en las entrañas universales y visto hervir los pueblos, llameantes y ensangrentados, en la artesa de los siglos, sabe que el porvenir, sin una sola excepción, está del lado del deber.”





Únicamente inspirados en tan elevados propósitos, es posible concebir el heroísmo de los que cayeron en Santiago de Cuba. Los escasos medios materiales con que hubimos de contar, impidieron el éxito seguro. A los soldados les dijeron que Prío nos había dado un millón de pesos; querían desvirtuar el hecho más grave para ellos: que nuestro movimiento no tenía relación alguna con el pasado, que era una nueva generación cubana con sus propias ideas, la que se erguía contra la tiranía, de jóvenes que no tenían apenas siete años cuando Batista comenzó a cometer sus primeros crímenes en el año 34. La mentira del millón no podía ser más absurda: si con menos de veinte mil pesos armamos cientos sesenta y cinco hombres y atacamos un regimiento y un escuadrón, con un millón de pesos hubiéramos podido armar ocho mil hombres, atacar cincuenta regimientos, cincuenta escuadrones, y Ugalde Carrillo no se habría enterado hasta el domingo 26 de julio a las 5_15 de la mañana. Sépase que por cada uno que vino a combatir, se quedaron veinte perfectamente entrenados que no vinieron porque no había armas. Esos hombres desfilaron por las calles de La Habana con la manifestación estudiantil en el Centenario de Martí y llenaban seis cuerdas en masa compacta. Doscientos más que hubieran podido venir o veinte granadas de mano en nuestro poder, y tal vez le habríamos ahorrado a este honorable tribunal tantas molestias.

Los políticos se gastan en sus campañas millones de pesos sobornando conciencias, y un puñado de cubanos que quisieron salvar el honor de la patria tuvo que venir a afrontar la muerte con las manos vacías por falta de recursos. Eso explica que al país lo hayan gobernado hasta ahora, no hombres generosos y abnegados, sino el bajo mundo de la politiquería, el hampa de nuestra vida pública.

Con mayor orgullo que nunca digo que consecuentes con nuestros principios, ningún político de ayer nos vi tocar a sus puertas pidiendo un centavo, que nuestros medios se reunieron con ejemplos de sacrificios que no tienen paralelo, como el de aquel joven, Elpidio Sosa, que vendió su empleo y se me presentó un día con trescientos pesos “para la causa”; Fernando Chenard, que vendió sus aparatos de su estudio fotográfico, con el que se ganaba la vida; Pedro Marrero, que empeñó su sueldo de muchos meses y fue preciso prohibirle que vendería también los muebles de su casa; Oscar Alcalde, que vendió su laboratorio de productos farmacéuticos; Jesús Montané, que entregó el dinero que había ahorrado durante más de cinco años; y así por el estilo muchos más, despojándose cada cual de lo poco que tenía.

Hace falta tener una fe muy grande en su patria para proceder así, y estos recuerdos de idealismo me llevaron directamente al más amargo capítulo de esta defensa: el precio que les hizo pagar la tiranía por querer librar a Cuba de la opresión y la injusticia.

¡Cadáveres amados los que un día
Ensueños fuisteis de la patria mía,
Arrojad, arrojad sobre mi frente
Polvo de vuestros huesos carcomidos!
¡Tocad mi corazón con vuestras manos!
¡Gemid a mis oídos!
¡Cada uno ha de ser de mis gemidos
Lágrimas de uno más de los tiranos!
¡Andad a mi rencor; vagad en tanto
Que mi ser vuestro espíritu recibe
Y dadme de las tumbas el espanto,
Que es poco ya para llorar el llanto
Cuando en infame esclavitud se vive!

Multiplacád por diez el crimen del 27 de noviembre de 1871 y tendréis los crímenes monstruosos y repugnantes del 26, 27, 28 y 29 de julio de 1953 en Oriente. Los hechos están recientes todavía, pero cuando los años pasen y el cielo de la patria se despeje, cuando los ánimos exaltados se aquieten y el miedo no turbe los espíritus, se empezará a ver en toda su espantosa realidad la magnitud de la masacre, y las generaciones venideras volverán aterrorizadas los ojos hacia este acto de barbarie sin precedentes





en nuestra historia. Pero no quiero que la ira me ciegue, porque necesito toda la claridad de mi mente y la serenidad del corazón destrozado para exponer los hechos tal como ocurrieron, con toda sencillez, antes que exagerar el dramatismo, porque siento vergüenza, como cubano, que unos hombres sin entrañas, con sus crímenes incalificables, hayan deshonrado nuestra patria ante el mundo.

No fue nunca el tirano Batista un hombre de escrúpulos que vacilara antes de decir al pueblo la más fantástica mentira. Cuando quiso justificar el traidor cuartelazo del 10 de marzo, inventó un supuesto golpe militar que habría de ocurrir en el mes de abril y que “él quiso evitar para que no fuera sumida en sangre la república”, historieta ridícula que no creyó nadie; y cuando quiso sumir en sangre la república y ahogar en el terror, la tortura y el crimen la justa rebeldía de una juventud que no quiso ser esclava suya, inventó entonces mentiras más fantásticas todavía. ¡Qué poco respeto se le tiene a un pueblo, cuando se le trata de engañar tan miserablemente! El mismo día que fui detenido, yo asumí públicamente la responsabilidad del movimiento armado del 26 de julio, y si una sola de las cosas que dijo el dictador contra nuestros combatientes en su discurso del 27 de julio hubiese sido cierta, bastaría para haberme quitado la fuerza moral en el proceso. Sin embargo, ¿por qué no se me llevó al juicio? ¿Por qué falsificaron certificados médicos? ¿Por qué se violaron todas las leyes del procedimiento y se descartaron escandalosamente todas las órdenes del tribunal? ¿Por qué se hicieron cosas nunca vistas en ningún proceso público a fin de evitar a toda costa mi comparecencia? Yo en cambio hice lo indecible por estar presente, reclamando del tribunal que se me llevase al juicio en cumplimiento estricto de las leyes, denunciando las maniobras estricto de las leyes, denunciando para impedirlo; quería discutir con ellos frente a frente y cara a cara. Ellos no quisieron: ¿Quién temía la verdad y quién no la temía?

Las cosas que afirmó el dictador desde el polígono del campamento de Columbia, serían dignas de risa si no estuviesen tan empapadas de sangre. Dijo que los atacantes eran un grupo de mercenarios entre los cuales había numerosos extranjeros; dijo que la parte principal del plan era un atentado contra él —él, siempre él—, como si los hombres que atacaron el baluarte del Moncada no hubieran podido matarlo a él y a veinte como él, de haber estado conformes con semejantes métodos; dijo que el ataque había sido fraguado por el ex presidente Prío y con dinero suyo, y se ha comprobado ya hasta la saciedad la ausencia absoluta de toda relación entre este movimiento y el régimen pasado; dijo que estábamos armados de ametralladoras y granadas de mano, y aquí los técnicos del Ejército han declarado que sólo teníamos una ametralladora degollado a la posta, y ahí han aparecido en el sumario los certificados de defunción y los certificados médicos correspondientes a todos los soldados muertos o heridos, de donde resulta que ninguno presentaba lesiones de arma blanca. Pero sobre todo, lo más importante, dijo que habíamos acuchillado a los enfermos del Hospital Militar, y los médicos de ese mismo hospital, ¡nada menos que los médicos del Ejército!, han declarado en el juicio que ese edificio nunca estuvo ocupado por nosotros, que ningún enfermo fue muerto o herido y que sólo hubo allí una baja, correspondiente a un empleado sanitario que se asomó imprudentemente por una ventana.

Cuando un jefe de Estado o quien pretende serlo hace declaraciones al país, no habla por hablar: alberga siempre algún propósito, persigue siempre un efecto, lo anima siempre una intención. Si ya nosotros habíamos sido militarmente vencidos, si ya no significábamos un peligro real para la dictadura, ¿por qué se nos calumniaba de ese modo? Si no está claro que era un discurso sangriento, si no es evidente que se pretendía justificar los crímenes que se estaban cometiendo desde la noche anterior y que se irían a cometer después, que hablen por mí los números: el 27 de julio, en su discurso desde el polígono militar, Batista dijo que los atacantes habíamos tenido treinta y dos muertos; al finalizar la semana los muertos ascendían a más de ochenta. ¿En qué batallas, en qué lugares, en qué combates murieron esos jóvenes? Antes de hablar Batista se habían asesinado más de veinticinco prisioneros; después que habló Batista se asesinaron cincuenta.

¡Qué sentido del honor tan grande el de esos militares modestos, técnicos y profesionales del Ejército, que al comparecer ante el tribunal no desfiguraron los hechos y emitieron sus informes ajustándose a la estricta verdad! ¡Ésos sí son militares que honran el uniforme, éstos sí son hombres! Ni el militar verdadero ni el verdadero hombre es capaz de manchar su vida con la mentira o el crimen. Yo sé que





están terriblemente indignados con los bárbaros asesinatos que se cometieron, yo sé que sienten con repugnancia y vergüenza el olor a sangre homicida que impregna hasta la última piedra del cuartel Moncada.

Emplazo al dictador a que repita ahora, si puede, sus ruines calumnias por encima del testimonio de esos honorables militares, lo emplazo a que justifique ante el pueblo de Cuba su discurso del 27 de julio, ¡que no se calle, que hable!, que digan quiénes son los asesinos, los despiadados, los inhumanos, que diga si la Cruz de Honor que fue a ponerles en el pecho a los héroes de la masacre era para premiar los crímenes repugnantes que se cometieron; que asuma desde ahora la responsabilidad ante la historia y no pretenda decir después que fueron los soldados sin órdenes suyas, que explique a la nación los setenta asesinatos; ¡fue mucha la sangre! La nación necesita una explicación, la nación lo demanda, la nación lo exige.

Se sabía que en 1933, al finalizar el combate del hotel Nacional, algunos oficiales fueron asesinados después de rendirse, lo cual motivó una enérgica protesta de la revista Bohemia; se sabía también que después de capitulado el fuerte de Atarés las ametralladoras de los sitiadores barrieron una fila de prisioneros y que un soldado, preguntando quién era Blas Hernández, lo asesinó disparándole un tiro en pleno rostro, soldado que en premio de su cobarde acción fue ascendido a oficial. Era conocido que el asesinato de prisioneros está fatalmente unido en la historia de Cuba al nombre de Batista. ¡Torpe ingenuidad nuestra que no lo comprendimos claramente! Sin embargo, en aquellas ocasiones los hechos ocurrieron en cuestión de minutos, no más que lo de una ráfaga de ametralladoras cuando los ánimos estaban todavía exaltados, aunque nunca tendrá justificación semejante proceder.

No fue así en Santiago de Cuba. Aquí todas las formas de crueldad, ensañamiento y barbarie fueron sobrepasadas. No se mató durante un minuto, una hora o un día entero, sino que en una semana completa, los golpes, las torturas, los lanzamientos de azotea y los disparos no cesaron un instante como instrumentos de exterminio manejados por artesanos perfectos del crimen. El cuartel Moncada se convirtió en un taller de tortura y de muerte, y unos hombres indignos convirtieron el uniforme militar en delantales de carniceros. Los muros se salpicaron de sangre; en las paredes las balas quedaron incrustadas con fragmentos de piel, sesos y cabellos humanos, chamusqueados por los disparos a boca de jarro, y el césped se cubrió de oscura y pegajosa sangre. Las manos criminales que rigen los destinos de Cuba habían escrito para los prisioneros a la entrada de aquel antro de muerte, la inscripción del infierno: “Dejad toda esperanza.”

No cubrieron ni siquiera las apariencias, no se preocuparon lo más mínimo por disimular lo que estaban haciendo: creían haber engañado al pueblo con sus mentiras y ellos mismos terminaron engañándose. Se sintieron amos y señores del universo, dueños absolutos de la vida y la muerte humana. Así, el susto de la madrugada lo dispararon en un festín de cadáveres, en una verdadera borrachera de sangre.

Las crónicas de nuestra historia, que arrancan cuatro siglos y medio atrás, nos cuentan muchos hechos de crueldad, desde las matanzas de indios indefensos, las atrocidades de los piratas que asolaban las costas, las barbaridades de los guerrilleros en la lucha de la independencia, los fusilamientos de prisioneros cubanos por el ejército de Weyler, los horrores del machadato, hasta los crímenes de marzo del 35; pero con ninguno se escribió una página sangrienta tan triste y sombría, por el número de víctimas y por la crueldad de sus victimarios, como en Santiago de Cuba. Sólo un hombre en todos esos siglos ha manchado de sangre dos épocas distintas de nuestra existencia histórica y ha clavado sus garras en la carne de dos generaciones de cubanos. Y para derramar este río de sangre sin precedentes esperó que estuviésemos en el Centenario del Apóstol y acabada de cumplir cincuenta años la república que tantas vidas costó para la libertad, porque pesa sobre un hombre que había gobernado ya como amo durante once largos años este pueblo que por tradición y sentimiento ama la libertad y repudie el crimen con toda su alma, un hombre que no ha sido, además, ni leal, ni sincero, ni honrado, ni caballero un solo minuto de su vida pública.

No fue suficiente la traición de enero de 1934, los crímenes de marzo de 1935, y los cuarenta millones





de fortuna que coronaron la primera etapa; era necesaria la traición de marzo de 1952, los crímenes de julio de 1953 y los millones que sólo el tiempo dirá. Dante dividió su infierno en nueve círculos: puso en el séptimo a los criminales, puso en el octavo a los ladrones y puso en el noveno a los traidores. ¡Duro dilema el que tendrían los demonios para buscar un sitio adecuado al alma de este hombre... si este hombre tuviera alma! Quien alentó los hechos atroces de Santiago de Cuba, no tiene entrañas siquiera.

Conozco muchos detalles de la forma en que se realizaron esos crímenes por boca de algunos militares que, llenos de vergüenza, me refirieron las escenas de que habían sido testigos.

Terminado el combate se lanzaron como fieras enfurecidas sobre la ciudad de Santiago de Cuba y contra la población indefensa saciaron las primeras iras. En plena calle y muy lejos del lugar donde fue la lucha le atravesaron el pecho de un balazo a un niño inocente que jugaba junto a la puerta de su casa, y cuando el padre se acercó para recogerlo, le atravesaron la frente con otro balazo. Al “Niño” Cala, que iba para su casa con un cartucho de pan en las manos, lo balacearon sin mediar palabra. Sería interminable referir los crímenes y atropellos que se cometieron contra la población civil. Y si de esta forma actuaron con los que no habían participado en la acción, ya puede suponerse la horrible suerte que corrieron los prisioneros participantes o que ellos creían que habían participado: porque así como en esta causa involucraron a muchas personas ajenas por completo a los hechos, así también mataron a muchos de los prisioneros detenidos que no tenían nada que ver con el ataque; éstos no están incluidos en las cifras de víctimas que han dado, las cuales se refieren exclusivamente a los hombres nuestros. Algún día se sabrá el número total de inmolados.

El primer prisionero asesinado fue nuestro médico, el doctor Mario Muñoz, que no llevaba armas ni uniforme y vestía su bata de galeno, un hombre generoso y competente que hubiera atendido con la misma devoción tanto al adversario como al amigo herido. En el camino del Hospital Civil al cuartel le dieron un tiro por la espalda y allí lo dejaron tendido boca abajo en un charco de sangre. Pero la matanza en masa de prisioneros no comenzó hasta pasadas las 3:00 de la tarde. Hasta esa hora esperaron órdenes. Llegó entonces de La Habana el general Martín Díaz Tamayo, quien trajo instrucciones concretas salidas de una reunión donde se encontraban Batista, el jefe del Ejército, el jefe del SIM, el propio Díaz Tamayo y otros. Dijo que “era una vergüenza y un deshonor para el Ejército haber tenido en el combate tres veces más bajas que los atacantes y que había que matar diez prisioneros por cada soldado muerto”. ¡Ésta fue la orden!.

En todo grupo humano hay hombres que bajos instintos, criminales natos, bestias portadoras de todos los atavismos ancestrales revestidas de forma humana, monstruos refrenados por la disciplina y el hábito social, pero que si se les da a beber sangre en un río no cesarán hasta que los haya secado. Lo que estos hombres necesitan precisamente era esa orden. En sus manos precio lo mejor de Cuba: lo más valiente, lo más honrado, lo más idealista. El tirano los llamó mercenarios, y allí estaban ellos muriendo como héroes en manos de hombres que cobran un sueldo de la República y que con las armas que ella les entregó para que la defendieran sirven los intereses de una pandilla y asesinan a los mejores ciudadanos.

En medio de las torturas les ofrecían la vida si traicionando su posición ideológica se prestaban a declarar falsamente que Prío les había dado el dinero, y como ellos rechazaban indignados la proposición, continuaban torturándolos horriblemente. Les trituraron los testículos y les arrancaron los ojos, pero ninguno claudicó, ni se oyó un lamento ni una súplica: aun cuando los habían privado de sus órganos viriles, seguían siendo mil veces más hombres que todos sus verdugos juntos. Las fotografías no mientan y esos cadáveres aparecen destrozados. Ensayaron otros medios; no podían con el valor de los hombres y probaron el valor de las mujeres. Con un ojo humano ensangrentado en las manos se presentaron un sargento y varios hombres en el calabozo donde se encontraban las compañeras Melba Hernández y Haydée Santamaría, y dirigiéndose a la última mostrándole el ojo, le dijeron: “Este es de tu hermano, si tú no dices lo que no quiso decir, le arrancaremos el otro.” Ella, que quería a su valiente hermano por encima de todas las cosas, les contestó llena de dignidad: “Si ustedes le arrancaron un ojo y él no lo dijo, mucho menos lo diré yo.” Más tarde volvieron y las quemaron en los brazos con colillas encendidas,





hasta que por último, llenos de despecho, le dijeron nuevamente a la joven Haydée Santamaría: “Ya no tienes novio porque te lo hemos matado también.” Y ella les contestó imperturbable otra vez: “Él no está muerto, porque morir por la patria es vivir.” Nunca fue puesto en un lugar tan alto de heroísmo y dignidad el nombre de la mujer cubana.

No respetaron ni siquiera a los heridos en el combate que estaban reclusos en distintos hospitales de la ciudad, adonde los fueron a buscar como buitres que siguen la presa. En el Centro Gallego penetraron hasta el salón de operaciones en el instante mismo que recibían transfusión de sangre dos heridos graves; los arrancaron de las mesas y como no podían estar en pie, los llevaron arrastrando hasta la planta baja donde llegaron cadáveres.

No pudieron hacer lo mismo en la Colonia Española, donde estaban reclusos los compañeros Gustavo Arcos y José Ponce, porque se los impidió valientemente el doctor Posada diciéndoles que tendrían que pasar sobre su cadáver.

A Pedro Miret, Abelardo Crespo y Fidel Labrador les inyectaron aire y alcanfor en las venas para matarlos en el Hospital Militar. Deben sus vidas al capitán Tamayo, médico del Ejército y verdadero militar de honor, que a punta de pistola se los arrebató a los verdugos y los trasladó al Hospital Civil. Estos cinco jóvenes fueron los únicos heridos que pudieron sobrevivir.

Por las madrugadas eran sacados del campamento grupos de hombres y trasladados en automóviles a Siboney, La Maya, Songo y otros lugares, donde se les bajaba atados y amordazados, ya deformados por las torturas, para matarlos en parajes solitarios. Después los hacían constar como muertos en combate con el Ejército. Esto lo hicieron durante varios días y muy pocos prisioneros de los que iban siendo detenidos sobrevivieron. A muchos los obligaron antes a cavar su propia sepultura. Uno de los jóvenes, cuando realizaba aquella operación, se volvió y marcó en el rostro con la pica a uno de los asesinos. A otros, inclusive, los enterraron vivos con las manos atadas a la espalda. Muchos lugares solitarios sirven de cementerio a los valientes. Solamente en el campo de tiro del Ejército hay cinco enterrados. Algún día serán desenterrados y llevados en hombros del pueblo hasta el monumento que, junto a la tumba de Martí, la patria libre habrá de levantarles a los “Mártires del Centenario”.

El último joven que asesinaron en la zona de Santiago de Cuba fue Marcos Martí. Lo habían detenido en una cueva en Siboney el jueves 30 por la mañana junto con el compañero Ciro Redondo. Cuando los llevaban caminando por la carretera con los brazos en alto, le dispararon al primero un tiro por la espalda y ya en el suelo lo remataron con varias descargas más. Al segundo lo condujeron hasta el campamento; cuando lo vio el comandante Pérez Chaumont exclamó: “¡Y a éste para qué me lo han traído!” El tribunal pudo escuchar la narración del hecho por boca de este joven que sobrevivió gracias a lo que Pérez Chaumont llamó “una estupidez de los soldados”.

La consigna era general en toda la provincia. Diez días después del 26, un periódico de esta ciudad publicó la noticia de que, en la carretera de Manzanillo a Bayamo, habían aparecido dos jóvenes ahorcados. Más tarde se supo que eran los cadáveres de Hugo Camejo y Pedro Véliz. Allí también ocurrió algo extraordinario; las víctimas eran tres; los habían sacado del cuartel de Manzanillo a las 2:00 de la madrugada; en un punto de la carretera los bajaron y después de golpearlos hasta hacerles perder el sentido, los estrangulaban con una soga. Pero cuando ya los habían dejado por muertos, uno de ellos, Andrés García, recobró el sentido, buscó refugio en casa de un campesino y gracias a ello también el tribunal pudo conocer con todo lujo de detalles el crimen. Este joven fue el único sobreviviente de todos los prisioneros que se hicieron en la zona de Bayamo.

Cerca del río Cauto, en un lugar conocido por Barrancas, yacen en el fondo de un pozo ciego los cadáveres de Raúl de Aguiar, Armando Valle y Andrés Valdés, asesinados a medianoche en el camino de Alto Cedro a Palma Soriano por el sargento Montes de Oca, jefe de puesto del cuartel de Miranda, el cabo Maceo y el teniente jefe de Alto Cedro, donde aquéllos fueron detenidos.





En los anales del crimen merece mención de honor el sargento Eulalio González, del cuartel Moncada, apodado “El Tigre”. Este hombre no tenía después el menor empacho para jactarse de sus tristes hazañas. Fue él quien con sus propias manos asesinó a nuestro compañero Abel Santamaría. Pero no estaba satisfecho. Un día en que volvía de la prisión de Boniato, en cuyos patios sostiene una cría de gallos finos, montó el mismo ómnibus donde viajaba la madre de Abel. Cuando aquel monstruo comprendió de quien se trataba, comenzó a referir en alta voz sus proezas y dijo bien alto para que lo oyera la señora vestida de luto: “Pues yo sí saqué muchos ojos y pienso seguirlos sacando.” Los sollozos de aquella madre ante la afrenta cobarde que le infería el propio asesino de su hijo, expresan mejor que ninguna palabra el oprobio moral sin precedentes que está sufriendo nuestra patria. A esas mismas madres, cuando iban al cuartel Moncada preguntando por sus hijos, con cinismo inaudito les contestaban: “¡Cómo no, señora!; vaya a verlo al hotel Santa Ifigenia donde se lo hemos hospedado.” ¡O Cuba no es Cuba, o los responsables de estos hechos tendrán que sufrir un escarmiento terrible! Hombres desalmados que insultaban groseramente al pueblo cuando se quitaban los sombreros al paso de los cadáveres de los revolucionarios.

Tantas fueron las víctimas que todavía el gobierno no se ha atrevido a dar las listas completas, saben que las cifras no guardan proporción alguna. Ellos tienen los nombres de todos los muertos porque antes de asesinar a los prisioneros les tomaban las generales. Todo ese largo trámite de identificación a través del Gabinete Nacional fue pura pantomima; y hay familias que no saben todavía la suerte de sus hijos. Si ya han pasado casi tres meses, ¿por qué no se dice la última palabra?

Quiero hacer constar que a los cadáveres se les registraron los bolsillos buscando hasta el último centavo y se les despojó de las prendas personales, anillos y relojes, que hoy están usando descaradamente los asesinos.

Gran parte de lo que acabo de referir ya lo sabíais vosotros, señores magistrados, por las declaraciones de mis compañeros. Pero véase cómo no han permitido venir a este juicio a muchos testigos comprometedores y que en cambio asistieron a las sesiones del otro juicio. Faltaron, por ejemplo, todas las enfermeras del Hospital Civil, pese a que están aquí al lado nuestro, trabajando en el mismo edificio donde se celebra esta sesión; no las dejaron comparecer para que no pudieran afirmar ante el tribunal, contestando a mis preguntas, que aquí fueron detenidos veinte hombres vivos, además del doctor Mario Muñoz. Ellos temían que el interrogatorio a los testigos yo pudiese hacer deducir por escrito testimonios muy peligrosos.

Pero vino el comandante Pérez Chaumont y no pudo escapar. Lo que ocurrió con este héroe de batallas contra hombres sin armas y maniatados, da idea de lo que hubiera pasado en el Palacio de Justicia si no me hubiesen secuestrado del proceso. Le pregunté cuántos hombres nuestros habían muerto en sus célebres combates de Siboney. Titubeó. Le insistí, y me dijo por fin que veintiuno. Como yo sé que esos combates no ocurrieron nunca, le pregunté cuántos heridos habíamos tenido. Me contestó que ninguno: todos eran muertos. Por eso, asombrado, le repuse que si el Ejército estaba usando armas atómicas. Claro que donde hay asesinados a boca de jarro no hay heridos. Le pregunté después cuántas bajas había tenido el Ejército. Me contestó que dos heridos. Le pregunté por último que si alguno de esos heridos había muerto, y me dijo que no. Esperé. Desfilaron más tarde todos los heridos del Ejército y resultó que ninguno lo había sido en Siboney. Ese mismo comandante Pérez Chaumont, que apenas se ruborizaba de haber asesinado veintiún jóvenes indefensos, ha construido en la playa de Ciudadamar un palacio que vale más de cien mil pesos. Sus ahorritos en sólo unos meses de marzato. ¡Y si eso ha ahorrado el comandante, cuánto habrán ahorrado los generales!

Señores magistrados: ¿Dónde están nuestros compañeros detenidos los días 26, 27, 28 y 29 de julio, que se sabe pasaban de sesenta en la zona de Santiago de Cuba? solamente tres y las dos muchachas han comparecido, los demás sancionados fueron todos detenidos más tarde. ¿Dónde están nuestros compañeros heridos? Solamente cinco han aparecido: al resto lo asesinaron también. Las cifras son irrefutables. Por aquí, en cambio, han desfilado veinte militares que fueron prisioneros nuestros y que





según sus propias palabras no recibieron ni una ofensa. Por aquí han desfilado treinta heridos del Ejército, muchos de ellos en combates callejeros, y ninguno fue rematado. Si el Ejército tuvo diecinueve muertos y treinta heridos, ¿cómo es posible que nosotros hayamos tenido ochenta muertos y cinco heridos? ¿Quién vio nunca combates de veintiún muertos y ningún herido como los famosos de Pérez Chaumont?

Ahí están las cifras de bajas en los recios combates de la Columna Invasora en la guerra del 95, tanto aquellos en que salieron victoriosas como en los que fueron vencidas las armas cubanas: combate de Los Indios, en Las Villas: doce heridos, ningún muerto; combate de Mal Tiempo: cuatro muertos, veintitrés heridos; combate de Calimete: dieciséis muertos, sesenta y cuatro heridos; combate de La Palma: treinta y nueve muertos, ochenta y ocho heridos; combate de Cacarajícara: cinco muertos, trece heridos; combate del Descanso: cuatro muertos, cuarenta y cinco heridos; combate de San Gabriel del Lombillo: dos muertos, dieciocho heridos... en todos absolutamente el número de heridos es dos veces, tres veces y hasta diez veces mayor que el de muertos. No existían entonces los modernos adelantos de la ciencia médica que disminuyen la proporción de muertos. ¿Cómo puede explicarse la fabulosa proporción de dieciséis muertos por un herido, si no es rematando a éstos en los mismos hospitales y asesinando después a los indefensos prisioneros? Estos números hablan sin réplica posible.

“Es una vergüenza y un deshonor para el Ejército haber tenido en el combate tres veces más bajas que los atacantes; hay que matar diez prisioneros por cada soldado muerto...” Ése es el concepto que tienen del honor los cabos furrieles ascendidos a generales del 10 de marzo, y ése es el honor que le quieren imponer al Ejército nacional. Honor falso, honor fingido, honor de apariencias que se basa en la mentira, la hipocresía y el crimen; asesinos que amasan con sangre una careta de honor. ¿Quién les dijo que morir peleando es un deshonor? ¿Quién les dijo que el honor de un Ejército consiste en asesinar heridos y prisioneros de guerra?

En las guerras los ejércitos que asesinan a los prisioneros se han ganado siempre el desprecio y la execración del mundo. Tamaña cobardía no tiene justificación ni aun tratándose de enemigos de la patria invadiendo el territorio nacional. Como escribió un libertador de la América del Sur, “ni la más estricta obediencia militar puede cambiar la espada del soldado en cuchilla de verdugo.” El militar de honor no asesina al prisionero indefenso después del combate, sino que lo respeta; no remata al herido, sino que lo ayuda; impide el crimen y si no puede impedirlo hace como aquel capitán español que al sentir los disparos con que fusilaban a los estudiantes quebró indignado su espada y renunció a seguir sirviendo a aquel ejército.

Los que asesinaron a los prisioneros no se comportaron como dignos compañeros de los que murieron. Yo vi muchos soldados combatir con magnífico valor, como aquéllos de la patrulla que dispararon contra nosotros sus ametralladoras en un combate casi cuerpo a cuerpo o aquel sargento que desafiando la muerte se apoderó de la alarma para movilizar el campamento. Unos están vivos, me alegro; otros están muertos; sólo siento que hombres valerosos caigan defendiendo una mala causa. Cuando Cuba sea libre, debe respetar, amparar y ayudar también a las mujeres y los hijos de los valientes que cayeron frente a nosotros. Ellos son inocentes de las desgracias de Cuba, ellos son otras tantas víctimas de esta nefasta situación.

Pero el honor que ganaron los soldados para las armas murieron en combate lo mancillaron los generales mandando asesinar prisioneros después del combate. Hombres que se hicieron generales de la madrugada al amanecer sin haber disparado un tiro, que compraron sus estrellas con alta traición a la República, que mandan asesinar los prisioneros de un combate en que no participaron: éstos son los generales del 10 de marzo, generales que no habrían servido ni para arrear las mulas que cargaban la impedimenta del Ejército de Antonio Maceo.

Si el Ejército tuvo tres veces más bajas que nosotros fue porque nuestros hombres estaban magníficamente entrenados, como ellos mismos dijeron, y porque se habían tomado medidas tácticas adecuadas como ellos mismos reconocieron. Si el Ejército no hizo un papel más brillante, si fue totalmente sorprendido





pese a los millones que se gasta el SIM en espionaje, si sus granadas de mano no explotaron porque estaban viejas, se debe a que tiene generales como Martín Díaz Tamayo y coroneles como Ugalde Carrillo y Alberto del Río Chaviano. No fueron diecisiete traidores metidos en las filas del Ejército como el 10 de marzo, sino ciento sesenta y cinco hombres que atravesaron la Isla de un extremo a otro para afrontar la muerte a cara descubierta. Si esos jefes hubieran tenido honor militar habrían renunciado a sus cargos en vez de lavar su vergüenza y su incapacidad personal en la sangre de los prisioneros.

Matar prisioneros indefensos y después decir que fueron muertos en combate, ésa es toda la capacidad militar de los generales del 10 de marzo. Así actuaban en los años más crueles de nuestra guerra de independencia los peores matones de Valeriano Weyler. Las Crónicas de la guerra nos narran el siguiente pasaje: “El día 23 de febrero entró en Punta Brava el oficial Baldomero Acosta con alguna caballería, al tiempo que, por el camino opuesto, acudía un pelotón del regimiento Pizarro al mando de un sargento, allí conocido por Barriguilla. Los insurrectos cambiaron algunos tiros con la gente de Pizarro, y se retiraron por el camino que une a Punta Brava con el caserío de Guatao. A los cincuenta hombres de Pizarro seguía una compañía de voluntarios de Marianao y otra del cuerpo de Orden Público, al mando del capitán Calvo [...] Siguieron marcha hacia Guatao, y al penetrar la vanguardia en el caserío se inició la matanza contra el vecindario pacífico; asesinaron a doce habitantes del lugar. [...] Con la mayor celeridad la columna que mandaba el capitán Calvo, echó mano a todos os vecinos que corrían por el pueblo, y amarrándolos fuertemente en calidad de prisioneros de guerra, los hizo marchar para La Habana. [...] No saciados aún con los atropellos cometidos en las afueras de Guatao, llevaron a remate otra bárbara ejecución que ocasionó la muerte a uno de los presos y terribles heridas a los demás. El marqués de Cervera, militar palatino y follón, comunicó a Weyler la costosísima victoria obtenida por las armas españolas; pero el comandante Zugasti, hombre de pundonor, denunció al gobierno lo sucedido, y calificó de asesinatos de vecinos pacíficos las muertes perpetradas por el facineroso capitán Calvo y el sargento Barriguilla.

“La intervención de Weyler en este horrible suceso y su alborozo al conocer los pormenores de la matanza, se descubre de un modo palpable en el despacho oficial que dirigió al ministro de la Guerra a raíz de la cruenta inmolación. “Pequeña columna organizada por comandante militar Marianao con fuerzas de la guarnición, voluntarios y bomberos a las órdenes del capitán Calvo de Orden público, batió, destrozándolas, partidas de Villanueva y Baldomero Acosta cerca de Punta Brava (Guatao), causándoles veinte muertos, que entregó, para su enterramiento al alcalde Guatao, haciéndoles quince prisioneros, entre ellos un herido [...] y suponiendo llevan muchos heridos; nosotros tuvimos un herido grave, varios leves y contusos. Weyler”.”

¿En qué se diferencia este parte de guerra de Weyler de los partes del coronel Chaviano dando cuenta de las victorias del comandante Pérez Chaumont? Sólo en que Weyler comunicó veinte muertos y Chaviano comunicó veintiuno; Weyler menciona un soldado herido en sus filas, Chaviano menciona dos; Weyler habla de un herido y quince prisioneros en el campo enemigo, Chaviano no habla de heridos ni prisioneros.

Igual que admiré el valor de los soldados que supieron morir, admiro y reconozco que muchos militares se portaron dignamente y no se mancharon las manos en aquella orgía de sangre. No pocos prisioneros que sobrevivieron les deben la vida a la actitud honorable de militares como el teniente Sarría, el teniente Camps, el capitán Tamayo y otros que custodiaron caballeramente a los detenidos. Si hombres como éstos no hubiesen salvado en parte el honor de las Fuerzas Armadas, hoy sería más honroso llevar arriba un trapo de cocina que un uniforme.

Para mis compañeros muertos no clamo venganza. Como sus vidas no tenían precio, no podrían pagarlas con las suyas todos los criminales juntos. No es con sangre como pueden pagarse las vidas de los jóvenes que mueren por el bien de un pueblo; la felicidad de ese pueblo es el único precio digno que puede pagarse por ellas.





Mis compañeros, además, no están ni olvidados ni muertos; viven hoy más que nunca y sus matadores han de ver aterrorizados cómo surge de sus cadáveres heroicos el espectro victorioso de su ideas. Que hable por mí el Apóstol: “Hay un límite al llanto sobre las sepulturas de los muertos, y es el amor infinito a la patria y a la gloria que se jura sobre sus cuerpos, y que no teme ni se abata ni se debilita jamás; porque los cuerpos de los mártires son el altar más hermoso de la honra.”

[...] Cuando se muere
En brazos de la patria agradecida,
La muerte acaba, la prisión se rompe;
¡Empieza, al fin, con el morir, la vida!

Hasta aquí me he concretado casi exclusivamente a los hechos. Como no olvido que estoy delante de un tribunal de justicia que me juzga, demostraré ahora que únicamente de nuestra parte está el derecho y que la sanción impuesta a mis compañeros y la que se pretende imponerme no tiene justificación ante la razón, ante la sociedad y ante la verdadera justicia.

Quiero ser personalmente respetuoso con los señores magistrados y os agradezco que no veáis en la rudeza de mis verdades ninguna animadversión contra vosotros. Mis razonamientos van encaminados sólo a demostrar lo falso y erróneo de la posición adoptada en la presente situación por todo el Poder Judicial, del cual cada tribunal no es más que una simple pieza obligada a marchar, hasta cierto punto, por el mismo sendero que traza la máquina, sin que ellos justifique, desde luego, a ningún hombre a actuar contra sus principios. Sé perfectamente que la máxima responsabilidad le cabe a la alta oligarquía que sin un gesto digno se plegó servilmente a los dictados del usurpador traicionando a la nación y renunciando a la independencia del Poder Judicial. Excepciones honrosas han tratado de remendar el maltrecho honor con votos particulares, pero el gesto de la exigua minoría apenas ha trascendido, ahogado por actitudes de mayorías sumisas y ovejunas. Este fatalismo, sin embargo, no me impedirá exponer la razón que me asiste. Si el traerme ante este tribunal no es más que pura comedia para darle apariencia de legalidad y justicia a lo arbitrario, estoy dispuesto a rasgar con mano firme el velo infame que cubre tanta desvergüenza. Resulta curioso que los mismos que me traen ante vosotros para que se me juzgue y condene no han acatado una sola orden de este tribunal.

Si este juicio, como habéis dicho, es el más importante que se ha ventilado ante un tribunal desde que se instauró la República, lo que yo diga aquí quizás se pierda en la conjura de silencio que me ha querido imponer la dictadura, pero sobre lo que vosotros hagáis, la posteridad volverá muchas veces los ojos. Pensad que ahora estáis juzgando a un acusado, pero vosotros, a su vez, seréis juzgados no una vez, sino muchas, cuantas veces el presente sea sometido a la crítica demoledora del futuro. Entonces lo que yo diga aquí se repetirá muchas veces, no porque se haya escuchado de mi boca, sino porque el problema de la justicia es eterno, y por encima de las opiniones de los jurisconsultos y teóricos, el pueblo tiene de ella un profundo sentido. Los pueblos poseen una lógica sencilla pero implacable, reñida con todo lo absurdo y contradictorio, y si alguno, además, aborrece con toda su alma el privilegio y la desigualdad, ése es el pueblo cubano. Sabe que la justicia se representa con una doncella, una balanza y una espada. Si la ve postrarse cobarde ante unos y blandir furiosamente el arma sobre otros, se la imaginará entonces como una mujer prostituida esgrimiendo un puñal. Mi lógica, es la lógica sencilla del pueblo.

Os voy a referir una historia. Había una vez una república. Tenía su Constitución, sus leyes, sus libertades, Presidente, Congreso, tribunales; todo el mundo podría reunirse, asociarse, hablar y escribir con entera libertad. El gobierno no satisfacía al pueblo, pero el pueblo podía cambiarlo y ya sólo faltaban unos días para hacerlo. Existía una opinión pública respetada y acatada y todos los problemas de interés colectivo eran discutidos libremente. Había partidos políticos, horas doctrinales de radio, programas polémicos de televisión, actos públicos, y en el pueblo palpitaba el entusiasmo. Este pueblo había sufrido mucho y si no era feliz, deseaba serlo y tenía derecho a ello. Lo habían engañado muchas veces y miraba el pasado con verdadero terror. Creía ciegamente que éste no podría volver; estaba orgulloso de su amor a la libertad y vivía engreído de que ella sería respetada como cosa sagrada; sentía una noble confianza en la





seguridad de que nadie se atrevería a cometer el crimen de atentar contra sus instituciones democráticas. Deseaba un cambio, una mejora, un avance, y lo veía cerca. Toda su esperanza estaba en el futuro.

¡Pobre pueblo! Una mañana la ciudadanía se despertó estremecida; a las sombras de la noche los espectros del pasado se habían conjurado mientras ella dormía, y ahora la tenían agarrada por las manos, por los pies y por el cuello. Aquellas garras eran conocidas, aquellas fauces, aquellas guadañas de muerte, aquellas botas... No; no era una pesadilla; se trataba de la triste y terrible realidad: un hombre llamado Fulgencio Batista acababa de cometer el horrible crimen que nadie esperaba.

Ocurrió entonces que un humilde ciudadano de aquel pueblo, que quería creer en las leyes de la República y en la integridad de sus magistrados a quienes había visto ensañarse muchas veces contra los infelices, buscó un Código de Defensa Social para ver qué castigos prescribía la sociedad para el autor de semejante hecho, y encontró lo siguiente:

“Incurrirá en una sanción de privación de libertad de seis a diez años el que ejecutare cualquier hecho encaminado directamente a cambiar en todo o en parte, por medio de la violencia, la Constitución del Estado o la forma de gobierno establecida.”

“Se impondrá una sanción de privación de libertad de tres a diez años al autor de un hecho dirigido a promover un alzamiento de gentes armadas contra los Poderes Constitucionales del Estado. La sanción será de privación de libertad de cinco a veinte años si se llevare a efecto la insurrección”.

“El que ejecutare un hecho con el fin determinado de impedir, en todo o en parte, aunque fuere temporalmente al Senado, a la cámara de Representantes, al Representantes, al Presidente de la República o al Tribunal Supremo de Justicia, el ejercicio de sus funciones constitucionales, incurrirá en una sanción de privación de libertad de seis a diez años.

“El que tratare de impedir o estorbar la celebración de elecciones generales; [...] incurrirá en una sanción de privación de libertad de cuatro a ocho años.

“El que introdujere, publicare, propagare o tratare de hacer cumplir en Cuba, despacho, orden o decreto que tienda [...] a provocar la inobservancia de las leyes vigentes, incurrirá en una sanción de privación de libertad de dos años a seis años.”

“El que sin facultad legar para ello ni orden del Gobierno, tomare el mando de tropas, plazas, fortalezas, puestos militares, poblaciones o barcos o aeronaves de guerra incurrirá en una sanción de privación de libertad de cinco a diez años.

“Igual sanción se impondrá al que usurpare el ejercicio de una función atribuida por la Constitución como propia de alguno de los Poderes del Estado.”

Sin decir una palabra a nadie, con el Código en una mano y los papeles en otra, el mencionado ciudadano se presentó en el viejo caserón de la capital donde funcionaba el tribunal competente, que estaba en la obligación de promover causa y castigar a los responsables de aquel hecho, y presentó un escrito denunciando los delitos y pidiendo para Fulgencio Batista y sus diecisiete cómplices la sanción de ciento ocho años de cárcel como ordenaba imponerle el Código de Defensa Social con todas las agravantes de reincidencia, alevosía y nocturnidad.

Pasaron los días y pasaron los meses. ¡Qué decepción! El acusado no era molestado, se paseaba por la República como un amo, lo llamaban honorable señor y general, quitó y puso magistrados, y nada menos que el día de la apertura de los tribunales se vio al reo sentado en el lugar de honor, entre los augustos y venerables patriarcas de nuestra justicia.





Pasaron otra vez los días y los meses. El pueblo se cansó de abusos y de burlas. ¡Los pueblos se cansan! Vino la lucha, y entonces aquel hombre que estaba fuera de la ley, que había ocupado el poder por la violencia, contra la voluntad del pueblo y agrediendo el orden legal, torturó, asesinó, encarceló y acusó ante los tribunales a los que habían ido a luchar por la ley y devolverle al pueblo su libertad.

Señores magistrados: Yo soy aquel ciudadano humilde que un día presentó inútilmente ante los tribunales para pedirles que castigaran a los ambiciosos que violaron las leyes e hicieron trizas nuestras instituciones,, y ahora, cuando es a mí a quien se acusa de querer derrocar este régimen ilegal y restablecer la Constitución legítima de la República, se me tiene setenta y seis días incomunicado en una celda, sin hablar con nadie ni ver siquiera a mi hijo; se me conduce por la ciudad entre dos ametralladoras de trípode, se me traslada a este hospital para juzgarme secretamente con toda severidad y un fiscal con el Código en la mano, muy solemnemente, pide para mí veintiséis años de cárcel.

Me diréis que aquella vez los magistrados de la República no actuaron porque se lo impedía la fuerza; entonces, confesadlo: esta vez también la fuerza os obligará a condenarme. La primera no pudisteis castigar al culpable; la segunda, tendréis que castigar al inocente. La doncella de la justicia, dos veces violada por la fuerza.

¡Y cuánta charlatanería para justificar lo injustificable, explicar lo inexplicable y conciliar lo inconciliable! Hasta que han dado por fin en afirmar, como suprema razón, que el hecho crea el derecho. Es decir que el hecho de haber lanzado los tanques y los soldados a la calle, apoderándose del Palacio Presidencial, la Tesorería de la República y los demás edificios oficiales, y apuntar con las armas al corazón del pueblo, crea el derecho a gobernarlo. El mismo argumento pudieron utilizar los nazis que ocuparon las naciones de Europa e instalaron en ellas gobiernos de títeres.

Admito y creo que la revolución sea fuerte de derecho; pero no podrá llamarse jamás revolución al asalto nocturno a mano armada del 10 de marzo. En el lenguaje vulgar, como dijo José Ingenieros, suele darse el nombre de revolución a los pequeños desórdenes que un grupo de insatisfechos promueve para quitar a los hartos sus prebendas políticas o sus ventajas económicas, resolviéndose generalmente en cambios de unos hombres por otros, en un reparto nuevo de empleos y beneficios. Ése no es el criterio del filósofo de la historia, no puede ser el del hombre de estudio.

No ya en el sentido de cambios profundos en el organismos social, ni siquiera en la superficie del pantano público se vio mover una ola que agitase la podredumbre reinante. Si en el régimen anterior había politiquería, ha multiplicado por diez el pillaje y ha duplicado por cien la falta de respeto a la vida humana.

Se sabía que Barriguilla había robado y había asesinado, que era millonario, que tenía en la capital muchos edificios de apartamentos, acciones numerosas en compañías extranjeras, cuentas fabulosas en bancos norteamericanos, que repartió bienes gananciales por dieciocho millones de pesos, que se hospedaba en el más lujoso hotel de los millonarios yanquis, pero lo que nunca podrá creer nadie es que Barriguilla fuera revolucionario. Barriguilla es el sargento de Weyler que asesinó doce cubanos en el Guatao... En Santiago de Cuba fueron setenta. De te fabula narratur.

Cuatro partidos políticos gobernaban el país antes del 10 de marzo: Auténtico, Liberal, Demócrata y Republicano. A los dos días del golpe se adhirió el Republicano; no había pasado un año todavía y ya el Liberal y el Demócrata estaban otra vez en el poder, Batista no restablecía la Constitución, no restablecía las libertades públicas, no restablecía el Congreso, no restablecía el voto directo, no restablecía en fin ninguna de las instituciones democráticas arrancadas al país, pero restablecía a Verdeja, Guas Inclán, Salvito García Ramos, Anaya Murillo, y con los altos jerarcas de los partidos tradicionales en el gobierno, a lo más corrompido, rapaz, conservador y antediluviano de la política cubana. ¡Ésta es la revolución de Barriguilla!





Ausente del más elemental contenido revolucionario, el régimen de Batista ha significado en todos los órdenes un retroceso de veinte años para Cuba. Todo el mundo ha tenido que pagar bien caro su regreso, pero principalmente las clases humildes que están pasando hambre y miseria mientras la dictadura que ha arruinado al país con la conmoción, la ineptitud y la zozobra, se dedica a la más repugnante politiquería, inventando fórmulas y más fórmulas de perpetuarse en el poder aunque tenga que ser sobre un montón de cadáveres y un mar de sangre.

Ni una sola iniciativa valiente ha sido dictada. Batista vive entregado de pies y manos a los grandes intereses, y no podía ser de otro modo, por su mentalidad, por la carencia total de ideología y de principios, por la ausencia absoluta de la fe, la confianza y el respaldo de las masas. Fue un simple cambio de manos y un reparto de botín entre los amigos, parientes, cómplices y la rémora de parásitos voraces que integran el andamiaje político del dictador. ¡Cuántos oprobios se le han hecho sufrir al pueblo para que un grupito de egoístas que no sienten por la patria la menor consideración puedan encontrar en la cosa pública un *modus vivendi* fácil y cómodo!.

¡Con cuánta razón dijo Eduardo Chibás en su postrer discurso que Batista alentaba el regreso de los coroneles, del palmacristi y de la ley de fuga! De inmediato después del 10 de marzo comenzaron a producirse otra vez actos verdaderamente vandálicos que se creían desterrados para siempre en Cuba: el asalto a la Universidad del Aire, atentado sin precedentes a una institución cultural, donde los gangsters del SIM se mezclaron con los mocosos de la juventud del PAU; el secuestro del periodista Mario Kuchilán, arrancado en plena noche de su hogar y torturado salvajemente hasta dejarlo casi desconocido; el asesinato del estudiante Rubén Batista y las descargas criminales contra una pacífica manifestación estudiantil junto al mismo paredón donde los voluntarios fusilaron a los estudiantes del 71; hombres que arrojaron la sangre de los pulmones ante los mismos tribunales de justicia por las bárbaras torturas que les habían aplicado en los cuerpos represivos, como en el proceso del doctor García Bárcena. Y no voy a referir aquí los centenares de casos en que grupos de ciudadanos han sido apaleados brutalmente sin distinción de hombres o mujeres, jóvenes o viejos. Todo esto antes del 26 de julio. Después, ya se sabe, ni siquiera el cardenal Arteaga se libró de actos de esta naturaleza. Todo el mundo sabe que fue víctima de los agentes represivos. Oficialmente afirmaron que era obra de una banda de ladrones. Por una vez dijeron la verdad, ¿qué otra cosa es este régimen?...

La ciudadanía acaba de contemplar horrorizada el caso del periodista que estuvo secuestrado y sometido a torturas de fuego durante veinte días. En cada hecho un cinismo inaudito, una hipocresía infinita: la cobardía de rehuir la responsabilidad y culpar invariablemente a los enemigos del régimen. Procedimientos de gobierno que no tienen nada que envidiarle a la peor pandilla de gangster. Hitler asumió la responsabilidad por las matanzas del 30 de junio de 1934 diciendo que había sido durante 24 horas el Tribunal Supremo de Alemania; los esbirros de esta dictadura, que no cabe compararla con ninguna otra por la baja, ruin y cobarde, secuestran, torturan, asesinan, y después culpan canallescamente a los adversarios del régimen. Son los métodos típicos del sargento Barriguilla.

En todos estos hechos que he mencionado, señores magistrados, ni una sola vez han aparecido los responsables para ser juzgados por los tribunales. ¡Cómo! ¿No era éste el régimen del orden, de la paz pública y el respeto a la vida humana?

Si todo esto he referido es para que se me diga si tal situación puede llamarse revolución engendradora de derecho; si es o no lícito luchar contra ella; si no han de estar muy prostituidos los tribunales de la República para enviar a la cárcel a los ciudadanos que quieren librar a su patria de tanta infamia.

Cuba está sufriendo un cruel e ignominioso despotismo, y vosotros no ignoráis que la resistencia frente al despotismo es legítima; éste es un principio universalmente reconocido y nuestra Constitución de 1940 lo consagró expresamente en el párrafo segundo del artículo 40: "Es legítima la resistencia adecuada para la protección de los derechos individuales garantizados anteriormente." Más, aun cuando no lo hubiese consagrado nuestra ley fundamental, es supuesto sin el cual no puede concebirse la





existencia de una colectividad democrática. El profesor Infiesta en su libro de derecho constitucional establece una diferencia entre Constitución Política y Constitución Jurídica, y dice que “a veces se incluyen en la Constitución Jurídica principios constitucionales que, sin ello, obligarían igualmente por el consentimiento del pueblo, como los principios de la mayoría o de la representación en nuestras democracias”. El derecho de insurrección frente a la tiranía es uno de esos principios que, esté o no esté incluido dentro de la Constitución Jurídica, tiene siempre plena vigencia en una sociedad democrática. El planteamiento de esta cuestión ante un tribunal de justicia es uno de los problemas más interesantes del derecho público. Duguit ha dicho en su Tratado de Derecho Constitucional que “si la insurrección fracasa, no existirá tribunal que ose declarar que no hubo conspiración o atentado contra la seguridad del Estado porque el gobierno era tiránico y la intención de derribarlo era legítima”. Pero fijaos bien que no dice “el tribunal no deberá”, sino que “no existirá tribunal que ose declarar”; más claramente, que no habrá tribunal que se atreva, que no habrá tribunal lo suficientemente valiente para hacerlo bajo una tiranía. La cuestión no admite alternativa; si el tribunal es valiente y cumple con su deber, se atreverá.

Se acaba de discutir ruidosamente la vigencia de la Constitución de 1940; el Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales falló en contra de ella y a favor de los Estatutos; sin embargo, señores magistrados, yo sostengo que la constitución de 1940 sigue vigente. Mi afirmación podrá parecer absurda y extemporánea; pero no os asombréis, soy yo quien se asombra de que un tribunal de derecho haya intentado darle un vil cuartelazo a la Constitución legítima de la República. Como hasta aquí, ajustándome rigurosamente a los hechos, a la verdad y a la razón, demostraré lo que acabo de afirmar. El Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales fue instituido por el artículo 172 de la Constitución de 1940, complementado por la Ley Orgánica número 7 de 31 de mayo de 1949. Estas leyes, en virtud de las cuales fue creado, le concedieron, en materia de inconstitucionalidad, una competencia específica y determinada: resolver los recursos de inconstitucionalidad contra las leyes, decretos-leyes, resoluciones o actos que nieguen, disminuyan, restrinjan o adulteren los derechos y garantías constitucionales o que impidan el libre funcionamiento de los órganos del Estado. En el artículo 194 se establecía bien claramente: “Los jueces y tribunales están obligados a resolver los conflictos entre las leyes vigentes y la Constitución ajustándose al principio de que ésta prevalezca siempre sobre aquéllas.” De acuerdo, pues, con las leyes que le dieron origen, el Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales debía resolver siempre a favor de la Constitución. Si ese tribunal hizo prevalecer los Estatutos por encima de la Constitución de la República se salió por completo de su competencia y facultades, realizando, por tanto, un acto jurídicamente nulo. La decisión en sí misma, además, es absurda y lo absurdo no tiene vigencia ni de hecho ni de derecho, no existe ni siquiera metafísicamente. Por muy venerable que sea un tribunal no podrá decir que el círculo es cuadrado, o, lo que es igual, que el engendro grotesco del 4 de abril puede llamarse Constitución de un Estado.

Entendemos por Constitución la ley fundamental y suprema de una nación, que define su estructura política, regula el funcionamiento de los órganos del Estado y pone límites a sus actividades, ha de ser estable, duradera y más bien rígida. Los Estatutos no llenan ninguno de estos requisitos. Primeramente encierran una contradicción monstruosa, descarada y cínica en lo más esencial, que es lo referente a la integración de la República y el principio de la soberanía. El artículo 1 dice: “Cuba es un Estado independiente y soberano organizado como República democrática...” El Presidente de la República será designado por el Consejo de Ministros. ¿Y quién elige el Consejo de Ministros? El artículo 120, inciso 13: “Corresponde al Presidente nombrar y renovar libremente a los ministros, sustituyéndolos en las oportunidades que proceda.” ¿Quién elige a quién por fin? ¿No es éste el clásico problema del huevo y la gallina que nadie ha resuelto todavía?

Un día se reunieron dieciocho aventureros. El plan era asaltar la República con su presupuesto de trescientos cincuenta millones. Al amparo de la traición y de las sombras consiguieron su propósito: “¿Y ahora qué hacemos?” Uno de ellos les dijo a los otros: “Ustedes me nombran primer ministro y yo los nombro generales.” Hecho esto buscó veinte alabarderos y les dijo: “Yo los nombro ministros y ustedes me nombran presidente.” Así se nombraron unos a otros generales, ministros, presidente y se quedaron con el Tesoro y la República.





Y no es que se tratara de la usurpación de la soberanía por una sola vez para nombrar ministros, generales y presidente, sino que un hombre se declaró en unos estatutos dueño absoluto, no ya de la soberanía, sino de la vida y la muerte de cada ciudadano y de la existencia misma de la nación. Por eso sostengo que no solamente es traidora, vil, cobarde y repugnante la actitud del Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales, sino también absurda.

Hay en los Estatutos un artículo que ha pasado bastante inadvertido pero es el que da la clave de esta situación y del cual vamos a sacar conclusiones decisivas. Me refiero a la cláusula de reforma contenida en el artículo 257 y que dice textualmente: “Esta Ley Constitucional podrá ser reformada por el Consejo de Ministros con un quórum de las dos terceras partes de sus miembros.” Aquí la burla llegó al colmo. No es sólo que hayan ejercido la soberanía para imponer al pueblo una Constitución sin contar con su consentimiento y elegir un gobierno que concentra en sus manos todos los poderes, sino que por el artículo 257 hacen suyo definitivamente el atributo más esencial de la soberanía que es la facultad de reformar la ley suprema y fundamental de la nación, cosa que han hecho ya varias veces desde el 10 de marzo, aunque afirman con el mayor cinismo del mundo en el artículo 2 que la soberanía reside en el pueblo y de él dimanar todos los poderes. Si para realizar estas reformas basta la conformidad del Consejo de Ministros, queda entonces en manos de un solo hombre el derecho de hacer y deshacer la República, un hombre que es además el más indigno de los que han nacido en esta tierra. ¿Y esto fue lo aceptado por el Tribunal de Garantías Constitucionales, y es válido y es legal todo lo que ello se derive? Pues bien, veréis lo que aceptó: “Esta Ley Constitucional podrá ser reformada por el Consejo de Ministros con un quórum de las dos terceras partes de sus miembros.” Tal facultad no reconoce límites; al amparo de ella cualquier artículo, cualquier capítulo, cualquier título, la ley entera puede ser modificada. El artículo 1, por ejemplo, que ya mencioné, dice que Cuba es un Estado independiente y soberano organizado como República democrática —“aunque de hecho sea hoy una satrapía sangrienta”—; el artículo 3 dice que “el territorio de la República está integrado por la Isla de Cuba, la Isla de Pinos y las demás islas y cayos adyacentes...”; así sucesivamente. Batista y su Consejo de Ministros, al amparo del artículo 257, pueden modificar todos esos atributos, decir que Cuba no es ya una República, sino una Monarquía Hereditaria y ungirse él, Fulgencio Batista, Rey; pueden desmembrar el territorio nacional y vender una provincia a un país extraño como hizo Napoleón con la Louisiana; pueden suspender el derecho a la vida y, como Herodes, mandar a degollar los niños recién nacidos: todas estas medidas serían legales y vosotros tendríais que enviar a la cárcel a todo el que se opusiera, como pretendéis hacer conmigo en estos momentos. He puesto ejemplos extremos para que se comprenda mejor lo triste y humillante que es nuestra situación. ¡Y esas facultades omnímodas en manos de hombres que de verdad son capaces de vender la República con todos sus habitantes!

Si el Tribunal de Garantías Constitucionales aceptó semejante situación, ¿qué espera para colgar las togas? Es un principio elemental de derecho público que no existe la constitucionalidad allí donde el Poder Constituyente y el Poder Legislativo residen en el mismo organismo. Si el Consejo de Ministros hace las leyes, los decretos, los reglamentos y al mismo tiempo tiene facultad de modificar la Constitución en diez minutos, ¡maldita la falta que nos hace un Tribunal de Garantías Constitucionales! Su fallo es, pues, irracional, inconcebible, contrario a la lógica y a las leyes de la República, que vosotros, señores magistrados, jurasteis defender. Al fallar a favor de los Estatutos no quedó abolida nuestra ley suprema; sino que el Tribunal de Garantías Constitucionales y Sociales se puso fuera de la Constitución, renunció a sus fueros, se suicidó jurídicamente. ¡Qué en paz descanse!

El derecho de resistencia que establece el artículo 40 de esa Constitución está plenamente vigente. ¿Se aprobó para que funcionara mientras la República marchaba normalmente? No, porque era para la Constitución lo que un bote salvavidas es para una nave en alta mar, que no se lanza al agua sino cuando la nave ha sido torpedeada por enemigos emboscados en su ruta. Traicionada la Constitución de la República y arrebatadas al pueblo todas sus prerrogativas, sólo le quedaba ese derecho, que ninguna fuerza le puede quitar, el derecho a resistir a la opresión y a la injusticia. Si alguna duda queda, aquí está un artículo del Código de Defensa Social, que no debió olvidar el señor fiscal, el cual dice textualmente: “Las autoridades de nombramiento del Gobierno o por elección popular que no hubieren resistido a la





insurrección por todos los medios que estuvieren a su alcance, incurrirán en una sanción de interdicción especial de seis a diez años.” Era obligación de los magistrados de la República resistir el cuartelazo traidor del 10 de marzo. Se comprende perfectamente que cuando nadie ha cumplido con la ley, cuando nadie ha cumplido el deber, se envía a la cárcel a los únicos que han cumplido con la ley y el deber.

No podréis negarme que el régimen de gobierno que se le ha impuesto a la nación es indigno de su tradición y de su historia. En su libro. El espíritu de las leyes, que sirvió de fundamento a la moderna división de poderes, Montesquieu distingue por su naturaleza tres tipos de gobierno: “el Republicano, en que el pueblo entero o una parte del pueblo tiene el poder soberano; el Monárquico, en que uno solo gobierna pero con arreglo a Leyes fijas y determinadas; y el Despótico, en que uno solo, sin Ley y sin regla, lo hace todo sin más que su voluntad y su capricho.” Luego añade: “Un hombre al que sus cinco sentidos le dicen sin cesar que lo es todo, y que los demás no son nada, es naturalmente ignorante, perezoso, voluptuoso.” “Así como es necesaria la virtud en una democracia, el honor en una monarquía, hace falta el temor en un gobierno despótico; en cuanto a la virtud, no es necesaria, y en cuanto al honor, sería peligroso.”

El derecho de rebelión contra el despotismo, señores magistrados, ha sido reconocido, desde la más lejana antigüedad hasta el presente, por hombres de todas las doctrinas, de todas las ideas y todas las creencias.

En las monarquías teocráticas de las más remota antigüedad china, era prácticamente un principio constitucional que cuando el rey gobernase torpe y despóticamente, fuese depuesto y reemplazado por un príncipe virtuoso.

Los pensadores de la antigua India ampararon la resistencia activa frente a las arbitrariedades de la autoridad. Justificaron la revolución y llevaron muchas veces sus teorías a la práctica. Uno de sus guías espirituales decía que “una opinión sostenida por muchos es más fuerte que el mismo rey. La sogla tejida por muchas fibras es suficiente para arrastrar a un león.”

Las ciudades estados de Grecia y la República Romana, no sólo admitían sino que apologetizaban la muerte violenta de los tiranos.

En la Edad Media, Juan de Salisbury en su Libro de hombre de Estado, dice que cuando un príncipe no gobierna con arreglo a derecho y degenera en tirano, es lícita y está justificada su deposición violenta. Recomienda que contra el tirano se use el puñal aunque no el veneno.

Santo Tomás de Aquino, en la Summa Theológica, rechazó la doctrina del tiranicidio, pero sostuvo, sin embargo, la tesis de que los tiranos debían ser depuestos por el pueblo.

Martín Lutero proclamó que cuando un gobierno degenera en tirano vulnerando las leyes, los súbditos quedaban librados del deber de obediencia. Su discípulo Felipe Melanchton sostiene el derecho de resistencia cuando los gobiernos se convierten en tirano. Calvino, el pensador más notable de la Reforma desde el punto de vista de las ideas políticas, postula que el pueblo tiene derecho a tomar las armas para oponerse a cualquier usurpación.

Nada menos que un jesuita español de la época de Felipe II, Juan Mariana, en su libro De Rege et Regis Institutione, afirma que cuando el gobernante usurpa el poder, o cuando, elegido, rige la vida pública de manera tiránica, es lícito el asesinato por un simple particular, directamente, o valiéndose del engaño, con el menor disturbio posible.

El escritor francés Francisco Hotman sostuvo que entre gobernantes y súbditos existe el vínculo de un contrato, y que el pueblo puede alzarse en rebelión frente a la tiranía de los gobiernos cuando éstos violan aquel pacto.





Por esa misma época aparece también un folleto que fue muy leído, titulado *Vindiciae Contra Tyrannos*, firmado bajo el seudónimo de Stephanus Junius Brutus, donde se proclama abiertamente que es legítima la resistencia a los gobiernos cuando oprimen al pueblo y que era deber de los magistrados honorables encabezar la lucha.

Los reformadores escoceses Juan Knox y Juan Poyntet sostuvieron este mismo punto de vista, y en el libro más importante de ese movimiento, escrito por Jorge Buchnam, se dice que si el gobierno logra el poder sin contar con el consentimiento del pueblo o rige los destinos de éste de una manera injusta y arbitraria, se convierte en tirano y puede ser destituido o privado de la vida en el último caso.

Juan Altusio, jurista alemán de principios del siglo XVII, en su Tratado de política, dice que la soberanía en cuanto autoridad suprema del Estado nace del concurso voluntario de todos sus miembros; que la autoridad suprema del Estado nace del concurso voluntario del gobierno arranca del pueblo y que su ejercicio injusto, extralegal o tiránico exime al pueblo del deber de obediencia y justifica la resistencia y la rebelión.

Hasta aquí, señores magistrados, he mencionado ejemplos de la Antigüedad, la Edad Media y de los primeros tiempos de la Edad Moderna: escritores de todas las ideas y todas las creencias. Más, como veréis, este derecho está en la raíz misma de nuestra existencia política, gracias a él vosotros podéis vestir hoy esas togas de magistrados cubanos que ojalá fueran para la justicia.

Sabido es que en Inglaterra, en el siglo XVII, fueron destronados dos reyes, Carlos I y Jacobo II, por actos de despotismo. Estos hechos coincidieron con el nacimiento de la filosofía política liberal, esencia ideológica de una nueva clase social que pugnaba entonces por romper las cadenas del feudalismo. Frente a las tiranías de derecho divino esa filosofía opuso el principio del contrato social y el consentimiento de los gobernados, y sirvió de fundamento a la revolución inglesa de 1688, y a las revoluciones americana y francesa de 1775 y 1789. Estos grandes acontecimientos revolucionarios abrieron el proceso de liberación de las colonias españolas en América, cuyo último eslabón fue Cuba. En esta filosofía se alimentó nuestro pensamiento político y constitucional que fue desarrollándose desde la primera Constitución de Guáimaro hasta la del 1940, influida esta última ya por las corrientes socialistas del mundo actual que consagraron en ella el principio de la función social de la propiedad y el derecho inalienable del hombre a una existencia decorosa, cuya plena vigencia han impedido los grandes intereses creados.

El derecho de insurrección contra la tiranía recibió entonces su consagración definitiva y se convirtió en postulado esencial de la libertad política.

Ya en 1649 Juan Milton escribe que el poder político reside en el pueblo, quien puede nombrar y destituir reyes, y tiene el deber de separar a los tiranos.

Juan Locke en su Tratado de gobierno sostiene que cuando se violan los derechos naturales del hombre, el pueblo tiene el derecho y el deber de suprimir o cambiar de gobierno. “El único remedio contra la fuerza sin autoridad está en oponerle la fuerza.”

Juan Jacobo Rousseau dice con mucha elocuencia en su Contrato Social: “Mientras un pueblo se ve forzado a obedecer y obedece, hace bien; tan pronto como puede sacudir el yugo y lo sacude, hace mejor, recuperando su libertad por el mismo derecho que se la han quitado.” “El más fuerte no es nunca suficientemente fuerte para ser siempre el amo, si no transforma la fuerza en derecho y la obediencia en deber. [...] La fuerza es un poder físico; no veo qué moralidad pueda derivarse de sus efectos. Ceder a la fuerza es un acto de necesidad, no de voluntad; todo lo más es un de prudencia. ¿En qué sentido podrá ser esto un deber?” “Renunciar a la libertad es renunciar a la calidad del hombre, a los derechos de la Humanidad, incluso a sus deberes. No hay recompensa posible para aquel que renuncia a todo. Tal renuncia es incomparable con la naturaleza del hombre, y quitar toda la libertad a la voluntad es quitar toda la moralidad a las acciones. En fin, es una convicción vana y contradictoria estipular por una parte





con una autoridad absoluta y por otra con una obediencia sin límites...”

Thomas Paine dijo que “un hombre justo es más digno de respeto que un rufián coronado”.

Sólo escritores reaccionarios se opusieron a este derecho de los pueblos, como aquel clérigo de Virginia, Jonathan Boucher, quien dijo que “El derecho a la revolución era una doctrina condenable derivada de Lucifer, el padre de las rebeliones”.

La Declaración de Independencia del Congreso de Filadelfia el 4 de julio de 1776, consagró este derecho en un hermoso párrafo que dice: “Sostenemos como verdades evidentes que todos los hombres nacen iguales; que a todos les confiere su Creador ciertos derechos inalienables entre los cuales se cuentan la vida, la libertad y la consecución de la felicidad; que para asegurar estos derechos se instituyen entre los hombres gobiernos cuyos justos poderes derivan del consentimiento de los gobernados; que siempre que una forma de gobierno tienda a destruir esos fines, al pueblo tiene derecho a reformarla o abolirla, e instituir un nuevo gobierno que se funde en dichos principios y organice sus poderes en la forma que a su juicio garantice mejor su seguridad y felicidad.”

La famosa Declaración Francesa de los Derechos del Hombre legó a las generaciones venideras este principio: “Cuando el gobierno viola los derechos del pueblo, la insurrección es para éste el más sagrado de los derechos y el más imperioso de los deberes.” “Cuando una persona se apodera de la soberanía debe ser condenada a muerte por los hombres libres.”

Creo haber justificado suficientemente mi punto de vista: son más razones que las que esgrimió el señor fiscal para pedir que se me condene a veintiséis años de cárcel; todas asisten a los hombres que luchan por la libertad y la felicidad de un pueblo; ninguna a los que lo oprimen, envilecen y saquean despiadadamente; por eso yo he tenido que exponer muchas y él no pudo exponer una sola. ¿Cómo justificar la presencia de Batista en el poder, al que llegó contra la voluntad del pueblo y violando por la traición y por la fuerza las leyes de la Revolución? ¿Cómo llamar revolucionario un gobierno donde se han conjugado los hombres, las ideas y los métodos más retrógrados de la vida pública? ¿Cómo considerar jurídicamente válida la alta traición de un tribunal cuya misión era defender nuestra Constitución? ¿Con qué derecho enviar a la cárcel a ciudadanos que vinieron a dar por el decoro de su patria su sangre y su vida? ¡Eso es monstruoso ante los ojos de la nación y los principios de la verdadera justicia!

Pero hay una razón que nos asiste más poderosa que todas las demás: somos cubanos, y ser cubano implica un deber, no cumplirlo es un crimen y es traición. Vivimos orgullosos de la historia de nuestra patria; la aprendimos en la escuela y hemos crecido oyendo hablar de libertad, de justicia y de derechos. Se nos enseñó a venerar desde temprano el ejemplo glorioso de nuestros héroes y de nuestros mártires. Céspedes, Agramonte, Maceo, Gómez y Martí fueron los primeros nombres que se grabaron en nuestro cerebro; se nos enseñó que el Titán había dicho que la libertad no se mendiga, sino que se conquista con el filo del machete; se nos enseñó que para la educación de los ciudadanos en la patria libre, escribió el Apóstol en su libro La Edad de Oro: “Un hombre que se conforma con obedecer a leyes injustas, y permite que pisen el país en que nació los hombres que se lo maltratan, no es un hombre honrado. [...] En el mundo ha de haber cierta cantidad de decoro, como ha de haber cierta cantidad de luz. Cuando hay muchos hombres sin decoro, hay siempre otros que tienen en sí el decoro de muchos hombres. Ésos son los que se rebelan con fuerza terrible contra los que les roban a los pueblos su libertad, que es robarles a los hombres su decoro. En esos hombres van miles de hombres, va un pueblo entero, va la dignidad humana...” Se nos enseñó que el 10 de octubre y el 24 de febrero son efemérides gloriosas y de regocijo patrio porque marcan los días en que los cubanos se rebelaron contra el yugo de la infame tiranía; se nos enseñó a querer y defender la hermosa bandera de la estrella solitaria y a cantar todas las tardes un himno cuyos versos dicen que vivir en cadenas vivir en afrenta y oprobio sumidos, y que morir por la patria es vivir. Todo eso aprendimos y no lo olvidaremos aunque hoy en nuestra patria se esté asesinando y encarcelando a los hombres por practicar las ideas que les enseñaron desde la cuna. Nacimos en un país libre que nos legaron nuestros padres, y primero se hundirá la Isla en el mar antes que consintamos





en ser esclavos de nadie.

Parecía que el Apóstol iba a morir en el año de su centenario, que su memoria se extinguiría para siempre, ¡tanta era la afrenta! Pero vive, no ha muerto, su pueblo es rebelde, su pueblo es digno, su pueblo su fiel a su recuerdo; hay cubanos que han caído defendiendo sus doctrinas, hay jóvenes que en magnífico desagravio vinieron a morir junto a su tumba, a darle su sangre y su vida para que él siga viviendo en el alma de la patria. ¡Cuba, qué sería de ti si hubieras dejado morir a tu Apóstol!

Termino mi defensa, no lo haré como hacen siempre todos los letrados, pidiendo la libertad del defendido; no puedo pedirla cuando mis compañeros están sufriendo ya en Isla de Pinos ignominiosa prisión. Enviadme junto a ellos a compartir su suerte, es inconcebible que los hombres honrados estén muertos o presos en una república donde está de presidente un criminal y un ladrón.

A los señores magistrados, mi sincera gratitud por haberme permitido expresarme libremente, sin mezquinas coacciones; no os guardo rencor, reconozco que en ciertos aspectos habéis sido humanos y sé que el presidente de este tribunal, hombre de limpia vida, no puede disimular su repugnancia por el estado de cosas reinantes que lo obliga a dictar un fallo injusto. Queda todavía a la Audiencia un problema más grave; ahí están las causas iniciadas por los setenta asesinatos, es decir, la mayor masacre que hemos conocido; los culpables siguen libres con un arma en la mano que es amenaza perenne para la vida de los ciudadanos; si no cae sobre ellos todo el peso de la ley, por cobardía o porque se lo impidan, y no renuncien en pleno todos los magistrados, me apiado de vuestras honras y compadezco la mancha sin precedentes que caerá sobre el Poder Judicial.

En cuanto a mí, sé que la cárcel será dura como no la ha sido nunca para nadie, preñada de amenazas, de ruín y cobarde ensañamiento, pero no la temo, como no temo la furia del tirano miserable que arrancó la vida a setenta hermanos míos. Condenadme, no importa, la historia me absolverá.



Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985, p. 99-138.
- AGUITON, Christophe. *O mundo nos pertence*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ALMEIDA, Lúcio F. *Lutas sociais na nova (des)ordem: o 11 de setembro e após*. Lutas Sociais, 8, p. 43-56. (http://www.pucsp.br/neils/downloads/v8_lucio_almeida.pdf).
- _____. *Não comprar gato por lebre: por um reexame da relação entre nacionalismo e antiimperialismo nos anos JK*. Lutas Sociais, 15-16, p. 77-90 (<http://www.pucsp.br/neils/index.html>).
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Jon Lee. *Che - Uma Biografia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- ANDERSON, Perry. *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, E. e GENTILI, P. (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23.
- ANTUNES, Ricardo. *Novos proletários do mundo na virada do século*. Lutas Sociais, 6, p. 113-124.
- ARBEX JR., José. *O Jornalismo Canalha*. São Paulo: Editora Casa Amarela.
- _____. *Showrnlismo: A notícia como espetáculo*. 4. São Paulo: Casa Amarela, 2005.
- AYERBE, Luis F. *Os Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, caps 7-8.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia a serviço da política*. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, nº. 21, out. 1955.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A revolução cubana e a América Latina*. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. Lisboa: Edições 70. 2004.
- BODIN, Jean. *Six Livres de la Republique*. 1576.
- BOITO JR., A. e ROJAS, G. *Estado e burguesia no Brasil e na Argentina: os governos Lula da Silva e Nestor Kirschner*. Comunicação apresentada no VI Encontro da ABCP 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *Brasil: nações imaginadas*. In: *Pontos e bordados. Escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A outra face da terra: movimentos sociais contra a nova ordem global*. In: *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 93-140.
- CERVANTES, Miguel de – *Dom Quixote*. 21. Col. Reencontro. Scipione, 2001.
- CHILDS, Harwood L. *Formação da opinião*. In: _____. *Relações públicas, propaganda e opinião pública*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1967. p. 77-93.
- DRAPER, Theodore. *Castrismo: Teoria e Prática*. Rio Janeiro: GRD, 1966.



DORNELES, José. *Definição sobre Sumário Executivo*. Disponível em: www.josedorneles.com.br. Acesso em 01/05/2009.

DRYZEK, John S. *Legitimidade e Economia na Democracia Deliberativa*. In: COELHO, Vera Schattan P. e NOBRE, Marcos (org). *Participação e Deliberação. Teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo, Editora 34: 2004.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1993.

GIMENEZ, Armando. *Sierra Maestra: a Revolução de Fidel Castro*. Zumbi, 1959.

GOMES, Wilson. *Negociação política e comunicação de massa*. In: *Transformações políticas na era da comunicação de massas*. São Paulo: Paulus, 2004.

GUERRA, Wendy. *Nunca fui primeira-dama*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Benvirá, 2010.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Trilogia Suja de Havana*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *O papel da sociedade civil e da esfera pública política*. In: _____. *Direito e democracia. Entre factilidade e validade*. Trad. Flávio B. Siebeneichler. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Bertrand Brasil. São Paulo, 2004.

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Coleção Pensadores. São Paulo, 1974.

HOBBS, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914 – 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KANT, Immanuel. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung*. Berlin, 1784.

KURZ, Robert. *Um sonho de liberdade*. São Paulo: FSP, 2005.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. 7ª edição, São Paulo: Ática, 2003.

LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Vozes, 2008.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. Cortez, 1996.

LUKES, Steven. *Poder: uma visão radical*. Brasília: UnB, 1980.

MAIA, Rousiley Celi M. *Dos dilemas da visibilidade midiática para a deliberação pública*. In: LEMOS, André (org). *Mídia.br. Livro da XII Compós – 2004*. Porto Alegre, Sulina: 2004.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio & MAZAGÃO, Marcelo. *Rádios Livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1987.





- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Várias edições (trecho da parte I);
_____. *Manifesto Comunista*. 3. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura Ilhada*. São Paulo: Xamã, 2003.
_____. *Os intelectuais cubanos*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MORAIS, Fernando. *A Ilha: Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. 30. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NASSER, Reginaldo Mattar. *Os arquitetos da política externa norte-americana*. São Paulo: EDUC, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
_____. *A Genealogia da Moral*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- PLATÃO. *As Leis (incluindo Epinomis)*. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 1999.
_____. *A República*. Tradução M. H. R. Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- RAMONET, Ignácio. *Fidel Castro: Biografia a duas vozes*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2006.
- SAAVEDRA, CAROLA H.. *Meios de comunicação em Cuba: problemas e soluções em tempos de crise*. Revista Espaço Acadêmico Nº 50 de Junho/2005.
- SAID, Edward W.. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SÁNCHEZ, Yoani. *Desde Cuba com Carinho*. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Donato Petrolini Jr. São Paulo: Contexto, 2009.
- SARTRE, Jean Paul. *Furacão sobre Cuba*. 5. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986.
- SHAIN, Yossi. *The Mexican-American Diaspora's Impact on Mexico*. Political Science Quarterly, v. 114, n. 4, Winter, p.661-691, 1999.
- SIEBERT, Friedrich, SCHRAMM, Wilbur, PETERSON, Theodore. *As Quatro Teorias da Imprensa*. 1956
- SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. V.1. Martins Fontes, 2003.
- TATAGIBA, Luciana. *Movimentos sociais e sistema político: um diálogo (preliminar) com a literatura*. Texto apresentado no VI Encontro da ABCP.
- TILLY, Charles. *Coerção, capital Estados europeus*. São Paulo: Edusp, 1996.
_____. *Reflections on the history of European state-making*. In: TILLY, Charles (ed.). The formation of national states in Western Europe. Princeton: Princeton University Press, 1975.
- WALLERSNTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PESQUISA sobre a República de Cuba. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuba>. Acesso em: 30/04/2009.
- PESQUISA sobre a República Cubana. Disponível em <http://www.vitruvio.com.br/revistas/read/>





drops/08.021/1742 Acesso em: 30/04/2009

PESQUISA sobre Diego Velázquez de Cuéllar, descobridor espanhol. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Diego_Vel%C3%A1zquez_de_Cu%C3%A9llar. Acesso em 30/04/2009.

PESQUISA sobre a Revolução Cubana. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-cubana.htm>. Acesso em 01/02/2010.

PESQUISA sobre o Castrismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Castrismo>; Acesso em 02/02/2010.

PESQUISA sobre o Partido Ortodoxo Cubano. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Partido_Ortodoxo. Acesso em 02/04/2010.

PESQUISA sobre Che Guevara. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Che_Guevara. Acesso em 28/04/2010.

PESQUISA sobre Cuba. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=301MON004>. Acesso em 15/05/2010.

PESQUISA sobre a origem da Revolução Cubana. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-cubana.htm>. Acesso em 15/06/2010.

PESQUISA sobre Castrismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Castrismo>; Acesso em 02/05/2010.

PESQUISA sobre correspondente cubana. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=301MON004>. Acesso em 28/04/2010.

PESQUISA sobre iluminismo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>; Acesso em 28/04/2009.

PESQUISA sobre espaço vital. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Espa%C3%A7o_vital. Acesso em 15/05/2009.

PESQUISA sobre José Martí. Disponível em: http://pt.wikiquote.org/wiki/Jos%C3%A9_Mart%C3%AD. Acesso em 28/04/2009

PESQUISA sobre a origem do nome de Cuba. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/08.021/1742>. Acesso em 02/05/2009.

PESQUISA sobre dados estatísticos de Cuba. Disponível em: <http://www.one.cu/>; Acesso em 28/04/2010.

PESQUISA sobre dados estatísticos cubanos. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cu.html>. Acesso em 15/05/2010.

PESQUISA sobre a visão dos cubanos em relação ao ponto de vista das gerações. Disponível em <http://www.icap.cu/Materiales%20interesantes/2-3-09hart.html>. Acesso em 20/06/2010.





Documentários

JUNIOR, Carlos A. Montaner. *Los nietos de la Revolución Cubana*. Cuba, 2009. 60 min.

SALAS, Roberto. *Cuba: Retratos da Revolução*. EUA, 2008. 100 min.

SALLES, Walter. *Diários de Motocicleta*. EUA, South Fork Pictures, 2004. 126 min.

SODERBERGH, Steven. *Che – Parte Um: O Argentino*. EUA, Europa Filmes, 2008. 134 min.

_____. *Che 2 – A Guerrilha*. EUA, Europa Filmes, 2009. 131 min.

STONE, Oliver. *O Comandante*. EUA/Espanha, HBO Documentary, 2003. 99 min.

WENDERS, Win. *Buena Vista Social Club*. EUA, EMI, 1999. 101 min.





